



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

### **Usage guidelines**

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

### **About Google Book Search**

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>



Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

### **Diretrizes de uso**

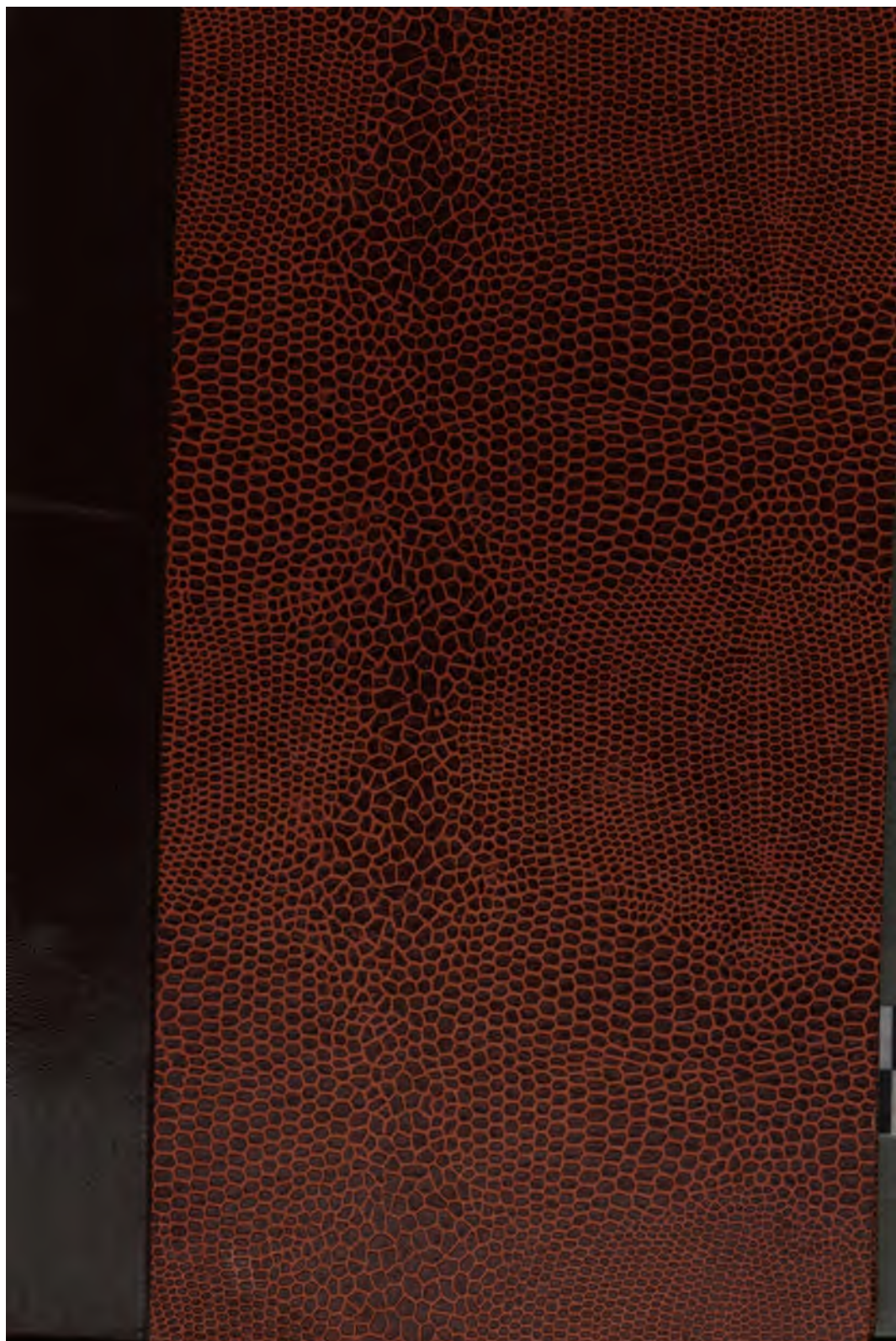
O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.  
A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.
- Evite consultas automatizadas.  
Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento óptico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.
- Mantenha a atribuição.  
A "marca d'água" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.
- Mantenha os padrões legais.  
Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As consequências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

### **Sobre a Pesquisa de Livros do Google**

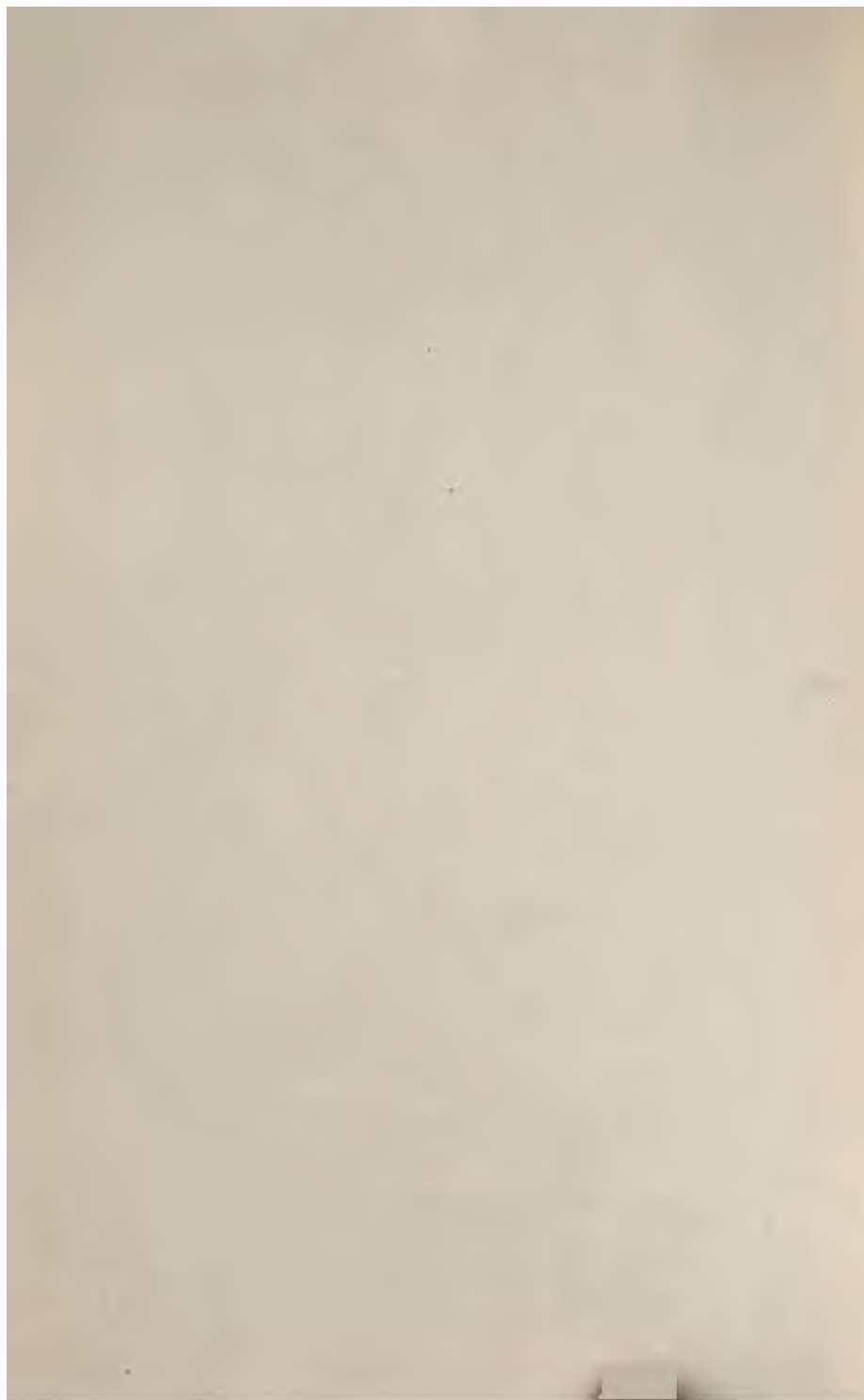
A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em <http://books.google.com/>



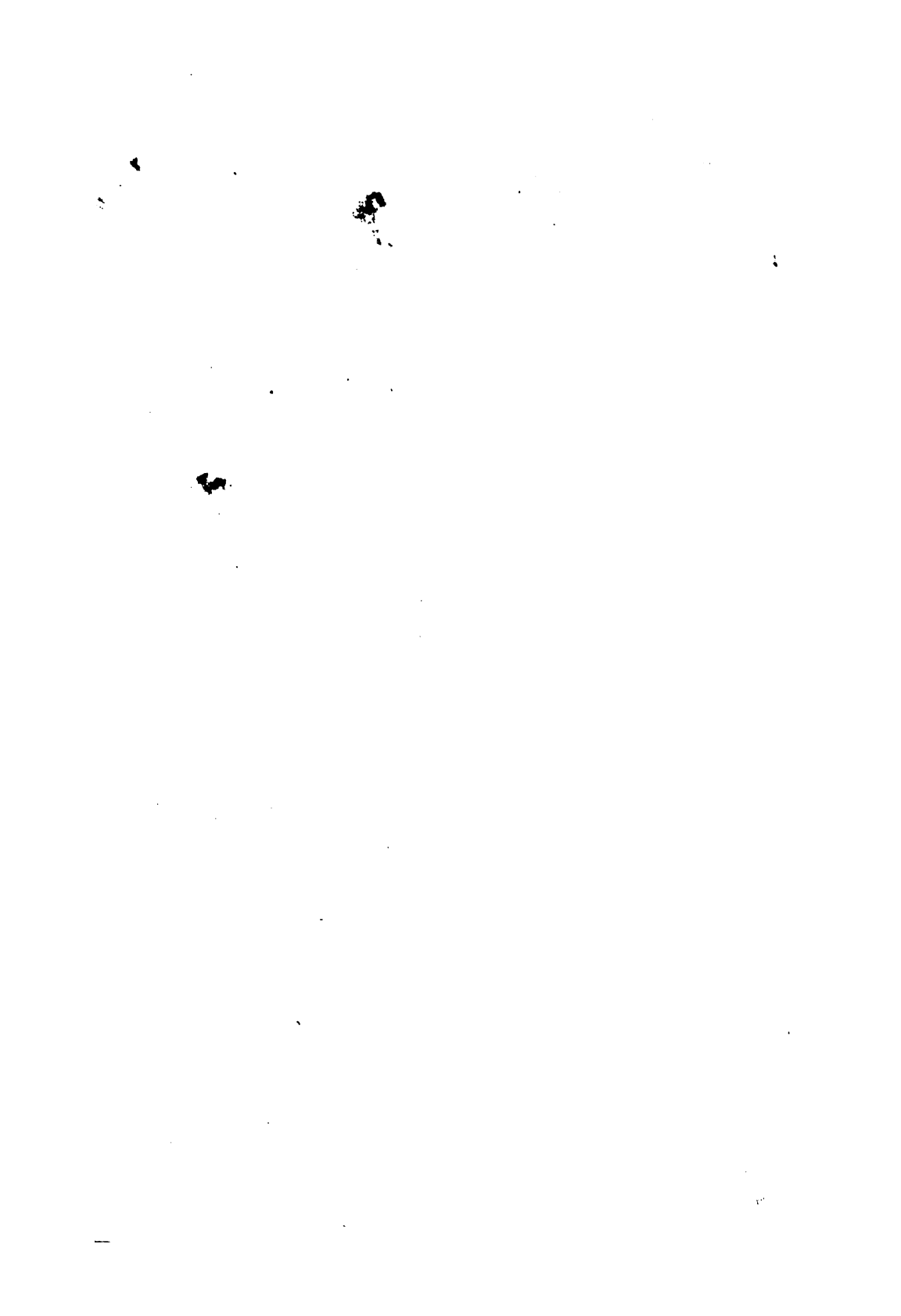


**STANFORD  
UNIVERSITY  
LIBRARIES**











VIAGENS PORTUGUEZAS

PORTUGUEZES E INGLEZES

EM AFRICA

ROMANCE SCIENTIFICO

POR

A. E. VICTORIA PEREIRA

TESENTE E QUARENTA



LISBOA

JOÃO ROMANO TORRES — EDITOR

109, Rua da Barroca, 109

1892





*1/2英里*

# PORTUGUEZES E INGLEZES EM AFRICA



VIAGENS PORTUGUEZAS

---

PORTUGUEZES E INGLEZES EM AFRICA

ROMANCE SCIENTIFICO

POR

A. E. VICTORIA PEREIRA

TENENTE D'INFANTERIA



LISBOA

JOÃO ROMANO TORRES — EDITOR

109, Rua da Barroca, 109

1892

DT 477

147

A MEU FILHO

JOSÉ ESTEVÃO

*Alumno do Real Collegio Militar*

---

*Vaes entrar na vida em occasião bem dolorosa, quando a patria exangue e moribunda lucta nos arrancos epilepticos e desesperados dos que foram fortes, e se encontram corroidos pelo microbio devorador da tísica, nos ultimos lampejos da alma que se esvae.*

*Se podesse mudar o curso ao tempo, não eras tu, meu filho, que receberias este legado funesto e pesado, que a mocidade d'hoje tem a administrar n'um futuro cheio d'encargos graves e onerosos, que só o seu sangue vivido e benefico poderá remir.*

*Quando leres as paginas que se seguem, e vires n'ellas derramado o veneno que nos deforma a existencia, e o odio que temos a esses filhos do norte, a esses flibusteiros que pululam d'uma ilha, como as termites terriveis dos seus cones d'argila, para atacar os fracos, os dormentes e os descui-*

*dados; lembra-te, que este livro foi escripto em 1891, quando a terra que nos foi berço se agitava n'um fremito de indignação e cholera, sob o influxo dos nefastos tratados, que a Inglaterra nos impoz, depois de esbofetear as nossas fâces com o «ultimatum» de 11 de janeiro de 1890!*

*Se o futuro que te é legado e aos teus companheiros escolares, fôr ainda cheio de maiores amarguras do que aquellas que ha mais d'um anno estamos soffrendo, não tornem só a culpa aos inglezes, recordem tambem que dos erros accumulados dos nossos governantes nasceu a doença fatal que nos mata, e que deveis a todo o custo debellar.*

*E, se houver a lucta heroica dos opprimidos contra os fortes, lembra-te, meu filho, que se não te fôr ainda confiada uma espada, não te negarão, por certo, uma carabina para o combate, aonde vencerás ou cahirás de frente, abraçado á bandeira da patria.*

*30 de abril de 1892.*

*Teu amigo*

**A. E. VICTORIA PEREIRA.**



# PORTUGUEZES E INGLEZES EM AFRICA

---

## PRIMEIRA PARTE

### MAGELINA A FILHA DE CONJI

---

#### I

#### EM PRETORIA

O relógio da casa de jantar de Sir Mac-Leod estava a terminar a nona martellada na sua sonora campainha, quando trez portas se abriram ao mesmo tempo, sahindo por ellas Drew e Edward Buckle, engenheiros de minas, e Sir Mac-Leod, todos inglezes de puro sangue.

A pontualidade britanica não podia ser d'esta vez posta em duvida, como o não é nunca, e a etiqueta de *gentlemen*, menos ainda.

Estavam estes trez personagens rigorosamente vestidos para jantar, como se se encontrassem n'algum dos esplendidos palacios de Portland-place, Regent-Street, Burlington, Grosvenor-square, nos de Lord Buckingham, na sala dos festins de Jacques 1.º em White-Hall, ou no proprio castello de Windsor, sendo commensaes da mais alta aristocracia do dinheiro e do sangue.

Sem proferirem palavra, cortejando-se com um leve movimento de cabeça, em que os hombros e o tronco cousa

alguma perderam da sua quadratura e prumada, estenderam ao mesmo tempo a mão direita, com uma uniformidade de movimento d'automatos, puxando para si uma cadeira, cada um se assentou á meza do jantar.

Trez creados, de casaca e gravata branca, emperdigados e direitos, como bons servos inglezes, entraram ao mesmo tempo, servindo os commensaes ao modo russo.

Constava aquelle jantar, verdadeiramente inglez de: um salmão de mais de metro, com um molho especial, cujo sabor se assemelhava *ao que teria um fogo d'artificio que se engulisse depois de estar a arder*, como diz Mr. Francis Wey; seguia-se-lhe uns pratos de caça muito cosida, bastantes peixes e assados. Na segunda coberta, entre innumeras iguarias singulares, não faltava o celebre bolo illustrado com hervas agres, e sallada temperada apenas com sal.

Havia pelo menos uma hora que os trez comiam e bebiam sem trocar palavra.

O jantar de Sir Mac-Leod era um banquete, e a frascueira estava fornecida de Porto, Madeira, Xerez, Malaga e Champagne, para todos os lords e engenheiros do Reino Unido que se lembrassem da excentricidade d'ir espalhar o seu *spleen* pela Africa, e especialmente por Pretoria, onde Sir Mac-Leod estava.

Outros, que não fossem estes inglezes, já ha muito estariam a dormir debaixo da meza, porém Sir Mac-Leod, Drew e Edward Buckle, conservavam a mesma imperturbabilidade do principio do jantar; sómente o seu olhar era mais vivo e a côr amarella debatida das suas faces tinha um tom roxo-terra, que as muitas luzes do lustre punha bem em evidencia.

Sir Mac-Leod levantou então o seu copo cheio de limpo Madeira e disse :

— *Gentlemens*, pela prosperidade da Inglaterra.

Hurrahs repetidos responderam a este brinde.

Estava acabado o silencio ; a conversação tornou-se geral e os brindes succederam-se.

Edward Buckle levantou-se e disse :

— Mylord, Sua Magestade a Rainha é a imperatriz das Indias ; a bandeira ingleza fluctua em Gibraltar, Malta, Gozzo, Indústão, Ceylão, Aden, Hong-Kong, Labuan, Perim, Nova Galles do Sul, Tasmania, Australia occidental e meridional, Victoria, Nova Zelandia, Queenslandia, Lavrador, Baixo e alto Canadá, Acadia, Novo Brunswick, Cabo Bretão, Ilha do Principe Eduardo, Terra Nova, Colombia, Ilha Vancouver, Stickeen, Antigoa, Barbados, Dominica, Grenada, Jamaica, Montserrate, Nevis, S. Christovam, Santa Lucia, S. Vicente, Tabago, Ilha das Virgens, Anguilia, Trindade, Guyana, Turk's Islands, Bahama, Bermudas, Balize, Ilhas Falkland, Gambia, Santa Helena, Costa do Ouro, Serra Leôa, Cabo da Boa Esperança, Ilha Mauricia, Natal, Costa da Guiné, e dentro em pouco em toda essa Africa, que os portuguezes dizem sua.

As ricas minas d'ouro, de prata e de diamantes que este solo abençoado encerra escondido, havemos de possuil-as, e, a todos os titulos de Sua Graciosa Magestade, juntar-se-ha o de *Imperatriz da Africa*.

Bebamos pois pelas prosperidades da Inglaterra.

Os hurrahs foram tão estrepitosamente repetidos, que quem passasse, diria estarem ali dezenas de pessoas.

Estes tres *honrados* inglezes já iam perdendo um pouco a *linha*.

Já não eram os frios e aprumados sujeitos do principio do jantar ; eram a intemperança personificada, e quem não estivesse habituado a estes costumes da maioria dos lords, extranharia tal incontinencia, mas quem tiver visto os quadros d'esse famoso Hogarth, que admiravelmente pintou os costumes dos seus conterraneos, e quem ler os obras primas de Byron, não se admira cousa alguma d'esta scena e das que se vão passar.

Os creados, segundo as ordens que tinham, retiraram-se para dar entrada a tres formosas pretinhas que vinham servir a sobremeza, composta de enormes pães de Chester e de Stilton, com manteiga fresca, e diversas fructas dos paizes mais longiquos.

O seu vestuario constava apenas d'uma tanga de franjas d'ouro, manilhas no pé direito e nos braços ; nas orelhas brincos de coral com forma de pingente, e no pescoço grossas contas de perolas !

Eram tres formosas raparigas, d'aquellas que das cercanias de Pretoria ali veem vender capata.

De formas esbeltas, olhos grandes e scintillantes, tinham por isso sido escolhidas pelo mordomo de Sir Mac-Leod para servirem milord e os seus hospedes e divertil-os depois do jantar.

As pretas accederam de boa vontade, quanto mais, que o mordomo não regateara os seus serviços, e os paes d'ellas receberam bem bons presentes, capazes até de fazer calar o mais escrupuloso, se ali os houvesse.

As pretas entraram alegres e prasenteiras com as salvas de prata na mão, contendo exquisitas fructas.

Sir Mac-Leod e os seus hospedes, ao mesmo tempo que saboreavam tão appetitosos pomos, iam suavemente sentando no collo as encantadoras serviças.

O que então se seguiu, adivinhe-o quem quizer; só direi que, as caricias de amor foram tão prodigalisadas por estas Venus d'ebano, como o seriam pela mais formosa *huri* do oriente, e o champagne transbordou das taças, dos labios d'estas deidades pretas, e dos estomagos d'estes gentlemens borrachos.

Eram duas horas da manhã quando os creados, que tinham na cosinha imitado os patrões na gula, entraram cambaleando e foram despir e metter na cama os seus excellentes amos, que ha muito tinham principiado o somno debaixo da meza, commodamente estendidos no tapete ao lado das formosas amantes, que, como elles, não deram por ser transportadas para a sua alcova.

Depois de terem cumprido conscienciosamente o seu dever de bons servos, tinham o *direito* de gosar como *lords*, e estes serios Johns sentaram-se satisfeitos nas cadeiras dos patrões e discutindo a grandeza da opulenta Inglaterra, conforme a sua lingua um tanto atrapalhada lh'o permitia, foram dentro em pouco repousar no chão, abraçados ás cadeiras, das fadigas do combate com tão temiveis inimigos como são o Porto e o Madeira.

Eram aquelles fieis filhos da Gran-Bretanha, creados particulares dos fundadores d'uma companhia que se propunha explorar o ouro dos dominios portuguezes de Sofala, Manica, Zumbo, e especialmente as importantes minas de Sabagué, situadas entre os rios Sabaqué e Bembese, cortadas pelo parallello 19.º, nas terras de Machona, no paiz dos Matebeles, antigo imperio do Monomotapá!

Sir Mac-Leod, o director em chefe, orçava pelos 40 annos; alto, espaduado e hirto, não andava como qualquer de nós: avançava em passo gymnastico, certo, cadencia-

do e rapido, quasi sem dobrar as pernas. Tinha tanto do andar do lobo, quanto na sua alma havia o instinto do chacal e no seu coração o sentir da ave de rapina.

Caminhava para a frente sem se importar com os obstaculos; acotovelava, pisava, esmagava os fracos e os desprevenidos que encontrava no caminho, sem compaixão, sem dó e sem remorso pelos seus lamentos, pelas suas queixas e pelas suas dôres.

Estava sempre em sua casa, em toda a parte; para elle não havia consideração de especie alguma com as pessoas por quem passava.

Tudo que não fosse inglez, que não fosse a sua Graciosa Rainha, não tinha valor.

O mundo era todo inglez, e se o não era, *havia de o ser*.

Sir Mac-Leod assim o entendia.

E em nome d'este principio, tratava os paizes estrangeiros como terra conquistada.

As suissas de Sir Mac-Leod é que o trahiam: por mais que se empertigasse, se impozesse e ordenasse, aquellas suissas ruivas e pouco povoadas de cabello, eram o traço que o havia de ligar eternamente á sua primitiva origem.

Eram as suissas do genuino *baixo tendeiro*, do fibusteiro do passado, do presente e do futuro.

E os olhos?

Se não diziam um poema de feitos heroicos, sublimes e bellos, fallavam na sua expressão esverdeada e baça, a linguagem dos pantanos lodosos, miasmaticos e mortiferos!

Nas veias de Sir Mac-Leod corria o sangue d'aquelle perverso Mac-Leod que no Canadá, em 20 de dezembro de 1837, debaixo das ordens do tenente da *milicia real*

Drew, assassinou cobardemente os foragidos da Ilha Navy, que depois d'uma ultima e desesperada resistencia pela independencia e autonomia da sua colonia, tinham ido, dizimados pelos canhões das baterias de Chippewa e pela fusilaria dos *Reaes* de Mac-Nab, procurar protecção a bordo do Carolina, pequeno vapor americano.

Estes desgraçados não podendo pernoitar na aldeia americana de Schlosser, por já não haver ali habitações disponiveis, esperavam fundeados no Carolina que amanhecesse, para se internarem, fiados no direito *das gentes* e na protecção da bandeira dos Estados-Unidos, foram por horas mortas da noute surpreendidos pelos carneiros inglezes, assassinados vil e cobardemente; e, estes sicarios, não contentes com tamanhas atrocidades, incendiaram o navio, cortaram-lhe as amarras; e o Carolina, impellido pela rapida corrente do Niagara, correu vertiginosamente para o precipicio das cataractas!!

D'ahi a pouco os lamentos dos moribundos e os gritos estridentes dos feridos foram-se misturar com o bramir rouco e medonho d'aquella immensa massa d'agua, que os precipitou no abysmo!!

D'aquelles heroicos descendentes de Jacques Cartier, d'aquelles *bonnés azues*, que em S. Bento, S. Eustacio, S. Carlos, S. Diniz, Quebec, Montréal, Manitoba e Ottawa, conjunctamente com Nelson, Papineau, Philippe Pacaud, Vandreuil, Hodge, André Farran, Willian Clerc, Sebastião Gramont, Brown, Desvieres, Gauvain Amiot, Marchessault, Maynant, Thomaz Harcher, Chemier, Lorimier e Ferreol, combateram com o delirio do heroismo e com o desespero dos loucos, em 1825, 1832, 1835 e 1837, pela integridade da patria, já não restava senão a lembrança d'elles no coração dos seus, e o odio eterno de todo o

mundo aos inglezes, pela acção barbara, infame ignobil, baixa, deshumana e vil, d'aquelle cannibal Mac-Leod.

.....  
Drew tinha 30 annos.

Edward Buckle 35.

Como o seu associado e chefe, eram *inglezes!*

Escusado será d'elles dizer, por ora, mais cousa alguma.

Dize-me com quem lidas .....

..... e este annexim nunca teve melhor applicação.

Eram estes *honrados gentlemens* negociantes e negreiros que estavam em Pretoria organisauo com elementos inglezes, acclimados áquellas regiões, uma expedição, que d'ali mesmo partiria directamente para a Machona, pelo caminho mais curto.

Pretoria, essa florescente cidade, que em 188... epoca em que principia a nossa historia, era finalmente a capital do Transvaal, reconhecido pela convenção de 1883 como republica independente da Africa Austral, depois de tantos esforços dos boers para se verem livres do dominio inglez.

E eram dignos de liberdade aquelles que, depois da revogação do Edito de Nantes, quizeram fundar uma patria no sul da Africa, onde socegradamente disfructassem as garantias sociaes que a Europa lhes regateava.

Eram merecedores da liberdade aquelles francezes e holandezes que tão altiva e nobremente resistiram em 1795 a Clark e ao almirante Elphinstone, que se apossou do Cabo em nome da Inglaterra!! E que só se submeteram pela força ao dominio inglez em 1806, quando aquella nação, desprezando a convenção d'Amiens, se lhes impoz brutal e perfidamente.



Eram crédores da liberdade aquelles homens altivos, heroicos e trabalhadores, que, para fugirem ao dominio barbaro e vexatorio dos inglezes, successivamente emigravam para o interior da Africa, para os sertões desconhecidos, conquistando aos Cafres, aos Zulos, aos Basutos e aos Gricuas, palmo a palmo, a terra aonde iam fomentando a civilisação e o progresso.

E, quanto mais arroteavam, desbravavam e conquistavam, mais os inglezes se iam internando atraz d'elles e tomando conta, em nome da Rainha, das suas terras, dos seus haveres e das suas pessoas!!

Mereciam a liberdade, aquelles que á custa do seu sangue nobre e valentemente derramado nos combates com Muzilicatezi, rei dos Matebeles, Dingam, chefe cafre, e outros poderosos chefes indigenas, fundaram as cidades de Piétermaritzburg, Potchefstroom, Lidenburg, Zoutpansberg e Pretoria!

Eram dignos de se governarem a si proprios aquelles que tanta vez foram victimas da deslealdade, da cubiga e da perfidia dos inglezes, que tão depressa assignavam o tratado de Sand River de 1852, reconhecendo a autonomia dos boers, como logo, em 12 de abril de 1877, pela voz de Sir Theophilus Shepstone, com uma sem cerimonia que faz pasmar, lhes *faziam saber* que o Transvaal, com todas as *suas* minas de ouro e de diamantes, era uma provincia ingleza!!!

E conquistaram direito de ser uma nação livre, aquelles que tiveram por chefes Pieter Retief, Gert Maritz, Adriano Pretorius e Francisco Burgers; aquelles que em tão curto espaço de tempo tinham já uma historia cheia de martyrios, de heroismes e de soffrimentos, luctando contra o poder da poderosa Inglaterra, contra o clima, contra a im-

mensidade do sertão desconhecido, contra os Cafres, os Zulos e os Bazutos, confiando na fé dos tratados com os inglezes e ludibriados centos de vezes, até á convenção de 3 de agosto de 1881, em que finalmente se viram livres d'um jugo tão odioso e insupportavel!!

Pretoria foi pois bem escolhida por Sir Mac-Leod para organizar a expedição com tudo de que careciam os exploradores d'aquelle *genero*, porque ali havia homens arrojados, soldados e mineiros, e todo o material necessario para a travessia da terra dos Matabeles e para o estabelecimento na Bechuana e no Machona.

## II

### ORGANISAÇÃO DA EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA A CONJI NO MOHONA

Os successos que o intrepido explorador Arthur de Magalhães<sup>1</sup> teve na Africa occidental, echoaram d'um extremo ao outro do mundo.

Portugal parecia ter voltado aos tempos felizes e aureos das descobertas maritimas do seculo XV, e do opulento commercio oriental do reinado de D. Manuel e dos monarchas da primeira metade do seculo XVI.

A corrente da opinião publica estabelecia-se na direcção dos nossos vastos e abandonados dominios africanos.

Os jornaes e os escriptores de pezo dedicavam columnas e paginas a mostrar aos incredulos as riquezas mineiras que aquelles novos Eldorados encerravam.

O indifferentismo indigena despertava por fim, e todos esperavam com ansiedade a chegada do vapor *Malange*, que conduzia a seu bordo um dos mais intrepidos e destemidos exploradores, o major Sotto Maior, que acabava de

<sup>1</sup> Vidé— *Uma exploração africana*— *A Nova Lisboa*.

percorrer o valle do Zambeze, e este rio até á sua confluencia com o Sanhate, subindo-o com grandes difficuldades, e só parando em Baniaes, onde passou para o Umniati, que explorou até ás suas nascentes nos Montes Cigarra e Machona, organisando a verdadeira hydrographia d'estas zonas, atravessando o Save no paralelo 19.º, visitando o celebre Mutassa, que lhe assegurou a sua fidelidade a Portugal, descançando no forte portuguez de Massi-Kesse, atravessando o Muse, affluente do Revue, descendo o Pungue desde a sua confluencia com o Mussania, e embarcando na Beira para Lisboa, aonde vinha expressamente para organisar uma expedição mineira nas terras de Manica e Machona, e fazer vantajosas propostas ao governo.

O sabio e pratico major elaborara um succinto e conciso relatorio da sua viagem, e acompanhara-o de amostras do mais puro diamante e do excellente ouro encontrado no districto de Manica e no paiz de Machona, antigo imperio de Monomotapá, para convencer aquelles que fossem bem teimosos e incredulos.

Porém d'esta vez, caso raro entre nós, a politica ainda se não tinha mettido no caso, e por isso o *povinho* pensando, como devia pensar, e fazendo justiça merecida ao intrepido e arrojado major, preparava-lhe uma ruidosa manifestação á sua chegada.

A sociedade de geographia era a primeira a disputar a honra de receber o major, honra que facilmente lhe foi concedida, attendendo aos altos e relevantes serviços que a sociedade tem prestado ao paiz em tudo que se relaciona com as nossas cousas ultramarinas.

Era dealumbrante o aspecto do formoso Tejo na manhã do dia 24 de julho de 188... As aguas limpidas e prateadas estavam cobertas de barcos de todos os tamanhos e

feitos, desde a elegante guiga do Real Club até ao barco catraio, e desde o vaporsinho esguio, delgado e airoso, movido por poderosa helice, até ao rotundo vapor de rodas da carreira de Cacilhas.

Parecia dia de gala: os navios de guerra e os mercantes, e toda a esquadilha de barcos que navegavam em diversas direcções, tinham embandeirado em arco, com os mais vistosos galhardetes.

Os marinheiros da pittoresca e variada flotilha, que ia esperar o major, também quizeram realçar aquelle acto, vestindo os seus fatos domingueiros.

Os barcos apresentavam um deslumbrante panorama nas variegadas côres dos vestidos das damas da nossa primeira sociedade, e das formosas e boas filhas do povo, que também quizeram com a sua presença mostrar a conta em que tinham os horoes do continente negro, e que dentro d'aquelles peitos fortes e vigorosos batia um bom e leal coração portuguez.

A's 10 e um quarto a torre de S. Julião da Barra fez o signal de estar á vista o *Malange*.

O Tejo era estreito para a quantidade de barcos, que a toda a força de remos e de vapor navegavam para a barra, ao saber esta feliz noticia.

Meia hora depois viam-se distintamente os passageiros do *Malange*, e o major Sotto Maior destacava-se bem entre a multidão que entolhava a tolda, pelo seu uniforme e elevada estatura.

A's 11 e meia estava o *Malange* dentro da barra, e a visita de saude, indo a bordo verificar as cartas, dava-lhe livre passagem.

D'ali até ao ancoradouro, defronte do Arsenal da Marinha, foi uma viagem triumphal, que recordava a chegada

dos navegadores do seculo XV e XVI, que descobriram os paizes, que são hoje a nossa gloria e o nosso pesadelo.

As musicas, alegres e potentes, enchem o espaço ethereo com as suas notas harmoniosas.

Estrondosos e unisonos vivas á *portuguesa* saudavam o major na sua passagem.

Finalmente o heroe d'aquelle dia desceu a escada do portaló e embarcou no escaler, que do arsenal o tinha ido buscar, e em poucas remadas chegou a terra.

Ali o delirio dos seus admiradores foi enorme, e subiu a tal ponto, que tiraram os cavallos ao carro que devia transportar o major ao Hotel Braganza, e á força disputaram a honra de conduzir tão benemerito cidadão.

No hotel, o major tres vezes teve que chegar ás janelas e fallar nas suas viagens, nos paizes do ouro, dos diamantes e no brilhante futuro que estava reservado a Portugal, quando o povo, essa alavanca poderosa, o ajudasse no seu empreendimento.

A multidão a custo se convenceu de que o seu heroe tambem era homem; que o ser humano necessita de refazer as suas forças para poder continuar nos trabalhos da vida, e que o major Sotto Major tinha feito uma viagem de tres annos atravez de regiões faltas de todos os recursos dos paizes civilisados.

A' multidão succedia a multidão ávida de vêr e admirar aquelle que na Africa oriental ia realisar trabalhos herculeos, que fariam renascer o nosso passado e ultrapassar os tempos em que os pesados galeões e as carregadas naus das Indias transportavam as riquezas fabulosas, de que, infelizmente, nos não soubemos aproveitar.

Alguns momentos bastaram ao major para mudar de fato, lanchar, e estar prompto a sahir e procurar o mi-

---

nistro da marinha, apresentar-lhe os seus respeitos e o relatório.

O major bem tinha visto pelos seus próprios olhos que era urgentissimo organizar expedições; avassallar os reinos visinhos, reduzir á obediencia os que, moradores nos prazos da corôa, estavam em completa rebeldia havia annos, construir em diversos pontos fortes bem artilhados, e tornar efficaz e permanente a occupação africana, a não querermos que os *bons dos nossos amigos e fieis aliados*, invadissem e se assenhoreassem, com a maxima sem-ceremonia do mundo, de todos os nossos antigos dominios d'além-mar, e accrescentando um simples *land* á terminação dos nomes das povoações portuguezes, ellas, por esta commoda e barata conquista, fossem engrinaldar a corôa de Sua Graciosa Magestade com mais um *Ducado*, um *Reino*, ou um *Imperio* !! -

As propostas do major eram todas acceitaveis, e, se o ministro as não approvou logo, foi porque desejou, em caso tão importante, ouvir os seus collegas.

As propostas eram pouco mais ou menos estas :

O governo consentiria na organização d'uma companhia civilisadora e mineira, que se estabeleceria no Machona proximo do rio Sabagué, tendo como limites da sua area d'acção, ao sul o parallelo 22.º, ao norte o 17.º, a leste o 33.º de longitude E de Greenwich e a este os territorios avassallados e os que podesse avassallar, resalvando os direitos adquiridos por outras companhias.

A companhia teria todas as garantias e fóros que teem do governo inglez as companhias Forbes Reef Gold Miniry Co, Ls, Swasiland African Gold Estates Co, Pigg's Peak Estate and Gold Miniry Co, Wylds dale Gold Exploraiton and Developing Co, as celebres companhias dos

Lakes, South African Company, e outras. A companhia seria denominada Companhia Mineira e Civilisadora do Machona.

O governo garantiria o juro de 5 % ao capital de quatro mil contos, que a companhia levantaria em Portugal.

O governo consentiria na organização d'um regimento de policia, composto de dois mil homens, e facilitaria os melhoes officiaes para o commandar.

O governo forneceria armas dos ultimos modelos para os expedicionarios, peças de artilheria, metralhadoras e mais petrechos de guerra necessarios á segurança individual dos colonos.

Por sua parte a sociedade obrigava-se a :

Dar por anno ao governo 10 % do producto liquido dos seus rendimentos.

A levantar aldeias, villas e cidades em diversos pontos do terreno concedido.

A construir vias rapidas de communicação com a costa, á proporção que fosse realisando capitaes.

A avassallar e reduzir á obediencia os regulos lemitrophes e dentro da sua área d'acção.

A reprimir, por todos os meios ao seu alcance, o trafico da escravatura.

A empregar sómente operarios portuguezes, etc.

No dia seguinte ao da chegada do *Malnige*, El-Rei tinha-se dignado receber o major, dando-lhe assim uma prova inequivoca do alto apreço em que tinha os seus serviços, e para mais lh'o testemunhar, tirou do peito da sua farda d'almirante, que tinha vestida, a commenda da Torre Espada do Valor Lealdade e Merito, e collocou-a por sua mão no peito do bravo, que tantos serviços prestara e ia



prestar á patria, acompanhando El-Rei esta merecida recompensa com palavras do mais subido louvor.

O ministerio, depois de larga conferencia, accceitou todas as propostas do major, accrescentando-lhe algumas ainda, tendentes a beneficiar a sociedade.

Em Lisboa e nas provincias não se fallava n'outra cousa, e aquelles que, pelo receio ou negligencia não tinham corrido ao convite do dr. Arthur de Magalhães, <sup>1</sup> quando este sabio explorador descobriu as minas do Cubango na Africa occidental, eram agora os primeiros a alistarem-se nas bandeiras do bravo major.

O emprestimo de quatro mil contos foi tres vezes coberto!

Os argentarios portuguezes tinham finalmente aberto as suas *burras* e escancarado os seus cofres aos empreendimentos africanos, e a agiotagem soez, tacanha e pequena foi posta de parte.

O major era incansavel na organização da expedição, e n'um mez estava prompto a partir, tendo por companheiros: o engenheiro Pedro Costa, os conductores d'obras publicas João Chagas, Manoel Curado, Raul Montenegro e Paulo d'Avellar, o dr. Antonio de Lima, os capitães do exercito Alfredo de Magalhães, Alfredo Estrella, Francisco do Villar, o tenente Alfredo de Sousa e mais oito alferes.

Dos homens que comporiam a policia da companhia, sómente quinhentos seriam europeus; os restantes recrutar-se-hiam nos indigenas africanos.

Uns duzentos operarios, com suas familias, estavam tambem promptos a partir.

O major teve que fazer uma rigorosa escolha entre os

<sup>1</sup> Vide — *Nova Lisboa*.

---

offerecidos, por não poder a expedição constar de tanta gente, ficando por isso composta dos homens mais robustos, honrados e honestos, e dos artistas mais habéis.

Cousa alguma faltava ao grande material que fazia parte da expedição, e os diversos ramos de serviço estavam divididos em secções, com os respectivos chefes e pessoal correspondente.

Havia barracas de tecidos levíssimos e impermeáveis, barcos d'armar e desarmar, pontes do systema mais aperfeiçoado, instrumentos de precisão e agricolas, armas de guerra e de caça, munições em abundancia, fato e calçado de sobresalente, trens d'ambulancia, cosinhas e fornos portateis, trens telegraphicos, estufas de desinfeção,apparelhos electricos adequados a diversos misteres, e objectos para permutas e presentes durante a travessia da Beira (Bangue) ás terras de Machona, onde a expedição ia iniciar os seus trabalhos.

O major, antes de partir, fez uma brilhante conferencia na Sociedade de Geographia, em que mostrou á evidencia, que o territorio de Machona, Manica, Zumbo e parte do paiz dos Matebeles nos pertencia ha muito, tendo nós tido já n'aquellas paragens dominio effectivo desde o parallelo 23.º sul, que corta o rio Bembe ou dos Crocodillos, até ao Zambeze, como ainda hoje se vê pelas ruinas dos fortes, ermidas e feitorias portuguezas na confluencia do Losani com o Bembe, em Tati, Charlei, Montes Doro, Intelete, Quitamburaise, Imbila e outros. Entre muitos documentos leu uma escriptura transcripta da decada 13 de Antonio Bocarro, assignada pelo imperador de Monomotapá, feita em 1 d'agosto de 1607 nas margens do Mazoe ou Manzove, em que aquelle potentado fazia doação á corôa portugueza de todas as minas d'ouro, cobre, ferro, es-

---

tanho e chumbo que existissem no seu imperio, isto em paga de Diogo Simões Madeira, capitão de guerra, o restabelecer no throno, e ajudal-o na guerra contra o Matuzianhe, que lhe tinha roubado algumas terras. <sup>1</sup>

A selecta sociedade applaudiu muito o major e louvou o seu aturado estudo d'investigador, e este, querendo tornar bem patentes os nossos direitos aos terrenos que lhe tinham sido concedidos para explorar, e ainda outros limitrophes, para que não viesse *alguem* contestar-lh'os, leu mais o tratado de vassalagem do mesmo imperador ao rei de Portugal, datado de 24 de maio de 1629, que está no livro das Munções, e transcripto na collecção dos tratados da India.

Leu tambem a doação feita pelo imperador D. Sebastião, em 23 d'outubro de 1644, das terras de Chicanga, Gume, Mocambe, Macome, Vumba, Biri, Macaracote, Quizava, Motava, Samacamba, Motete, Nepongó, Arare, Saranloga, Neregueme, Chucumanbara, Cubis, Nesomba, Niguixanga, Macraure, Mezangue, Nezangano, Nherano, Chipururo, Sono, Inhabane, Mucamba, Cabo das Correntes e outras; <sup>2</sup> terras estas incorporadas hoje aos districtos de Manica e Sofala, isto em paga dos relevantes serviços que lhe prestou o capitão mór Sisnando Bayão contra Moneum Sacandimo.

A illustrada assembleia abraçou no auge do maior entusiasmo o major Sotto Maior, quando este, depois de ler um depoimento feito em 1633 por Frei Gaspar Macedo, lente de artes e theologia no convento de Senna, <sup>3</sup>

<sup>1</sup> Vidé nota n.º 1. — Este documento existe na Torre do Tombo do Estado da India.

<sup>2</sup> Vidé nota n.º 2.

<sup>3</sup> Vidé nota n.º 3.

terminou a conferencia pelas seguintes palavras: «Com a vossa illustrada coadjuvação, com os esforços dos meus companheiros, tenho fé, senhores, que Portugal, pequeno no continente, será na Africa um vasto imperio, d'onde irradiará a riqueza, a civilisação e a liberdade para os nossos irmãos de côr, que existem vilmente escravizados por aquelles que os roubam, assassinam e violam, e, na Europa hypocritamente se dizem deffensores da escravatura; esses senhores... são os inglezes!»

.....

No dia 1 d'agosto devia a expedição embarcar nos vapores *Malange* e *Rei de Portugal*, da Mala Real Portugueza, indo o material nos vapores de guerra *India* e *Africa*, que lhes serviriam tambem d'escolta.

A' última hora o doutor teve que admittir mais um expedicionario: era o tenente d'armada real Alberto Carlos de Saldanha, rapaz de 21 annos, já conhecido em Lisboa pelos seus serviços em Africa, e pela coragem com que tinha desempenhado espinhosas e perigosas commissões.

Alberto Carlos só á ultima hora podera dispôr de si, porque havia dois dias apenas que regressara d'Angola.

### III

#### A CAMINHO D'AFRICA

A esquadilha que conduzia a expedição navegava a toda a força de vapor.

A formosa costa do Algarve desaparecia á vista dos expedicionários Machonos.

As ilhas d'Armona e Tavira já confundiam as finas e brancas areias das suas praias com as suaves ondulações do oceano.

A alterosa e negra serra de Monchique ia perdendo as formas altivas e magestosas sumindo-se no horisonte e no infinito.

O ultimo marco da patria querida, a derradeira imagem do territorio de Portugal, escondeu-se á vista d'aquelles homens arrojados.

Sómente a saudade pelos que ficavam e a lembrança pungente da terra natal, senão apagava do seu coração.

A esquadilha singrava as aguas do golpho de Cadiz.

O mar estava sereno e bello, o sol tinha-se sumido nas profundezas do oceano, dourando com os seus raios d'agosto as costas da cavalheirosa e ardente Hespanha.

O cabo de Trafalgar e a ponta de Tarifa foram dobrados pela noute adeante.

Só os vigias e os officiaes de quarto avistaram os seus pharoes envoltos em nebrina branca, confundidos na tenue claridade do luar.

Eram 11 horas da manhã quando a esquadriha fundeou debaixo das baterias dos milhares de canhões de Gibraltar.

Os passageiros tiveram trez horas para ir a terra.

Era pouco tempo para admirar aquelle colosso de pedra furado por todos os lados, e em todas as direcções, cheio d'extensas galerias, em que trabalharam centenas d'operarios, e em que os inglezes gastaram milhares de contos.

Os que poderam fretar barcos, desembarcaram no caes artilhado, onde de todos os lados eram ameaçados pela bocca negra dos canhões.

Internaram-se na rua Real, e, por entre a confusa multidão d'andaluzes, inglezes, mouros, judeus, marroquinos, argelinos, italianos e de individuos de toda a parte do mundo, foram admirando os variados objectos expostos á venda nas innumeradas lojas.

Depois de percorrerem diversas ruas de casas de tijolo, d'uma uniformidade monotona, obtiveram licença para se internar nas entranhas do monte.

Uma guarnição de mais de seis mil homens occupava tres ordens de fortificações acasamatadas e vastas praças d'armas subterraneas.

Caminhos cobertos, rampas, corredores sem fim, largos e ruas, ligavam todo aquelle interior de monstro, que se não fossem os numeros e indicações que tinham, seria difficil, mesmo aos mais experimentados, sair de tão intrincado labyrintho.

Os expedicionarios não sabiam se deviam maravilhar-se

mais de ver as novecentas plataformas em que giravam canhões de todas as dimensões, desde doze até cem toneladas, se o trabalho gigante e extraordinario da perfuração do ventre da montanha, onde os ventiladores não deixavam respirar esse ar abafado e mephitico dos subterraneos.

Depositos d'agua abasteciam aquella multidão de soldados, sem o perigo d'ella faltar no mais apertado cerco. Diversos armazens estavam sempre fornecidos para resistir annos até, ao ataque de grandes forças !

Depois de terem visitado os baluartes de Montagne, d'Orange, do Rei, do Sul, da Victoria, do Caes Novo, as baterias d'Alexandria, Principe Alberto, dos Engenheiros, Rosia, Wellington, artilhados com peças de doze e de trinta e oito toneladas ; de verem as tres baterias em amphitheatro do Principe, da Rainha e de Willis, que enfiam o eixo do isthmo, o caes velho e a praia hespanhola de Poniente, subiram ao mais alto do monte, á soberba bateria Black Mouth, que rematava aquelle colosso com entranhas d'aço e de bronze !

Colosso monstro, que, desde as plantas dos seus enormes pés, até ao alto da potentosa cabeça, arrojava o ferro e o fogo, a morte, a devastação, o destroço e o extermínio, por todos os poros do seu tronco gigante !

D'ahi a pouco a esquadilha levantava ferro, deixando na esteira da pôpa a poderosa montanha de que os inglezes, em 1 d'outubro de 1704 se apossaram, durante o enfraquecimento dos hespanhoes pelas desgraçadas guerras da successão.

O tratado d'Utrecht sanccionou a posse d'esta soberba fortaleza, que, depois de reparada pelos seus novos possuidores, resistiu aos cercos de 1778 e 1782, e resistirá a outros futuros, permanecendo nas mãos dos senhores dos

mares, como a chave do mediterraneo, até que haja um grande cataclysmo europeu.

O amavel commandante da esquadriha deu ordem para que os navios navegassem quanto possivel á terra, para os passageiros irem desfructando o bello panorama da costa d'África no Mediterraneo, e a viagem não ser tão monotoná, como o são aquellas, em que só se avista céu e mar.

O major Sotto Maior formava um grupo á pôpa, com o commandante do navio, Dr. Lima, padre Maia, officiaes e engenheiros.

Os seus oculos d'alcance poderoso estavam fixados nos variados contornos da costa de Marrocos.

Ceuta, a antiga cidade tomada pelos portuguezes aos mouros em 21 d'agosto de 1415, pelos esforços dos nossos homericos antepassados, tendo á sua frente o celebre e erudito infante D. Henrique, já se ia sumindo no horisonte, e d'essa portentosa columna d'Hercules, só existia na mente dos viajantes a recordação dos tempos da fidalga cavallaria portugueza, e o desgosto de verem fluctuar no alto d'aquellas muralhas, desde a restauração de 1640, a bandeira hespanhola, onde deveria estar içado o estandarte das quinas.

A' prôa dos navios apparecia um rochedo internado pelo Mediterraneo; era uma sentinella avançada dos hespanhoes, a cidade de Melilla, que elles tinham tomado aos arabes em 1496.

D'ahi a pouco os navios deixavam as costas hespanholas, e navegavam nas aguas da colonia franceza d'Argelia e Oran, que, com as suas grandes fortificações occupavam cento e setenta e dois hectares. Os seus magnificos edificios europeus eram avistados pelos expedicionarios, que ao mesmo tempo admiravam a belleza da vasta enseada



---

de Mers-el-Kebir, e as altas montanhas do Leão, Trara, Thessalaz, Dahra e Ourensenis.

Apenas tinham passado defronte de Arsew, o decadente emporio d'opulento commercio, avistaram no fundo d'uma enseada a formosa e rica Tenés, cercada dos altivos cabos Ued-el-Allah, Ténés e Tassilitz, em cujo ventre o cobre, o ferro, o carvão e o esplendido marmore, se gera e cria, para enriquecer a emprehendedora colonia franceza, que explora estas productoras minas.

Estava a anoitecer quando os navios fundearam defronte d'Argel.

O bello céu d'esta latitude não tinha sequer uma nuvem; as aguas azues e transparentes do Mediterraneo estavam serenas e tranquillias como as d'um lago.

Os derradeiros raios de sol, que ao longe recolhiam ao seu palacio das aguas, douravam as ultimas casas edificadas no alto do monte, aonde chega a formosa cidade africana.

Até ahi a viagem tinha sido um lindo passeio pelo mar, e os expedicionarios Machonos não tinham tido tempo sequer para sentir saudades da patria.

Poucos foram aquelles a quem foi concedida licença para ir a terra; a esses ficava o encargo de contar a impressão que lhes causara a quantidade de francezes, judeus e musulmanos que passeavam pelo extenso boulevard de *la Republique*, pela praça do *Gouvernement*, de *Mahon*, *Isley*, de *la Lyre*, *Malakoff*, *Chartres*, *Bresson Randon*, *Victoire*, e pela grande rua da Marinha.

Esses que tinham admirado a estatua equestre do duque de Orleans, o palacio do governador, d'architectura mozarabe, de magnificas decorações e mobilado com um luxo e uma riqueza oriental; as vinte e uma mesquitas

arabes, e o bello campo, onde correm os mais finos cavallos de raça pura, — diriam aos outros companheiros, que esta formosa cidade é uma joia do thesouro da França, e um campo militar onde os seus soldados desde 5 de julho de 1830, dia em que lhes foi entregue por Husseinben Hassen, exercitavam os seus habitos de tradicional bravura.

Os navios levantaram novamente ferro e passaram de noute e ao largo de Bugia, Philippe-ville e Bona.

Ia a amanhecer quando a esquadilha dobrava a ponta de Bizerta, e deixava atraz de si essa famosa Carthago, que tanto illustrou as artes e as sciencias na antiguidade, e tantos heroes e guerreiros produziu.

O dia que despontava, não podia, sem sensivel atraso na viagem, ser navegado costa a costa.

A grande curvatura concava que a bacia de Tripoli descrevia até á ponta do cabo Razat, obstava a que o commandante proporcionasse á expedição a vista salutar da terra.

Durante este dia, e os seguintes a esquadilha navegou ao mar, tendo por horisonte a immensidade do Mediterraneo e o céu puro e azul do sul da Cecilia e da Grecia.

No dia 8 de manhã foi com alegria avistada Tolometa e os restos dos seus derrocados monumentos gregos e romanos, e dobrado o cabo Razat.

D'ali até Port-Said a viagem duraria, quando muito, tres dias, e os navios iriam juntos da terra quanto possivel, para de bordo se disfructar as longas praias do Baixo Egypto.

No dia 11 estavam á vista da grandiosa Alexandria, situada n'uma lingua de terra banhada pelo mar e pelo lago Mareotis, e ligada com o Nilo por um notavel canal.

Os expedicionarios mal distinguiam com os seus oculos

poderosos, os opulentos e innumerous edificios da cidade europea, edificada na parte oriental, e as tortuosas e sujas ruas da cidade mahometana, na parte occidental; recordando uma e outra as magnificencias da segunda cidade do mundo da antiguidade, fundada por Alexandre, e que viu no seu solio assentarem-se os Ptolomeus, os Pharaós e os Cezares, e teve por senhores os romanos, os arabes, os turcos, os francezes, e por ultimo os inglezes e os turcos!! Ali existia uma das sete maravilhas do mundo, o grandioso pharol da ilha de Pharos, o magestoso templo de Serapis, todo construido do mais fino marmore, e a celebre columna de Pompeu e as tradicionaes Agulhas de Cleopatra!

Ali havia a maior e a mais rica bibliotheca do mundo, quatro mil magestosos palacios, quatro centos circos para divertimentos publicos, tres mil e tantos banhos, — pontos de reunião da mais fina sociedade e das formosas damas, e a quantidade fabulosa de doze mil jardineiros, sómente para abastecer os milhares de esplendidos jardins particulares, de flôres raras, de todas as partes do mundo!

Cidade celebre por muitos motivos, e que ainda hoje é um dos emporios mais importantes do commercio africano, europeu e asiatico.

A foz de Rosetta e Damietta foram passadas a toda a força de vapor; havia o maior empenho em chegar a Port-Said a horas de tomar o carvão necessario para a travessia até Aden, onde novamente se abasteceriam; e por isso os expedicionarios não poderam ver em Rosetta a grande mesquita e as casas formadas de tijolo vermelho, que á luz do sol poente parecem as labaredas do inferno de Dante; e em Damietta, que ficava a 11 kilometros da foz do Nilo, os seus luxuosos banhos e a bella escola militar d'infanteria.

O Nilo, com as suas bocas, formando delta desde o Cairo, tambem mal foi entrevisto ao longe, e esse rio, que tem sido ha tempos immemoriaes objecto de tantos estudos, desde as descripções de Herodoto, Eratosthenes, Plinio, Seneca, das expedições ordenadas por Nero, das informações de Ptolomeu, dos importantes trabalhos de Duarte Lopes, até aos de Burton, Speke, Baker, Livingston, Cameron, Stanley, Bellefonds, Gessi e Mason Bey, com os importantes canaes artificiaes, e os bellos lagos, e com os problemas, ainda não resolvidos de todo, das suas nascentes, apenas foi visto misturar as aguas amarelladas com as aguas azues e transparentes do Mediterraneo.

Eram 6 horas da tarde quando os navios largaram ferro em Port-Said, e que o commandante fez saber aos passageiros que ia metter carvão, e só no outro dia ás 7 horas da manhã poderia estar no canal de Suez.

Os passageiros aproveitaram estas ferias de viagem, e como os collegiaes que, prezos ao banco das aulas, se precipitam para a rua ao toque da sineta, assim elles foram para terra exercitar as pernas prezas, havia doze dias.

Os expedicionarios ao pisar as ruas de Port-Said, julgaram-se n'uma cidade da Europa. As construcções em coisa alguma eram semelhantes ás construcções arabes, a não serem os telhados, um pouco ponteagudos; porém a grande quantidade de *chalets*, verdadeiramente parisienses, faziam logo esquecer esse nada, para lembrar o formoso Paris, com as suas grandes lojas, botequins, roletas, cafés cantantes, e o movimento de milhares de pessoas de todas as partes do mundo, que passavam e repassavam pelas espaçosas praças e largas ruas.

No outro dia, ás 7 horas, os navios levantavam ferro e

---

deixavam essa cidade, que deve a vida ao grande genio de Lesseps, e é irmã gêmea do Canal de Suez.

Os quatro navios, que formavam a esquadilha, entraram no estreito canal, tendo que diminuir a velocidade do andamento a duas milhas por hora, para que a ondulação das aguas não fizesse derrocar a areia das margens.

A' mente do major Sotto Maior, e dos expedicionarios cultos, veiu a lembrança do grande vulto d'Affonso d'Albuquerque, o primeiro que concebeu o plano de ligar o Mediterraneo com o oceano indico, por meio do canal de Suez, e abbreviar assim o caminho das Indias, idéa que o sabio e tenaz Ferdinand Lesseps levou á realidade em dez annos, sendo começados os trabalhos de construcção em 1859, e os de estudo em 1855, pelos engenheiros francezes ao serviço do Egypto, Linant Bey e Mongel Bey.

Os navios, com pequena velocidade, foram navegando pelos córtes d'areia no extremo oriental do lago Mensaleh, atravessaram o lago Ballah, e internaram-se n'uma das partes do verdadeiro canal, isto é, no cóрте desde o lago Ballahaté ao lago Timsah, onde está Ismailia.

Era noite quando ali chegaram, e a esquadilha teve que esperar a passagem d'outros navios que vinham do lado opposto, porque o canal tem muitos sitios, que não comportam a passagem de dois barcos a par.

O canal até ali era ladeado d'uma e d'outra margem pela vasta areia do deserto, terror das caravanas, monotonna, insuportavel á vista, e perigosa por todos os motivos; causando a morte com as suas tempestades, e opthalmias com as tenues nuvens, que sempre andam n'aquella atmosphaera de fogo.

Nenhum dos passageiros quiz ir de noite a terra ver Ismalia, que coisa alguma tem de notavel, a não ser o pala-

cio do Kediva, e o seu bello arvoredó, que contrasta com toda aquella aridez suffocante que a cerca.

De madrugada, a esquadilha tornou a navegar no estreito e monotono canal, que apenas tinha para lhe animar a perspectiva arida, a rara e rachitica vegetação, com que á força de cuidados e desvelos os guardas das diversas estações teimavam em rodear as suas casas isoladas.

Esta mesquinha paisagem só teve um momento de variedade, e foi quando navegavam a grande bacia dos Lagos Amargos.

A's duas horas entraram no golpho de Suez.

A cidade ficava a distancia e como tambem não offeria curiosidades notaveis, não houve o desejo de ser visitada.

O Golpho de Suez foi navegado a toda a força de vapor, porque havia necessidade de recuperar o tempo perdido.

O massiço do Sinai, as montanhas de Um-Shomar, Serbal, Mousa ou de Moysés, Horeb, Santa Catharina, d'um calcareo e granito vermelho escuro, como se estes montes estivessem em fusão, passaram rapidos á vista dos viajantes, e lá ficaram erguidos na peninsula arabica, com todas as lendas biblicas d'esse vulto egregio, Moysés, que no alto do monte Sinai recebeu as tabuas da lei, esse poema da confraternidade humana.

O calor era excessivo: as bombas de bordo refrescavam continuamente a coberta e os triplices toldos dos navios. Os passageiros abafavam, e os banhos que procuravam para refrescar a abrazada epiderme, pouco modificavam a temperatura asphyxiante da travessia do mar Vermelho.

Os navios navegavam em pleno mar, e só uma vez ou outra era avistada alguma insignificante ilha da costa arabica, ou alguma terra da beira mar.

Tres dias depois passaram perto de Djeddah, cidade arabe de casas muito caiadas e telhados ponteagudos, onde existe o tumulo d'Eva, a primeira mulher que habitou a terra, e d'onde partem as grandes caravanas que vão a Meca e a outros pontos buscar todas as riquezas do fabuloso oriente, com o grave risco de serem mortos pelos beduinos, os senhores do deserto.

Dois dias depois estavam em frente de Hodeida, tendo deixado atraz de si toda essa immensidade de ilhas com base de coral, que bordam a costa.

No dia 20 fundeavam em Aden, aonde deveriam tomar carvão sufficiente para ir até á enseada do Buzio e para o regresso.

A expedição precipitou-se nos barcos que a conduziu a terra, ávida de pisar a crosta d'esse globo que ha dias apenas entreviam das amuradas dos navios, como miragem fugitiva.

Em poucos momentos a expedição em massa desembarcava no caes Steamer Point e tornava a ver as pesadas fortificações com que os inglezes desde 1839 fecham o mar Vermelho e o caminho das opulentas Indias.

Por toda a parte, Aden, a antiga *Ademum*, fazia recordar as glorias e os feitos heroicos dos portuguezes, e para attestar a nossa posse antiga ainda ali existem as famosas cisternas com que os nossos maiores queriam suprir a longa estiagem d'aquella latitude, e que os inglezes hoje atenuam com as poderosas machinas de distillação da agua salgada.

A expedição percorreu as quatro milhas que separam as edificações modernas do caes, da antiga e velha cidade, indo a maior parte a pé, porque os trens não chegavam para tanta gente.

Depois de passearem pelas tortuosas ruas, de terem jan-

tado razoavelmente nos bons e maus hotéis, de escaparem ás nuvens de vendedores ambulantes que os perseguiam sem treguas a querer-lhes vender mil nada, — os expedicionarios voltaram para bordo e os navios levantaram ferro e navegaram a toda a força das machinas no estreito de Babel-Mandeb, deixando á pôpa as costas da Arabia Feliz, com toda a sua aridez e as suas elevadas e vermelhas montanhas.

Durante oito dias não tornaram a avistar terra, nem mesmo quando dobraram o cabo Guardafui na ponta mais oriental da Africa, no oceano indico.

No dia 28 passavam á vista de Zanzibar, onde tambem não desembarcaram, recordando sómente os passageiros que aquella ilha e a costa fronteira tinham sido theatro das façanhas dos vultos mais proeminentes da historia patria.

No dia 5 de setembro ás 4 horas e meia da manhã, a esquadriha lançava ferro na enseada do rio Busio.



#### IV

### A NAVEGAÇÃO DOS RIOS BUZIO E REVUE. DE MASSI-KESSE AO SAVE

O almoço ainda foi a bordo.

Era o almoço da despedida.

N'aquelle dia todos tiveram auctorisação para, no ultimo abraço dos que se iam internar no sertão selvagem, e no dos que voltavam á patria querida, exprimirem os sentimentos da sua alma, sem que o rigor da disciplina de bordo entravasse a expansão dos seus corações.

Havia até mesmo um banquete á prôa dos navios, onde os vivas genuinamente portuguezes, e as saudes aos que partiam tinham sido permittidos pelo valente commandante da esquadilha.

Os officiaes e o estado maior da expedição tambem estavam um tanto commovidos ao pronunciarem as saudes de despedida, commoção que o estalar das rolhas do Champagne não dissipava completamente.

Os navios tinham subido o Buzio até onde as sondas lh'o haviam permittido.

Pouca era a distancia navegavel para aquelles navios,

que demandavam muita agua; com tudo ainda conseguiram fundear a uns vinte e cinco kilometros da foz.

D'uma margem e da outra só extensas praias d'areia se avistavam, aridas e alagadas, sem vegetação importante, a não ser alguma mirrada graminea que a época das chuvas desenvolvera prematuramente, para logo se seccar aos calores abrazados do sol africano.

A's nove horas da manhã do dia 5 de setembro de 18... chegava o primeiro barco a terra, conduzindo o major Sotó Maior, que ia procurar o sitio para assentar o seu acampamento.

O local escolhido foi a margem esquerda do rio, ao sul da aldeia Cumba.

Ali o terreno tinha uma pequena elevação e o acampamento podia ser organizado sem que temesse a visita dos crocodilos ou dos cavallos marinhos, habitantes aborigenes do rio, orgulhosos e sofregos do seu dominio.

As barracas do systema Tollet aperfeiçoado fôram as primeiras a serem armadas.

No mastro erguido em frente da habitação do major, fluctuava a bandeira formosa e heroica das quinas.

Só depois das 6 horas da tarde é que o acampamento estava difinitivamente assente, e que as cosinhas de campanha e fórnos mechanicos preparavam o jantar e o pão para os expedicionarios.

Os chefes das differentes secções procederam á chamada e o major teve o prazer de verificar que responderam a ella os seguintes individuos :

Operarios — carpinteiros, ferreiros, sapateiros, al-fayates, pedreiros, cabouqueiros, mineiros, caldeireiros, e outros mesteres .....	177
Ourives, fundidores, gravadores, typographos, tele-graphistas .....	18
Dentistas e barbeiros .....	3
Espingardeiros .....	2
Mulheres, casadas e solteiras .....	81
Mulheres e filhos dos chefes .....	20
Creanças .....	72
Soldados para o corpo de policia, sargentos e serviçaes.	500
Estado maior .....	40
Somma .....	913

Até ali nem uma doença se tinha manifestado, e só o incommodo do *enjôo* causticára alguns que desprezaram o celebre preservativo do açafração sobre o estomago, que os antigos navegadores usavam, naturalmente *desde que descobriram* tão precioso remedio.

A expedição tinha que esperar ainda alguns dias a chegada d'uns navios que traziam uns quarenta camelos, que o major desejava utilizar para transporte das bagagens e para a comunicação entre a Machona e a costa, até que a linha do caminho de ferro já estudada pelo governo desde a Beira a Massi-Kesse, pelo valle do Pungue, estivesse concluida e se adiantasse até Machona.

Os navios fizeram-se novamente ao mar, e os adeuses saudosos dos que ficavam eram cheios da suave melancolia, que lhes causava o ver afastarem-se aquelles pontos de contacto, que os ligava ainda á Europa, á terra onde haviam nascido, onde ficavam os seus amigos, e, quem sabe? onde talvez não voltassem mais!

Como que para dissipar estas tristezas, a expedição teve que receber o *regulo* de *Cumba*.

Para quem nunca tivera a *soberana honra* da visita d'um potentado africano, havia na recepção o merito da novidade.

Os membros da expedição que da Africa só sabiam o nome, e mesmo aquelles que só dos livros tinham conhecimento d'estas solemnes visitas não perderam uma unica particularidade da scena que teve mais de burlesca do que de séria.

Na Africa, uma aldeia composta d'uma duzia de *cabanas*, (*cubatas*) com trinta ou quarenta habitantes, tem logo o seu chefe, senhor absoluto da vida e da fazenda d'aquelles desgraçados; chefe que muitas vezes toma o nome pomposo de rei! <sup>1</sup>

Estes reis grotescos, beberões, máus, mandriões e vadios exercem uma tal tyrannia nos pobres dos seus subditos, que ás vezes, mas muito raras, pagam com a vida o seu reinado de despotismo; porem os desgraçados pouco lucram com isso, porque o que elegem, ou aquelle que por astucia, ou por outro meio toma as *redeas* do governo, pouco melhor sae do que o seu antecessor.

Como no mundo não ha regra sem excepção, existe uma ou outra a esta, mas mui poucos são os regulos que não abusam da sua auctoridade em proveito proprio e dos seus apaniguados.

O *regulo* de *Cumba* era um pouco civilisado, civilisação que os seus trinta annos de trato com os portuguezes, que viviam no praso de *Fusse*, apenas o tornara um tanto razoavel na presença dos brancos, e menos despotico com os seus, emquanto não estava bebado.

<sup>1</sup> Vide *Noticia historica sobre Moçambique*.

Em compensação d'estes predicados, habituara-se ao gosto do rum europeu por uma tal fórma, que era o que elle mais apreciava dos melhoramentos e progresso d'esta parte do mundo em que vivemos.

Chamava-se *Chicoata*, o regulo de Cumba, e era um dos mais ricos senhores das terras proximas da costa.

A sua aldeia ficava situada no sopé dos montes Inhaoxo, entre o Rio Bônio e o Muda, affluente de Pungue, e fazia parte do antigo reino de Quiteve.

No tempo da escravatura o regulo de Cumba tinha sempre um deposito de *cabecinhas d'alcatrão* promptas a embarcar em qualquer navio dos *honrados inglezes*, que negociavam com elle n'este productivo genero de mercaderia, e o bom do regulo preferia a tratar com os descendentes de John Bull a outros quaesquer negreiros, porque, dizia elle, são tão bebedos como eu, e assim entendemos melhor.

Tempos felizes eram esses, que tanto a negreiros inglezes, como a indigenas, deixou bem gratas recordações, e a que os homens *barbaros* da Europa puzeram fatal termo, pelo menos na costa.

O regulo *Chicoata* fez a sua entrada no acampamento.

Acompanhavam-n'o os *seculos*, *macotas*, <sup>1</sup> *cirurgião*, *feiticeiro* e mulheres que formavam a sua côrte. Guardas armados de boas espingardas inglezas e outros individuos da aldeia, completavam ao todo umas cincoenta e tantas pessoas.

*Chicoata* vinha elegantemente vestido!

Enfiava umas calças, que em tempo tinham sido de riscado azul e branco, subindo-lhe um palmo acima do arte-

<sup>1</sup> Fidalgos e conselheiros.

lho, deixando ver as esqualidas e negras cannelas nús, arrematadas por um pé nojento e descalço. Trajava garbosamente uma linda casaca toda guarnecida de galões amarellos, com que algum 'archeiro da casa real portugueza fizera as delicias das *sopeiras* da rua dos Capellistas em dia de procissão de Corpus Christi.

O peito secco, e o estomago proeminente estavam completamente nús e destacavam do encarnado do estofado da casaca.

Na cabeça trazia um chapéu de palha de puro fabrico inglez, mas tão cheio de nodoas e de lama, que parecia ter sido desenterrado d'algum barril de lixo, por fominto rafeiro vadio.

Na mão direita hasteava com orgulho o bastão de mando.

Esta grutesca figura pavoneava-se orgulhosamente entre a sua côrte, ufano de si, da sua pessoa, e do seu *luxo*.

Alguns dos fidalgos envergavam simplesmente uma farda velha de soldado d'infanteria, casacos de brim, camisolas de marinheiro, completando tão promiscuo vestuario a suja *tanga* d'algodão.

Outros, porem, só a *tanga* traziam.

As mulheres ostentavam a plastica em toda a sua belleza ou deformidade, e sómente os rins e as partes nobres estavam tapadas com curta *tanga*.

O cortejo foi recebido á porta da palissada em construcção, pelo major e pelo estado maior, com toda a solemnidade de taes actos entre pessoas que querem viver como bons amigos.

( ) regulo trazia o seu *presente*, e vinha receber o *presente* do *branco*.

O presente de *Chicoata* consistia em trez carneiros, um cesto d'inhame, outro d'ovos, e duas gallinhas, presente menos mau para aquella gente.

O major retribuiu-lhe com uma peça de riscado, e tres botijas de rum, que satisfizeram a beberice de *Chicoata*.

O regulo, depois de se informar do motivo da expedição, offereceu os seus serviços e combinou com o major diversos fornecimentos de bois, carneiros, gallinhas, e generos do paiz, emquanto ali permanecessem.

Com tão boa e serviçal pessoa, o major quiz ser bastante amavel, e depois de lhe mostrar as diversas secções do acampamento, que deixaram maravilhado *Chicoata*, deu-lhe a provar d'uma celebre aguardente de canna, que fez o pobre do homem terminar a sua visita aos bordos, como em dia de temporal, sem cabo de *vai-vem*, tendo que retirar para a aldeia ás costas dos conselheiros e ministros, em tal estado d'embriaguez, que deveras comprometteria a dignidade real, se a côrte não estivesse já de ha muito acostumada ás borracheiras do seu real senhor.

O major não queria gente inactiva, pois sabia bem, e por experiencia propria, que da ociosidade nascem todos os vicios; portanto n'aquelle mesmo dia estabeleceu o serviço diario.

Uma secção de caçadores percorreria a serra proxima e as florestas visinhas, ficando incumbida de fornecer a expedição de carne fresca.

Outra visitaria os rios Muda, Pungue, Buzio e Ensomba, todos proximos mais ou menos do acampamento, e ficava encarregada da parte piscosa.

Outra construiria pequenas jangadas, para transporte de viveres e outros objectos pelo rio, até onde este fosse navegavel, podendo n'esse caso os camelos serem aproveitados para cavallaria.

Os marinheiros experimentariam os barcos movidos pela

electricidade, e os outros de caoutchouc e madeira, exercitando-se no seu armamento e desarmamento.

A uma outra secção era commettido o encargo da limpeza e hygiene do acampamento.

Os cosinheiros, os barbeiros, os alfayates e os outros membros da expedição tambem não ficavam parados.

O estado maior foi incumbido de vigiar os differentes serviços, tirar vistas photographicas, fazer levantamentos topographicos, estudar o terreno geographica e geologicamente, fazer outros estudos ethnographicos, orographicos, anthropologicos, etnologicos e mineralogicos.

O diario da expedição ficou enriquecido com os preciosos estudos feitos nos dez dias de permanencia no acampamento de Cumba.

Os camelos tinham chegado de Teneriffe, e no dia 16 de setembro a expedição seguiu, embarcada, a pé e a cavallo, o rio Buzio e o seu valle.

A expedição com estes meios de transporte dispensava os *carregadores* e avançava para o sertão com grande commodidade e rapidez.

A' noite toda a expedição acampou na margem esquerda; margem que era a fronteira do districto de Manica, sendo a direita a fronteira de Sofalla.

O rio Buzio que, como vem n'alguns dictionarios de geographia, nasce na serra Chitavacanga ou Chitavatanga, não tem a sua origem na *mãe* do Save, nem tão pouco recebe uma só gotta d'esse famoso rio, hoje nossa fronteira léste oéste com as terras de que a Inglaterra nos despojou.

O Buzio, ainda pouco explorado para além do seu *arco natural*, parece-nos, (segundo o mappa da — commissão de cartographia, — na sua carta do *Districto de Ma-*



*nica e dos territorios circumvisinhos, de 1877)* que tem as suas nascentes em T'chamachana, no Monte Silindi Inha-cufera, onde ha umas pequenas lagoas que devem fornecer as nascentes por qualquer canal subterraneo, sendo desde logo engrossado por diversos riachos que nascem nas serras do territorio do celebre Gungunhana, e pelos rios Ubaga ou Ubaza, Muengueze, Guchone ou Ginone, Mussuarase, Nhamase, Muchenese ou Muchene, Guchone, ou Guinone e outros que correm de sul para norte.

O Buzio tendo recebido os tributos poderosos do En-sompa, Mujone e Revue, confunde as suas aguas no arco natural com o Mussapa, que nasce nas serras Gorima e Menai e corre na direcção L. S. O., juntando se com o Mufumosi e o Lussiti.

O major desejava aproveitar o mais possivel a via fluvial, o que facilmente conseguia, por dispôr de barcos de fundo chato, muito leves e de pequena bocca.

Em vista d'isto, resolveu subir o Revue, tirando os barcos para terra quando tivesse que transpôr algumas cachceiras, cataractas ou rapidos, como as Rochas Inharomirua, e seguir o rio até proximo das suas nascentes, abandonando-o em Manica ou Massi-Kesse, deixando as jangadas, e tomando d'ali para Machona, pelo paralelo 19.º, a via ordinaria, isto é, atravessando montes, valles, florestas e campos, alguns nos quaes o pé do homem ainda não pousou, e onde jámais tinha sido avistado um branco.

O major contava com os bois cavallos, com as maxilas indigenas e outros meios de transporte, para conduzir as senhoras e os que não podessem fazer jornada d'outra fórma.

A expedição teve um dia de descanso.

Ficou acampada na meia encosta da serra proximo da

confluencia do Revue com o Buzio, no territorio de Quiteve, enquanto o major, o capitão Estrella, Villar, Souza, Alberto Carlos e outros officiaes iam fazer um reconhecimento ao arco natural do Buzio, na confluencia do Mus-sapa, e tirar algumas vistas photographicas dos apraziveis e amenos logares d'aquella parte do rio.

Não deram o seu tempo por perdido, e ficaram deveras maravilhados com o capricho da natureza, em formar d'um rochedo tosco e informe um arco que atravessa d'uma á outra margem o Buzio, obra em que a mão do homem gastaria annos e grossas quantias.

No dia seguinte de manhã a expedição subia o Revue.

Deixava definitivamente a zona baixa e internava-se já na zona media.

As margens do rio, arenosas e aridas, revestidas aqui e ali d'algum cerro de tom negro e rubro, de granito e quartzo, onde a rachitica vegetação vivia a custo, haviam sido substituidas pela mais uberrima e esplendida paisagem.

Os cactos, as gramineas, as mimosas, as coniferas, as euphorbias definhadas e o enfésado *adansonia digitata*,<sup>1</sup> deram logar aos frondentes cajueiros, imbondeiros, palmeiras, figueiras, tamarindeiros e outras arvores annosas e gigantes, até ao colossal e magestoso bao-bab.

A região feia, arida, esteril e adusta foi substituida pela mais bella, poetica e rica flora.

Enormes massiços de vegetação arborea, enlaçados por grossos braços de trepadeiras, cipós e fetos do tamanho d'arvores, cobriam completamente diversas e extensas fachas de terreno, tornando fresco e tepido aquelle ambiente de humus.

<sup>1</sup> Imbondeiro.

---

A expedição tinha chegado ás Rochas Inharomirua, a uns quarenta kilometros da confluencia do Revue com o Buzio.

Os barcos e as jangadas tiveram que ser tirados para fóra, e, com algum trabalho, passados ás costas ou arrastados sobre ramos, para montante d'estes rapidos de grande altura, que mais podem ter o nome de verdadeiras cataractas, do que de simples quedas d'agua.

O regulo Gornani, e os sobas de Nahange e Muricane, do paiz de Quiteve, e o de Chisito e do Zanve, tinham ido com alguns dos seus cumprimentar o major, e fazer com elle permutas de arroz, café, farinha de mandioca, milho, melões, limões, figos, cabras, bois e outros generos, por fazendas, facas, espingardas, pequenas pistolas e outros objectos.

Os pretos de Quiteve eram muito trataveis, esbeltos e limpos, e diziam-se descendentes da raça moura.

O major, a troco d'uma pequena gratificação, obteve d'elles, com facilidade, o auxilio do transporte das bagagens, barcos e mercadorias, de jusante para montante, nas quedas d'Inharomirua.

Aqui ia-se dando um lamentavel desastre.

As canoas e jangadas, á medida que passavam para a parte superior do rio, eram fortemente amarradas á margem.

Já estava mais de metade da flotilha a montante das quedas d'agua, quando uma jangada, ou por mal preza, ou por outro motivo qualquer, garrou e correu sem governo na direcção do precipio.

Um unico homem estava n'ella arrumando os utensilios; era um alegre rapaz de 23 annos, creado particular do capitão Estrella, e chamado João Fernandes.

O desgraçado não sabia nadar.

A jangada ao principio deslisou suavemente, mas aquella serenidade era um engano e uma perfidia. Bem depressa se tornou em vertiginosa e rapida carreira para o abysmo.

O precipicio rugidor e fatal já estava proximo; só Deus salvaria o infeliz!

Todos os membros da expedição e os cafres ficaram mudos de espanto!

D'entre esta multidão, a que a vista d'uma morte horrorosa, terrivel e desgraçada, tirára por momentos a consciencia da vida, a acção e o movimento, sahiu um homem que, rapido como o raio, rasgou o fato que vestia, e arremessou-se á agua!

Os olhos do pobre naufrago fitaram-se n'elle.

Com certeza que a alma d'estes dois homens fallou. Um disse ao outro, com essa linguagem expressiva dos olhos e dos gestos,—arremessa-te ao rio—e outro comprehendeu.

Só assim escaparia a uma morte certa.

O turbilhão das vagas era enorme e medonho. O rugido que faziam ao precipitar-se, semelhava o troar da artilheria.

Era horrorosamente bello todo aquelle conjuncto da força das aguas, dos redomoinhos, dos sons roucos e dos cambiantes de luz.

E sobre este inferno liquido, dois homens luctavam com a morte!

Um, pobre creado sem nome nem familia, o outro, um official da marinha portugueza, o tenente Alberto Carlos, de quem a patria tinha muito a esperar.

Ambos porém, eram homens e a sua morte seria da mesma fórma sentida.

Em meia duzia de braçadas o tenente alcançou o sitio onde o pobre João Fernandes se lançára á impetuosa torrente, mergulhou e... desapareceu!

As aguas, escorregadias e rapidas, tinham-se definitivamente assenhoreado da jangada, que, como uma setta, correu veloz para o precipicio aonde se lançou, desfazendo-se na queda.

Em terra, nem um coração batia; a vida tinha-se concentrado nos olhos d'aquella gente.

De repente, d'envolta com as revoltosas ondas espumantes, surgem dois homens!

Um sobraçava o outro, e a custo nadava com as pernas e com o braço livre.

Houve um momento d'alegria, rapido como o relampago.

Os dois homens já estavam a grande distancia da margem; era humanamente impossivel alcançal-a a nado!

No entanto deslisavam para o precipicio!!

Então, em terra, já não poderam mais; as mulheres não se contiveram, em altos gritos e lamentoso choro, rojaram-se pelo chão e arrancaram os cabellos.

Os homens, pallidos e envergonhados da sua impotencia, deixavam cahir, em silencio terrivel, pesadas e quentes lagrimas que lhes escaldavam as faces.

No meio do terrivel rio erguia-se um tosco rochedo; as aguas ali, batiam desesperadas, e resaltavam espumantes.

Os dois infelizes iam sendo arremessados para elle, mesmo pela força da corrente.

Os seus esforços limitavam-se a conservar aquella direcção.

De terra comprehendiam-os.

Um sopro d'allivio, misturado com um bafo de esperanza, passou por aquelles corações atribulados.

A' força de destreza e de coragem, o tenente Alberto Carlos attingira com o seu companheiro o desejado rochedo!

Estavam momentaneamente salvos!

O major Sotto Maior comprehendeu o que tinha a fazer.

Grossos cabos de fio de ferro fôram amarrados á pôpa e prôa do barco *Vasco da Gama*, de potente machina electrica.

Os cabos fôram passados ás annosas arvores da margem, os quaes uma centena de homens seguraria e alaria, quando fôsse necessario.

O *Vasco da Gama* navegou até meio da corrente. N'este ponto fôram inuteis todos os esforços do homem do leme para conservar a prôa ao rochedo.

Foi preciso passar á outra margem e ali augmentar outros cabos.

O barco, assim sustido, poude então descer até á revolta das aguas, e os pobres condemnados á morte voltarem ao seio dos seus!

O tenente Alberto Carlos, depois d'escapar a uma morte horrorosa, ia morrendo asphyxiado com os abraços e beijos dos homens e das mulheres que compunham a expedição.

Sem outros acontecimentos maiores, o major seguiu rio acima, visitando os povos de Muricane, Nabange, Bora, Mahongo, Zoasamoio, Shingore, Shingosi, Ganda, M'pata e outros, onde ia contratando cafres para o serviço da policia e outros mestéres, e estabelecendo contractos com regulos e sobas, para auxiliarem os seus homens no transito, que desejava por ali estabelecer, de Machona á costa.

Em Massi-Kesse, o major teve um descanso de oito

---

dias ; o necessario para dar nova fórma e peso aos fardos, que d'ali em diante tinham de ser levados pelos camelos e homens.

A expedição esteve no forte portuguez e nas casas da companhia de Moçambique, exactamente nos mesmos sitios de que mais tarde os inglezes se apossaram á força, e onde o major Caldas Xavier e o capitão Augusto Bettencourt mostraram que ainda havia homens n'este desgraçado paiz, a quem a vida não é estorvo, quando se trata da patria moribunda.

A região era montanhosa e muito saudavel.

Em quatro pequenas jornadas a expedição acampou nas margens do Save, onde teve novo descanso.

N'este ponto encontrou dois emissarios da rainha de Conji e Machona, que vinham pedir soccorro aos portuguezes contra as correrias e invasões dos Matebeles.

O major despachou-lhe immediatamente o capitão Estrella e o tenente Alberto Carlos com parte da expedição que estava menos fatigada, e que tinha dado provas de maior energia.

## MAGELINA, A FILHA DA RAINHA DE CONJI

Na serra Mochena, a mil duzentos e vinte metros de altitude, existia uma pequena povoação, que pela sua immensa altura, parecia ter sido edificada para ninho de aguias.

Esta pequena aldeia tinha o nome de *Conji alto*, por haver no sopé da montanha e na margem sul do rio Incocuesi outra povoação com o nome de *Conji baixo*.

O Conji alto e o Conji baixo eram o refugio da velha e dostonhada rainha Mangira, senhora de Conji e Machona.

Quando o Lo-Bengula invadiu o reino de Machona, depois de ter commettido toda a sorte de atrocidades, proprias de gentio em guerra, a rainha refugiara-se no seu ultimo baluarte com alguns dos seus fieis subditos que escaparam ao morticínio ou á forquilha da escravidão.

A posição de Conji era inexpugnavel; ao norte estava defendida pelo rio Incocuesi, ao sul pelo Ucucla ou Qaele, ao oeste pela junção d'estes dois rios e a leste pela extensa bacia das nascentes d'elles.



A montanha, no ponto onde estava Conji alto, era mesmo a pique, e quem não soubesse o segredo do seu acesso, despenhar-se-hia infallivelmente antes de lá chegar.

Os mesmos habitantes da alta povoação tinham sitios que só a um e um podiam transpor.

O desespero da defeza levava os machonos fieis a construir fortes palissadas em sitios verdadeiramente inacessiveis e em horrendos despenhadeiros, como aquelles em que os companheiros de Pelagio immortalisaram o seu nome combatendo pela patria, até que a ultima scentelha da vida lhes foi arrancadas por perversos oppressores.

O monte Mochena cercado pelos rios, que banhavam seus pés, apresentava a fórmula d'um papagaio de papel com o rabo voltado para o noroeste, rabo que o rio Ucuella prolongava até se lançar no Changani.

De roda d'este monte, uma vasta planicie, fertil e uberrima, completava a defeza d'este ponto estrategico, por ser batida em toda a sua extensão pelo fogo de Conji.

O Lo-Bengula depois de gastar inutilmente mezes em cercar a desthronada rainha, e vêr todos os dias parte dos seus melhores guerreiros fóra do combate, desistiu da empreza e mandou parlamentarios a pedir um accordo, ou como diriam os inglezes — *um modus vivendi!!*

Por elle era estatuido:

«Que Mangira, a ex-rainha de Machona, conservaria, «como unico dominio, o seu refugio do monte Mochena, e «como vassallos e subditos as pessoas que a acompanha-  
«vam á data d'este accordo.

«Que poderia cultivar em volta do seu monte o terreno «de que exclusivamente carecesse para sustento dos seus.

«Que os gados poderiam pastar até uma legua de distancia.

«Que lhe seria facultada a permissão de hastear a bandeira portugueza, ou a que quizesse, á porta da cubata.

«Que conservaria a sua artilheria constante quatro peças de ferro de calibre tres que a expedição de Diogo Simões Madeira em 1607 ali deixára com alguns portuguezes seus companheiros.

«Que ficaria de posse das armas, munições e de todos os petrechos de guerra existentes no Conji.

«Que a ex-rainha de Machona não atacaria jámais os matebeles e reconheceria o Lo-Bengula como seu senhor, e nunca procuraria hostilisar este, e antes sim lhe prestaria todo o auxilio.»

A pobre da rainha dispunha-se a acceitar estas clausulas humilhantes e despoticas, porque dos emissarios que tinha mandado aos portuguezes de Manica e Zumbo, pedindo-lhes auxilio, não havia a menor noticia, e a rainha e os seus já começavam a sentir os horrores da fome.

Estavam as cousas n'este pé quando a expedição do major chegou ás margens do Save, a oeste de Massikesse, onde encontrou os dois enviados.

O major resolveu aproveitar este favoravel ensejo, que lhe proporcionava occasião de ter por alliada a antiga e poderosa rainha; mas não desejava hostilisar o rei dos Matebeles. N'este sentido deu instrucções ao capitão Alfredo Estrella, que partiu immediatamente com cento e vinte homens, dez camelos e dois canhões-revolvers.

O capitão tinha como seu immediato o tenente Alberto Carlos de Saldanha.

Em oito dias transpoz a pequena expedição a distancia do Save ao monte Mochena, seguindo por caminhos conhecidos dos guias, e não descansando senão o tempo rigorosamente necessario para refazer as forças perdidas.

Do alto da penedia onde estava a rainha foi avistada, com verdadeiro jubilo a gente de Alfredo Estrella, guiada pelos emissarios Chande e Checapoto.

De entre aquellas figuras negras, esqualidas e descarnadas, que com os olhos esgazeados seguiam os movimentos da expedição, destacava-se a pouca distancia, melancholicamente assentada no extremo da eriçada penedia suspensa sobre o abysmo, uma joven branca e formosa.

Era Magelina, a gentil filha da rainha de Conji e Machona.

A tez baça e aveladada fazia snbresahir o nacarado da sua pequenina boca.

Todo o conjuncto das airosas fórmias tornavam Magelina uma encantadora divindade.

Os cabellos, posto que um pouco ondeados, cobriam-lhe os bem torneados hombros, e eram tão fartos e abundantes, que os negros a chrismaram de — *Simba*,<sup>1</sup> — comparando-a ao rei das florestas.

Havia muito tempo que a princeza Magelina estava immovel fixando um ponto negro que avançava no horizonte.

Os seus grandes olhos, que pareciam estar tambem fixos na penumbra dos seus negros e tristes pensamentos do porvir, desfitaram-se por fim da terra e das regiões do desconhecido, e scintillando como dois relampagos, reflectiam a commoção d'alegria que de repente lhe illuminou a alma.

Acabara de vêr distinctamente a expedição transpôr o rio, e na sua frente o vulto esbelto e gentil do tenente Alberto Carlos.

<sup>1</sup> Leão.

D'um pulo Magelina desceu do alto penhasco, suspenso no espaço, e correu á senzala real.

— Mãe, disse ella, os meus olhos cansados de fitar esse immenso deserto em torno do nosso ultimo refugio, e de nada verem, viram por fim.

«Os brancos, nossos irmãos, ouviram os teus e os meus rogos.

«Chande e Checapoto acabam de transpor o rio Inco-cuesi.

«Os matebeles, nossos inimigos, tiveram medo ; deixaram-os passar.

«Mãe, prepara-te para bem receber os nossos libertadores.

Magelina não esperou pela resposta de sua mãe; foi ao quarto que occupava na senzala fazer a sua melhor *toilette*.

Constava ella d'umas grossas manilhas de ouro na perna esquerda, signal da sua virgindade, e muitos collares de contaria encarnada, que lhe cobriam os hombros e parte do bem torneado seio.

Um panno feito da fimbria da palmeira, tapava lhe o corpo desde a cintura até meio da perna, semelhando-a ás dançarinas d'opera.

Um pente d'ouro cravejado dos mais finos diamantes das suas minas, lhe segurava os abundantes cabellos.

Completava este ligeiro costume uma especie de manto solto á mercê do vento pelas costas abaixo.

Não se póde descrever o encanto d'esta esbelta figura de mulher assim vestida, ficando bem patente os bellos contornos, que dezeseite primaveras beijaram com o seu rocio salutar e odorifero.

A rainha foi *vestir* fato identico, pondo sómente manilhas em ambas as pernas, em signal de já ser mãe, e collocan-

do na cabeça uma corôa de ouro cravejada de diamantes, muito semelhante na fórma á corôa portugueza do tempo de D. João III.

Os diamantes que a rainha e sua filha ainda possuíam, valiam milhões, e estas millionarios iam receber os seus hospedes n'uma miseravel cabana feita de barro e capim, não tendo por outra cama, senão as folhas das florestas; por mobilia, uns toscos troncos de annose lenho; por comida, uns parcos bagos de milho cosido; e por bebida, a agua do rio!!

Comtudo, para regalar os seus hospedes, Mangira deu ordem para serem mortas as ultimas cabeças de gado, que ainda restavam das razzias dos matebeles.

Entretanto os homens de Alfredo Estrella tinham subido o alteroso rochedo Mochena sem opposição da gente do Lo-Bengula, e chegavam ao plan'alto, onde estava edificada a senzala real.

O commandante formou a expedição em frente da senzala e segundo o costume d'aquellas paragens, deu sete descargas de polvora secca, em honra da rainha e da bandeira que tremulava no alto da aringa.

Os guerreiros de Mangira atroaram os ares com gritos estridentes de guerra e de satisfação, e fazendo os costumados esgares deante dos dois officiaes, dispararam tambem as suas compridas espingardas de silex, retribuindo assim cortezia com cortezia.

Acto continuo foram os dois chefes recebidos pela rainha, princeza e *côrte*.

A rainha que fallava um tanto o portuguez, lingua que tinha sido conservada por seus paes, desde Monga Tamba Machona, agradeceu com palavras tocantes o auxilio dos brancos.

Alfredo Estrella n'um pequeno discurso disse-lhe, entre outras cousas, que elle e os cento e vinte homens que o acompanhavam, eram apenas a guarda avançada que o poderoso rei de Portugal mandava áquellas terras, afim de explorar as minas que pelo Monomotapá tinham sido dadas a El-Rei, e para collocar a rainha Mangira na posse do seu reino, tão vilmente esbulhada d'elle pelos ferozes Matebeles.

Que a quatro jornadas vinham uns tres mil guerreiros armados com umas espingardas, que matavam o inimigo á distancia aonde costumam andar as aguias, que mal se veem nos ceus.

Que possuia umas peças d'artilheria com muitos canos, bastando ellas sómente para matar todos os Matebeles que se oppozessem á vontade do rei de Portugal.

Que traziam quarenta camelos carregados de muitas cousas para a expedição e de muitas outras para os povos da poderosa rainha de Machona, e como amostra d'estes presentes offereceu-lhe um *ariston* que fez tocar por um dos seus, o que deveras encantou a côrte.

A formosa princeza foi presenteada pelo commandante com um lindo cestinho de filagrana de prata, contendo agulhas, dedal, thesoura e carrinhos de linha.

Porém a bella *Simba*, apesar de agradecer delicadamente a amabilidade do capitão, não tinha ficado satisfeita, e não desfitando o tenente Alberto Carlos, parecia, na linguagem muda dos seus formosos olhos, pedir-lhe tambem alguma cousa.

Aquelle, desde que viu a encantadora princesa, esqueceu todas as fadigas da penosa jornada, todos os perigos por que tinha passado e aquelles que o futuro lhe reservaria, e o coração até ali frio e insensivel, bateu apressado

---

em presença d'aquella deidade do sertão filha da rainha de Conji e Machona.

Mergulhado em mil pensamentos desencontrados, quasi que não deu pela scena da recepção real, e só via a mulher bella, esbelta e fascinadora, que no meio d'aquelles negros ali apparecia extraordinariamente a attrail-o e a dominal-o, com o effluvio dos seus olhares magneticos.

Alfredo Estrella pratico e positivo em todas as suas cousas, não se prendeu nem se preocupou com o mysterio de encontrar uma formosa branca ao lado da rainha de Conji e Machona, e o que mais era, sua presumptiva herdeira da corôa.

Reservou-se para mais tarde encontrar a chave d'aquelle enigma, e depois de dar um pequeno presente á côrte da rainha, terminou a audiencia e foi escolher o sitio para o acampamento dos seus.

Ao despedir-se de Magelina, Alberto Carlos tirou da algibeira do seu dolman, de junto ao coração, uma pequenina carteira onde tinha o seu retrato e um lindo espelhinho de fino cristal, e com um amavel sorriso offereceu-a á princeza.

Com grande surpresa sua, a joven agradeceu-lhe esta galanteria n'um portuguez muito carrecto, e beijou o retrato ali mesmo, com a maior franqueza.

Findara a apresentação.

Os expedicionarios estavam em sua casa, segundo a vontade e o dizer da rainha.

Cada um foi tratar d'executar as ordens dos chefes.

Alberto Carlos ficou encarregado de pôr em bateria os dois canhões rewolvers *Kotchiss* e de estabelecer o serviço de segurança, que seria composto de indigenas e expedicionarios.

---

Era já noute quando ficou concluido o acampamento e que os dois chefes poderam recolher á sua barraca.

Alberto Carlos todo poesia, alma e coração, a custo conciliou o somno pensando n'aquella mulher extraordinaria e deslumbrante, ideal, phantastica e divina, que semelhante a uma visão do céu, baixara á terra para o fascinar, prender e amar !



## VI

### O LO-BÉNGULA-REI DOS MATEBELES

A historia dos reinos d'Africa não se póde reconstruir clara, nitida e verdadeira, como a da Europa.

Os escriptos mais antigos, — que chegaram aos nossos dias — de Ptolomeu, João de Barros, Duarte Lopes ou Pigafetta, P. Luiz Marianno, Cardonega, P. João dos Santos, P. de Verbies, Davity, Gamito e outros ; as cartas de Bertius, Rezende, Linschoten, Hondius, Kiepert, Juan de la Costa, Ramuno, Mercator, Castaldi, Sanuto, Nicolas Picart Sanson, Ortelius, Dapper e muitos mais, não estão d'accordo entre si.

Com estes dados, divergentes com aquelles que a tradição tem trazido até nós, e com os importantes trabalhos desde Mungo Park até Speke, Burton, Grant, Barth, Bruce, Krump, Lamg, Livingstou, Cameron, Denham, Clapperton, Caillé, Vogel, Stanley, Compiègne, Brazza, Dr. Lacerda Monteiro e Gamito, Honorato da Costa, J. Coimbra, Rodrigues Graça, Montanha e Teixeira, Silva Porto, Paiva de Andrada, Henrique de Carvalho, Sesinando Mar-

ques, Cardoso, Serpa Pinto e Capello e Ivens, tentam os geographos modernos fazer a exacta cartographia africana.

Consultando porém uns e outros exploradores estrangeiros, vê-se claramente que cada um d'elles quer arrogar a si a prioridade de ter pisado este ou aquelle sitio, de ter navegado este ou aquelle rio e de ter contemplado este ou aquelle lago.

Mas do que não resta duvida alguma, é que, antes de Affonso Gonçalves, Pedro de Gintra, João d'Azambuja, Pero d'Evora, Vasco da Gama, Luiz d'Albuquerque, Bartholomeu Dias e muitos outros notaveis e arroçados portuguezes, nenhum inglez, francez, allemão ou hollandez, tinha passado alem do Cabo Não, dobrado o Cabo da Boa Esperança, ou pisado um palmo de terra da Africa equatorial!

Que antes de Livingstone, Stanley, Brazza e Cameron nos fallarem do centro da Africa, dos seus lagos, rios, florestas e montanhas, já em 1491 os dominicanos, os capuchinhos, os agostinhos e varios missionarios seculares portuguezes, conduzidos á Africa occidental na frota de Ruy de Souza, e secundados nos seus esforços por outros missionarios enviados do reino em 1493, 1645, 1649 e 1655, edificaram hospicios, collegios, conventos, templos espaçosos e pequenas ermidas em S. Salvador do Congo, Loanda, Bengo, Ilamba, Massangano, Malua, Golungo Alto, Cahenda e em muitos outros pontos do interior.

O que ninguem pode contestar é que em 1560 o padre Silveira, tendo ido de Moçambique ao *Zimbaóé*, capital de Monomotapá, foi ahi cobardemente assassinado por intrigas dos arabes negociantes d'escravos!

Que, em 1520, mandou D. João II uma expedição á Abyssinia, á côrte do lendario Prestes João, e que d'essa

viagem existe o relatório feito pelo capellão Francisco Alvares, com muitas e interessantes noticias de terras percorridas!

Que, em 1540, os missionarios dominicanos P. Luiz do Espirito Santo e P. Luiz da Trindade, em Sena, capital do reino de Inhamior, foram horrivelmente martyrisados, sendo o ultimo d'estes apóstolos da fé e da civilisação lançado do alto d'uma elevada montanha para um profundo precipicio!

Que, já em em 1561, uma colonia de oitenta portuguezes, tendo á sua frente o celebre Cayado, estava estabelecida em Lunda, e commerciava a muitas leguas no interior!

Que, em 1578, Duarte Lopes percorreu o Congo e internou-se por diversos paizes, d'onde colheu informações tão curiosas, até ahi completamente desconhecidas, que o sabio Philippe Pigafetta, conhecendo o grande valor e alcance d'ellas para a sciencia e para a geographia, escreveu em 1591, segundo as palavras de Lopes, um livro em italiano com o titulo — *Relação do reino do Congo* — livro de que se fizeram varias traducções em inglez, latim, allemão, hollandez, etc.

Que, em 1582, os Mozimbes, perto do famoso lago Maravi, — Nhanja Muero, Nhanja Grande de Sebastião Xavier Coelho, João dos Santos e Manuel Godinho, ou o moderno Nyassa dos exploradores contemporaneos —, amarraram a uma arvore o padre Nicolau do Rosario, crivaram-n'o de flechas, esquarteraram-n'o, assaram-n'o e... devoraram-n'o!

Que, em 1677, José da Rosa tentou ir de Benguella a Sena por terra, o que não pode levar a effeito: mas que Pedro João Baptista e Antonio José realisaram em 1815, indo de Loanda a Moçambique pelo Quanza, e terras dos Moluas, regressando á costa occidental no fim de sete

annos, com cartas do governador de Moçambique.

Que, em 1807, o coronel Honorato da Costa abriu uma comunicação entre Loanda e os Maluas !

Que, antes de Livingston muitos annos, já José d'Assumpção e Mello tinha dito ser o Secheké e o Liambai apenas o curso do Zambeze.

Que, como muito bem diz o sr. Manuel Ferreira Ribeiro, nas suas *vias commerciaes portuguezas em toda a Africa central nos seculos 16.º e 17.º*:

«Toda a Africa central foi descoberta e percorrida pelos portuguezes do seculo XVI. A exploração commercial, pratica, effectiva, que os portuguezes sustentaram por toda a Africa tropico equatorial era tão persistente, desenvolvida e fecunda, que sabia tanto de todos os sertões, lagos, rios e florestas, como hoje. Livingstone, Gameron e Stanley aproveitaram-se das informações dos portuguezes, da sua linguagem e das suas memorias, para realisarem as suas viagens e fazerem as suas explorações com mais segurança e facilidade do que se alli fossem sem esse poderoso auxilio.»

Os trabalhos de Ptolomeu, e mesmo os do Mungo Park, perdem-se na antiguidade dos tempos, e se não se pode pôr em duvida que estes sabios tinham algumas noções da Africa central e da do Sul, é certo que algumas d'essas noções chegaram até nós tão nebulosas, que d'ellas só um fraco vislumbre de luz pôde sair.

Tudo é mais ou menos vago e confuso.

Os mappas d'André Bianco e de Coronelli, comparados com os modernos, accusam erros monstruosos.

Povoações, que uns collocam n'um determinado grau de longitude e de latitude, apresentam-n'as outros a mais de vinte leguas.

---

Os nomes de rios, de lagos, d'aldeias de grande ou pequena importancia, de serras, de reinos ou d'imperios, é raro terem a mesma orthographia.

E, comtudo, apesar d'esta grande divergencia, quasi todos os escriptores e cartographos ou fallaram a verdade, ou muito d'ella se approximaram !

E que a maior parte das cidades, das aldeias e dos reinos do interior d'África, são como as miragens, são como as dunas movediças do Sahará que o *simoun* muda a cada momento !

Teem a vida ephemera das flores.

As guerras dos naturaes, as razzias dos arabes para o trafico da escravatura, o crescimento d'um lago, um rio que transborda e segue nova direcção, muda n'um momento a chorographia d'aquelle logar.

A aldeia de Ma-Zombé, por exemplo, nas margens do Tanganika, a florescente e rica povoação de Kiuesa na mesma região, que o viajante em 1870 marcou em sua carteira a tantos graos, já não seriam hoje encontradas pelo explorador consciante que os procurasse.

Uma tinha sido arrazada e engulida pelo seu tenebroso lago, a outra tinha sido incendiada, saqueada e destruida pelos Ruga-Ruga !

E se o viajante voltasse mezes depois pelas mesmas pedras, procuraria inutilmente os pontos exactos em que as suas observações tinham marcado uma ou outra aldeia.

Os vestigios d'ellas desappareceram, para darem logar á mais luxuriante vegetação, ou ás ondas encrespadas, que iam lambendo as margens do lago !

Tudo n'estas regiões immensas e mysteriosas é colossal, extraordinario, maravilhoso e phenomenal !

A pronuncia d'uns e outros, e a variedade dos dalectos

africanos, não tem concorrido menos para que um mesmo logar nos appareça designado por nomes bem differentes.

Descrever portanto os ascendentes do Lo-Bengula, como elle se encontra hoje senhor do grande paiz que occupa, outr'ora imperio do Monomotapá, onde se passa a nossa historia, e fazer descripção exacta d'esta parte d'Africa, é empreza collossal com que não queremos, nem podemos arcar.

Comtudo procuramos approximar-nos o mais possivel da verdade, e com os dados que reunimos, e até onde o romance pode ir, diremos que o Lo-Bengula, ou os seus ascendentes, seguiram as phases phantasmagoricas que seguem os potentados negros e os reinos africanos.

Poderosos e florescentes hoje, perseguidos, derrotados e anniquillados amanhã.

Parte do reino dos matebeles pertencia ao poderoso imperador de Monomotapá.

O seu imperio que até ao meiado do seculo passado era um dos mais ricos e florescentes, cheio de vida e esplendor, comprehendendo os reinos ou districtos de Chingamira, Madanda, Quissanga, Quiteve, Sofala, Manica, Zumbo, Mashona, Chicanga, Biri, Macaracote, Macomé, Vumba, Motava, Sono, Inhabane, Chipururo, Mucumba, Chucumanbar etc. etc., tinha por limites o Zambeze ao norte, o oceano indico a leste, e o sertão ao sul e oeste.

Immensidade vaga, indefinida e indeterminada como incerto e illimitado era o poder do imperador;—tambem teve o seu declinar!

Tão vasto era este imperio, e tão difficeis as communições, que ora um ou outro régulo, macota ou soba, se insurgia contra o poder central e se tornava independente.

A's vezes as *guerras* faziam-se ao mesmo tempo no oriente, no sul e no occidente!

Foi no declinar d'este grande potentado africano, em 1607, que os portuguezes lhe prestaram assignalados serviços <sup>1</sup>.

Infelizmente para elle e para nós, o nosso poder assombroso, tambem se inclinava para o nadir !

Obedecia á lei fatal da existencia das cousas humanas.

Os ascendentes do Lo-Bengula seguiram a corrente caudalosa dos acontecimentos, assim como os seus descendentes hão de naufragar e succumbir nos escolhos do tempo.

Mosélé-Katzé invadiu o Transwaal, subjugando e dominando os Bechuanas, e, sendo batido pelos Boers, caminhou para o norte em direcção ao Zambeze, e em nome do direito do mais forte apoderou-se dos despojos do Monomotapá.

Os inglezes amanhã, em nome da civilização e da rainha, tomarão posse d'este rico territorio, e, saqueando as minas d'oiro, violando as mulheres matebeles, levando tudo a ferro e a fogo, acabarão com esta raça, ou a expulsarão para uma região pobre e arida, onde a fome e a miseria, com todos os seus horrores, a exterminará de vez !

E, ao antigo imperio de Monomotapá, ao moderno paiz dos Matebeles, acrescentarão um *land*, que, como gargalheira de ferro, cingirá todos aquelles estados, novas perolas para engastar na pesada e sangrenta corôa da rainha !

O Lo-Bengula, descendente do Mosélé Katzé, ou Muzilicatezi, na época em que se passa a nossa historia, era um homem de pouco mais de quarenta annos. Tinha todos os defeitos e todas as virtudes dos poderosos autocratas do continente negro. No seu tempo de rapaz fôra um guerreiro destemido, terrivel, audaz e arrojado até á temeridade.

<sup>1</sup> Vide nota n.º 1 e 2.

Vivia no seu palacio de Gbulavaio, ou Gbuluvaio edificado no alto monte Matoho, n'uma altitude de mil seiscentos e trinta metros, disfructando d'ali uma vista encantadora, que se espraia até ao horisonte, ficando ainda muito para além d'este os limites do seu reino, que ao norte tem o Zambeze e o Sanhate, ao sul o Bembe, a éste os territorios portuguezes de Sofala, Manica, Machona, Zumbo, e ao oeste o Zonga, abrangendo uma aria de mais de dois mil e seiscentos kilometros quadrados, ou quinhentas e vinte e oito leguas !

O seu formoso e vasto paiz é cortado por um grupo extenso e variado na forma, de altas e magestosas montanhas de rochas schistosas da mais antiga formação de gneiss, constituídas pelo feldspatho, mica e quartzo, ou eruptivas formadas de granito, porphiros, basaltos e lavas, com as variadas côres vermelhas, verdes, rosa, pardas, negras, azues escuras ou brancas, que desde a margem do Zambeze caminham para S. O. tornando muito salubres e bellas as vastas regiões que atravessam.

Innumeros rios, como o Sengue, o Usme ou Umai, o Umniati, o Uanzuezi, o Sebaque, o Changani, o Ubibi, o Bembesi ou Im-Penbis, o Incocuesi, o Maebae ou Tuli, o Smoqué, o Chachá e muitos outros fertilisam os seus campos, onde o bao-bab e a mimosa attingem uma altura colossal e um desenvolvimento prodigioso, de mistura com a acacia, a arvore do pão, o algodoeiro de toda a especie, a bananeira, a laranjeira, o cinamomo, o ricino, o sycomorro, o tamarindo, o myombo, a figueira, a macamba, a malanga, muitas gommosas, euphorbias e palmeiras, que em diversos sitios fórnam vastas e espessas florestas.

O sub-solo dos seus extensos dominios encerra riquezas sem nome.



As minas de ferro, de prata, d'ouro e diamantes são tantas que bastariam só ellas para abastecer todos os mercados monetarios do mundo!

Os seus subditos, que são calculados em duzentos mil, obedecem-lhe cegamente.

Este poderoso rei, que deveria ser um dos mais ricos e opulentos senhores da terra, disfructando todos os confortos da civilisação e do progresso, vivia n'uma cubata de madeira baptisada com o pomposo nome de palacio *á europêa*, e os seus vassallos habitavam mesquinhas e immundas cubatas de colmo e capim, de fórma circular como as dos zulos, de quem descendem.

E, omnipotente senhor e miseraveis escravos, possuidores de incalculaveis riquezas, andavam quasi nús, descalços, famintos, e viviam uma vida cheia de privações!

Da passagem e da estada dos portuguezes no seu paiz, sómente aprenderam o cultivo do algodão, que nos territorios de Machona occupa uma superficie de mais de cincoenta mil metros quadrados, e a fórma de o tecerem, assim como a de trabalharem o ferro, de que fazem os seus instrumentos agricolas e as suas armas de guerra.

Os primitivos habitantes eram os *amacholis*, que fôram escravizados pelos zulos, quando invadiram o paiz, occupando ainda hoje um lugar inferior n'aquella sociedade.

A aristocracia debaixo do nome de *abazanxis*, descendente dos zulos, é a raça dominante, tendo tambem a sua classe de burguezia constituida pelos *abentlas*, da raça dos *betjuanas*, que vivem do commercio, e não compartilham das honrarias dos *abazanxis*.

O exercito do Lo-Bengula é formado por quinze mil homens, armados de diferentes fórmas, desde a azagaia, a lança, o arco e a flecha, até á comprida *lazarina* arabe.

Estes quinze mil homens são destros e peritos no exercicio da guerra, segundo a *ordenança* do paiz ; e não se occupam n'outro mister, que não seja o das armas.

A's mulheres pertence o cultivo dos campos.

O palacio do Lo-Bengula é de madeira, construido mais ou menos á europêa, segundo um modelo fornecido por um negociante arabe, e não passa d'uma agglomeração de casas mal dispostas e pouco guarnecidas.

A cidade de Gubulavaio edificada no alto monte *Matoho* ou *Gubulavaio*, é formada de cabanas conicas dispostas em ruas e largos circulares, tendo um unico compartimento com uma só porta, onde vive a familia toda de cada indigena.

Os *secúlos* e *macotas*, fidalgos da côrte do Lo-Bengula habitam, alguns, nas suas *senzalas* ou aldeias, em cabanas mais confortaveis ; mas, a não ser o uso immoderado que fazem do *pombé*, da *capata* e da aguardente, em cousa alguma os seus habitos e viver são diferentes dos que são peculiares aos outros pretos seus inferiores.

O Lo-Bengula, como todos os grandes potentados da Africa central, tinha bastante convivio com os arabes de *Zanzibar* e das regiões dos *Lagos*, com quem negociava escravos, marfim e ouro, permutando-os por armas, pannos e outros artigos.

D'este convivio, e com o d'alguns portuguezes residentes no *Batonga*, *Bazizulu*, *Burroros*, *Machona*, *Gaza* e outros pontos limitrophes, tinha adquirido uma certa instrucção, de que muito abusava a seu favor.

Reconhecendo a sua superioridade moral, tornava-se, nos momentos de mau humor, um verdadeiro tyranno !

Outras vezes, porém, era d'uma clemencia, bondade e reatidão com os seus subditos, que em todos os seus actos

---

transparecia a civilisação que illuminava o espirito d'aquelle soberano absoluto.

Do convívio com a civilisação o Lo-Bengula aprendera os usos de certos objectos precisos á vida, e o seu *palacio* encerrava coisas de que poucos potentados do interior saberiam a serventia.

O Lo-Bengula seguia o polygamia, tendo comtudo uma mulher que occupava um logar mais proximo d'elle, sua favorita querida, conhecida por *primeira mulher*, ou rainha; mas este pomposo titulo não obstava a que o tyranno lhe mandasse cortar a cabeça, se isto lhe aprouvesse.

Além d'esta primeira mulher, o Lo-Bengula tinha tantas, quantas queria, sendo uma honra inaudita para as donzellas matebeles o perderem a virgindade no harem do soberano.

Tal é o homem e o rei que estava de posse dos vastos territorios onde se passa esta historia.

## VII

### MENSAGEM AO LO-BENGULA

O tenente Alberto Carlos e sessenta homens foram expedidos em missão ao Lo-Bengula.

Levavam ricos presentes para este rei, e instrucções pacificas para lhe demonstrar a conveniencia de fazer as pazes com a rainha de Machona, ficando esta de posse do seu antigo reino, e para que não se oppozesse ao estabelecimento da companhia portugueza, e á exploração das minas.

A rainha de Machona forneceu oitenta homens para escolta e guias.

Quatro barracas Tollet, dois barcos de gutta-percha, um canhão revolver e quatro camelos, acompanhavam a missão.

No primeiro dia de marcha, Alberto Carlos acampou junto á nascente mais oriental do rio Moango, o qual se vae lançar no Changani, depois de regar ricos campos de milho e arroz.

No segundo dia chegaram até á ultima nascente sul

d'aquelle rio, depois de atravessarem com difficuldade tres riachos que encharcavam o terreno, tornando a marcha penosa e incommoda.

A jornada do terceiro dia foi quasi toda feita por outeiros pouco elevados, onde a cada passo a pequena caravana admirava os mais soberbos exemplares de antilopes, como o boi de corcova, o empacassa, o cabrito montez, a paca, o veado, e muitos outros, sendo alguns d'elles mortos para consumo dos expedicionarios.

N'esse dia foram ficar á aldeia de Picarum, onde o chefe os recebeu muito bem e com amisade, permutando com Alberto Carlos os productos do paiz necessarios á alimentação de todos.

D'ali dirigiram-se a Iniati, aldeia importantê, onde vão convergir as sete estradas que cruzam o paiz dos Matebeles em todas as direcções.

Iniati ficava a meio caminho de Gabalavaio, residencia do Lo-Bengula, e era muito povoada e cercada de bastantes aldeias.

O regulo de Iniati fez a melhor acolhida possivel ao tenente por saber que commandava a missão ao Lo-Bengula, e por ella se compôr de portuguezes, com quem mantinha muitas e boas relações.

Alberto Carlos expediu d'ali dez homens na comprnhia do filho do regulo d'Iniati, com alguns presentes para o Lo-Bengula, annunciando a sua chegada e o fim da missão de que ia encarregado para aquelle poderoso rei.

Os povos de M'bigo, M'lombô, Niacania, Babi, Bulana e Mtelaba foram a Iniati para trocar ouro e dentes de elephante com o tenente Alberto Carlos ; este porem deu a todos algumas contas, missanga, fios de latão, espelhos pequenos e outras bugigangas, mas não quiz acceitar

objecto algum em troca, porque a missão d'elle não era de trafico, como explicou aos indigenas.

Alberto Carlos fez saber a esta gente amiga, que nas terras da rainha de Machona ia ser estabelecida uma poderosa aldeia de brancos, aonde poderiam ir com generos de todas as qualidades, que trocariam por pannos, espingardas, polvora etc.

Os emissarios que tinham ido ao Lo-Bengula, estavam de volta ao fim de dez dias d'auzencia.

O rei tinha-os recebido bem, acceitado os presentes e mandado dizer a Alberto Carlos que podia seguir para a capital, na qual seria recebido.

A expedição poz-se em marcha cheia de contentamento por ter a certeza de ser bem acolhida pelo rei de tão vastos dominios.

As jornadas, como até ali, deviam ser feitas de madrugada, acampando o resto do dia, abrigados da maior força do calor.

A pequena caravana percorreu a bem trilhada estrada que conduz de Iniati a Gubalavaio, indo acampar na aldeia de Niacania.

A jornada seguinte foi até M'tolaba, um pouco a oeste da estrada.

Tiveram que fazer este pequeno desvio a pedido do *sobeta* d'aquella aldeia, que muito desejava ter os portuguezes comsigo.

O *sobeta* M'talaba era ainda novo, e parecia ter bastante intelligencia.

Fez milhares de perguntas ao teneate sobre as cousas da europa, e mostrou grandes desejos de abraçar a religião christã, de que já tinha algumas luzes pelo convívio com gente de Sofala, com quem tinha commerciado.

---

Este mancebo sympathisou tanto com Alberto Carlos, que o acompanhou até á côrte de Lo-Bengula, offerecendo-se para cicerone.

Da aldeia do M'talaba a carabana seguiu até Edibaine, por onde a estrada passava pelo meio.

Por toda a parte a expedição era bem recebida, e os indigenas vinham pressurosos trazer ovos, gallinhas, arroz, pombé, capata, cabritos, e refrescos que trocavam com facilidade por contas, pannos, facas ordinarias, e pequenas navalhas, a que davam grande apreço.

D'um lado e outro da estrada havia formosos campos cultivados, abundando o cabullo, (especie de feijão), o massembala (milho miudo) e alguns legumes da Europa, que debaixo d'aquelle sol vevificador, attingiam um desenvolvimento enorme.

Os algodoeiros, os coqueiros, os cafezeiros, juntamente com as formosas plantações da canna sacharina, de sorgos, cajueiros, tamarinheiros e ginguba, davam áquelle região um aspecto d'abundancia e bem estar.

O seguinte acampamento foi já nas abas da serra Matoho ou Matopo, ao sul da nascente do Im-Pembis, ou Bembesi, á sombra d'um formoso palmar, onde a expedição se refrescou com o saboroso vinho da palmeira.

Nem uma unica doença se manifestara.

Ao cuidado na escolha dos acampamentos, á abundancia de boa comida, ás cabanas construidas com toda a attenção, ao saneamento, e á rigorosa observancia dos preceitos hygienicos, nos quaes o tenente Alberto Carlos era bastante escrupuloso, deviam todos o gosarem de excellente saude, e terem uma bella apparencia.

O ultimo acampamento teve lugar em Chilo, a tres leguas da capital. Ali recebeu o tenente Alberto Carlos um

enviado de Lo-Bengula para o conduzir a Gubulavaio á habitação que lhe estava destinada e aos homens que o acompanhavam.

Do Chilo á capital era uma das marchas mais fatigantes, atravez de elevada serra, onde a arborisação gigantea como o bao-bab ia a pouco e pouco desaparecendo para dar logar ás rasteiras espinhosas e aos variados e rachiticos fetos.

Gubulavaio edificada no alto do monte do mesmo nome, a uma altitude de 1:628 metros, destacava-se d'entre o azul dos ceus, com toda a belleza dos tons escuros e phantasticos, sendo avistada a grande distancia.

N'um largo *plateau* foram construidas centenaes de cubatas á maneira das dos zulos.

No centro erguia-se um elegante palacio de madeira e colmo, de construcção europêa, com vastas salas e espaçosos pateos; era a residencia do poderoso rei dos Matebeles.

A cidade era guarnecida e defendida por duas altas e bem construidas tranqueiras de grossos ramos de bambú, quitanga e jacarandá, entrelaçados por fórma tal que, os leões, os tigres, as hyenas, os leopardos e outros poderosos animaes da fauna africana, não poderiam, com facilidade, surprehender os seus habitantes.

Estas tranqueiras serviam tambem para a defeza de qualquer inimigo que ousasse atacar o poderoso exercito do Lo-Bengula, composto de quinze mil homens dos mais aguerridos filhos d'África.

Mas nenhum dos visinhos nutria essa estulta pretensão, porque o exercito do Lo-Bengula, além de estar armado d'arcos, flechas, e azagaias, que os intrepidos guerreiros manejavam com grande destreza, tinham a invencivel guar-



da do rei, composta de mil homens, armados com compridas *lazarinas* (1) fornecidas pelos arabes em troca dos prisioneiros de guerra, armas que, espalhavam a morte a mais de tresentos metros; distancia a que as setas dos contrarios, não causavam o menor damno.

Além d'estas guerreiros tinha o Lo-Bengula a *guarda de corpo*, composta de formosas e feras amazonas, que defendiam o seu senhor, até á morte.

Uma larga avenida, dava entrada na primeira tranqueira e conduzia ao palacio.

D'um lado e d'outro estavam postadas filas de soldados do Lo-Bengula.

Uma musica infernal de pifanos e tambores rompeu á chegada da expedição.

Alberto Carlos fez toda a diligencia para marchar na melhor ordem pelo meio dos indigenas.

O primeiro ministro acompanhado de muitos pagens veiu ao caminho receber o enviado do rei de Portugal.

O Lo-Bengula mandava-lhe as *boas-vindas*.

A expedição foi alojada a oeste do palacio, em asseadas cubatas semelhantes ás dos zulos.

O tenente armou as barracas Tollet para elle e para os brancos, e só aproveitou as cubatas para os pretos.

O rei mandou-lhe um boi, alguns carneiros e diversos generos d'alimento.

Todos estes presentes foram feitos com a maior bizzaria e delicadeza.

A's seis horas da tarde d'aquelle dia o Lo-Bengula e a côrte receberia o tenente Alberto Carlos.

(1) Armas de silex de cano muito comprido, usadas pelos arabes caçadores d'escravos.

Este, depois do acampamento estar em boa ordem, apromptou-se para a solemne recepção.

Da maneira como soubesse captivar o rei dependia o bom exito da sua embaixada.

A's seis horas em ponto Alberto Carlos acompanhado de dez homens, todos armados de espingardas Kropatchek, vestindo os melhores fatos, dirigiram-se para o palacio.

Atraz d'elles ia a peça canhão revolver Kotchiss montada no competente reparo, conduzida por seis machonos e servida por quatro expedicionarios.

Seguiam-se os camelos ricamente ajaezados, levando os presentes para o rei.

Apoz estes, marcharam em duas fileiras a escolta e os carregadores fornecidos pela rainha de Canji e Machona. A melhor ordem reinava na capital.

D'um lado e outro da estrada que conduzia ao palacio formavam alas os matebeles.

Soldados do Lo-Bengula armados de compridos bastões de bambú, distribuiam bastonadas á direita e á esquerda n'aquelles quemais curiosos e desinquietos cortavam a linha.

Defronte do palacio formava a guarda particular do rei, composta dos mancebos filhos e parentes dos chefes.

Desde a entrada do palacio até ao throno faziam a guarda d'honra as *amazonas* do Lo-Bengula.

Era esta guarda composta das mulheres mais formosas e dedicadas ao soberano, tendo por elle o culto do fanatismo.

Alberto Carlos e a escolta de dez homens, entraram no palacio.

Atravessaram duas vastas salas.

Ao fim da terceira erguia-se um estrado com docel coberto de pelles de tigre.

O estrado era todo atapetado de pelles de leão, assim como a sala.

O Lo-Bengula estava assentado no throno, cercado dos mais altos dignatarios da côrte.

Vestia tunica arabe, d'algodão muito branco e por cima d'ella uzava uma jaqueta bordada.

Na cabeça trazia o fêz de Zanzibar.

As pernas nuas, os pés calçados com chinelas bordadas a ouro.

A' cinta cingia um bello alfange com os copos cravejados de diamantes.

Vê-se elaramente por este vestuario que as razzias dos arabes haviam por ali mais d'uma vez passado, e que o Lo-Bengula tinha *sabido vender* os seus prisioneiros de guerra.

Diversos dentes d'elephante guarneciam as paredes como recordação da mocidade do poderoso rei Matebele.

A' entrada do tenente Alberto Carlos, o Lo-Bengula levantou-se, o que foi imitado por toda a côrte.

O tenente adeantou-se até proximo ao throno.

O rei estendeu-lhe a mão, á europeia, e disse-lhe: «seja bem vindo o enviado do meu irmão, o rei de Portugal»!

Alberto Carlos apertou a mão do Lo-Bengula, e respondeu-lhe: «o meu senhor el-rei de Portugal envia-me ao poderoso rei dos Matebeles com alguns presentes, para vos mostrar a sua amisade, e assentar com vossa magestade algumas cousas tendente ao bem dos povos seus subditos».

Os homens que conduziam os presentes, avançaram então.

Deante da côrte estupefacta, e de Lo-Bengula maravilhado, foram postos os seguintes objectos: dois fardos de fazenda, um serviço de prata dourado para chá, tres ta-

petes bordados, representando palacios e outras magnificencias europeas, um pequeno lustre de mil pingentes de vidro com as competentes velas, vinte espelhos pequenos, com diversas molduras, um grande harmonium, um talher e copo de christoffle e uma casaca d'archeiro.

O Lo-Bengula ia perdendo o *prumo real á vista de tantas magnificencias*, e como as creanças, não poude passar sem mecher em todos os objectos.

O seu espanto e verdadeira admiração foi quando tocou no harmonium e d'elle sahiram sons, nunca ouvidos pelos seus reaes timpanos.

Desejoso de conhecer tão bonita musica pediu a Alberto Carlos que tocasse alguma cousa.

O tenente chamou um dos homens, natural da Praia da Nazareth, tocador eximio d'aquelle instrumento e disse-lhe que pozesse em acção todo o seu variado repertorio.

O rei e a côrte riam muito, e applaudiam satisfeitos.

Mais satisfeito estava Alberto Carlos, por vêr que o seu pleito estava vencido d'antemão, a não sobrevir algum caso extraordinario e imprevisto.

O Lo-Bengula desejoso de conversar sem aquelle cerimonial com o tenente portuguez, terminou a recepção e marcou o dia seguinte á mesma hora para nova audiencia.

O poderoso rei sahiu da sala acompanhado pela côrte e dirigiu-se á porta do palacio, na intenção de mostrar ao tenente algumas evoluções do exercito.

Porem apenas chegou á porta e viu o canhão revolver Kotchiss pediu logo a Alberto Carlos que lhe explicasse para que servia *aquillo*!

O tenente disse-lhe que aquella pequena peça matava a quatro kilometros uma enfiada d'homens, e que com os

seus trinta e dois tiros podia n'um minuto destruir um batalhão em columna cerrada.

O Lo-Bengula quiz ver o effeito de tão prodigioso invento, e já estava prompto a mandar uns trinta prisioneiros da ultima guerra, para servir d'alvo.

O tenente teve grande difficuldade em o dissuadir de tal proposito, e conseguir d'elle que mandasse collocar na encosta do monte fronteiro alguns bois, para a experiencia.

O rei deu ordem para serem amarrados dez bois ás arvores que estavam no sitio indicado.

Para entreter o Lo-Bengula, Alberto Carlos mostrou-lhe um magnifico revolver Francotte e foi collocar um pequeno alvo de papel a duzentos metros, e fez dois tiros.

O Lo-Bengula e a côrte foram a correr analysar os effeitos das balas!

Não acreditavam que uma *espingarda* tão pequena, como elles diziam, pozesse uma bala tão longe.

Ficaram maravilhados quando viram a arvore furada pelas balas!

A' distancia d'uns trinta metros pastavam alguns carneiros, o rei pediu ao tenente que atirasse sobre elles.

Alberto Carlos apontou a um que estava de frente, a bala acertou-lhe no meio da testa!!

O carneiro cahiu morto.

O espanto dos indigenas foi grande.

O Lo-Bengula tambem quiz atirar.

O tenente explicou-lhe como havia de fazer a pontaria, e o rei depois de fazer alguns tiros, conseguiu dar no alvo.

A este progresso d'atirador o monarcha riu muito, e a côrte riu tambem!

O Lo-Bengula por muito bonitas maneiras mostrou desejo de possuir uma arma d'aquellas.

O tenente que não quria por fórma alguma perder occasião d'agradar ao monarcha africano, disse-lhe que lhe fazia presente d'um outro revolver mais bonito do que aquelle, e mandou buscar um pequeno revolver nikelado de fabrico hespanhol, e offereceu-o ao rei, dizendo-lhe ser aquelle de muito maior valor.

O Lo-Bengula quiz logo experimental-o, e ficou muito contente, por vêr que furava uma taboa a quarenta passos.

Entretanto os bois estavam amarrados no sitio determinado.

O tenente mandou carregar o canhão revolver Kotchisa com balas explosivas.

Fez uma rigorosa pontaria.

Graduou o binoculo de campanha e disse ao Lobengula que olhasse por ali.

O pobre do rei ia de maravilha em maravilha.

Quando viu os bois tão perto de si pelo effeito das lentes tirou depressa o binoculo dos olhos e virou-o e revirou-o de todos os lados.

Percebendo porem o engano, riu muito, no que tambem foi acompanhado pela côrte.

Era certo que, quando ria, riam-se todos mesmo sem saber de que!

Isto tambem por cá succede com muito boas pessoas.

O tenente Alberto Carlos pediu attenção, deu á manivela do canhão revolver, e os bois iam a um e um caindo fulminados!!

Pouco faltou para que os pretos e o rei se não ajoelhassem deante de tão poderoso branco, que só elle era capaz de matar todo o povo Matebele se lhe dessem tempo!

O rei determinou que n'aquella noute houvesse um gran-

---

de batuque <sup>(1)</sup> no acampamento dos brancos, em honra d'elles.

Os bois mortos pelo tenente deviam ali ser assados e comidos.

O *pombé* e a *capata* <sup>(2)</sup> entrariam na função com uma magnificencia verdadeiramente real.

O Lo-Bengula presidiria áquelle festim selvagem.

(1) Dança.

(2) Bebidas frementadas.

## VIII

### EM GUBULAYAIO E DE REGRESSO A CONJI

O Lo-Bengula foi mostrar a Alberto Carlos a cidade.

No trajecto o tenente fallou-lhe da missão que trazia, encarecendo as vantagens para os Matabeles de estreitarem relações com os portuguezes.

Fez ver ao rei que o territorio de Machona pertencia aos portuguezes pela doação feita em 1607 pelo imperador Monomotapá.

Disse-lhe, que elle Lo-Bengula muito proveito tiraria da aproximação d'um centro europeu, onde poderia adquirir todos os productos da civilisação.

A eloquencia d'Alberto Carlos foi grande, mas o effeito do canhão-revolver, das espingardas Kropatschek e da noticia dos dois mil europeus assim armados, occupando o territorio de Machona, que lhe podiam matar um a um os seus subditos, sem que estes lhe podessem fazer o menor damno, foi mais ponderante no animo do rei, do que as boas palavras do tenente e dos direitos do rei de Portugal.



O Lo-Bengula ia ouvindo Albérto Carlos sem comtudo dar a entender o que pensava.

Era aquelle o meio de mostrar a sua esperteza!

Porém no intimo estava mais que resollvido a consentir no estabelecimento dos portuguezes no Machona.

O que tinha elle a perder com isso?

Que lhe importava que os portuguezes arrancassem algum ouro das minas?

Para que lhe servia o ouro a elle?

Não tinha quem lhe fizesse os artefactos porque almejava, nem os meios de communicacão com a Europa para os mandar manufacturar ali.

Só de longe em longe é que na cidade apparecia algum arabe á procura d'escravos e d'ouro.

E que lhe davam estes em troca?

Pannos, contas, latão e raras espingardas, e, essas mesmas más e velhas!

Com o estabelecimento dos portuguezes no Machona não succederia isso.

Os portuguezes são conhecidos no sertão por bons e generosos; dar-lhe-hiam tudo o que carecesse, e além d'isso elle desejava na côrte um official portuguez para ensinar os seus soldados, e artistas para lhe construirem um verdadeiro palacio de pedra e cal.

O Lo-Bengula pensando assim ia caminhando com o tenente.

Chegaram ao acampamento da pequena expedicão, o rei entrou na barraca d'Alberto Carlos, e depois de vêr tudo o que ali estava encerrado e de admirar os objectos para elle completamente desconhecidos, despediu-se do tenente, e á sahida, com um amavel sorriso, disse-lhe: até logo, vou pensar.

.....  
Grandes bandos d'indigenas se reuniram no terreiro em frente do acampamento portuguez.

Dez fogueiras crepitavam alegres e com ares de festa.

O cheiro penetrante da carne assada ao calor das labaredas e inebriava o ambiente e fazia nascer o apetite.

Chegaram os musicos com os tambores de sons cavos e os pifanos estridentes.

Em roda das fogueiras formavam-se ruidosos circulos de homens, mulheres e crianças.

Era uma noite de festa e d'alegria.

O rei Matebele ia dar um *batuque*<sup>1</sup> em honra do enviado do rei de Portugal.

De repente emudeceu tudo, aquellas figuras que se agitavam á luz tremula dos troncos que ardiam, pararam nos seus cabalisticos esgares!

Os tambores da guarda do rei avançavam para o terreiro, annunciando a presença do monarcha.

O poderoso Lo-Bengula assentou-se n'um throno armado no centro do terreiro.

A côrte agachou-se em volta d'elle.

As dedicadãs amazonas que formavam a guarda d'honra postaram-se perfiladas militarmente d'um lado e outro do estrado.

Alberto Carlos e a sua guarda de dez homens avançou tambem para o terreiro.

O rei e toda a côrte levantou-se á sua chegada.

O ar marcial e imponente do chefe portuguez captivou-lhe as boas graças de todos.

O rei estendeu-lhe a mão, que o tenente apertou entre as suas.

<sup>1</sup> Vide — Noticias sobre Moçambique.

N'este momento o Lo-Bengula segredou-lhe ao ouvido :  
— *pensei e resolvi; estaes servido!*

Alberto Carlos apertou-lhe mais a mão, fazendo todo o possível para não deixar transparecer a alegria que lhe ia n'alma.

O rei fel-o assentar a seu lado.

Ja principiar o festim!!

As *musicas* romperam n'um charivari d'ensurdecer; os vorazes gubulavaios disputavam entre si a fumegante carne dos bois.

A *capata* e o *pombé*<sup>1</sup> corriam á vontade por aquellas guelas ressequidas.

O rei, a côrte, a expedição e até o proprio tenente tomaram parte no banquete.

Alberto Carlos entendeu dever não ficar atraz em bizzarria ao seu real hospedeiro.

Mandou buscar uma duzia d'ancoretas de fina aguardente de canna, e elle mesmo pela sua mão as offereceu ao Lo-Bengula.

O pôderoso monarcha nunca tinha saboreado bebida tão boa.

Os trinta e dois graus da aguardente eram o *melhor sabor* para o seu real paladar.

A' côrte foi permitido provar do precioso nectar!!

A boa ordem ia-se perdendo a pouco e pouco.

A troca do sangue entre o monarcha Matebele e o enviado do rei de Portugal devia effectuar-se n'aquella noite.

O cirurgião aproximou-se então; fez horrorosas caretas, deu muitos saltos, e por fim abriu uma pequena incisão no braço d'Alberto Carlos e outra no do Lo-Bengula, procedendo á vaccinação mutua!!

<sup>1</sup> Bebidas alcoolicas.

Estava a troca do sangue realisada!!

O rei fez um gesto com a mão; o seu tambor *d'ordens* rufou.

Silencio profundo se restabeleceu como por encanto.

Ia fallar o monarcha.

— Ouvi, disse elle, d'este momento em diante o tenente Alberto Carlos enviado pelo meu parente, o poderoso rei de Portugal, é considerado meu irmão, se algum de vós attentar contra a sua pessoa, contra a vida de qualquer dos homens da expedição portugueza, ou contra as suas fazendas, ser-lhe-ha cortada a cabeça pelo meu executor-mór; o seu corpo lançado ás feras, as suas mulheres e os seus filhos vendidos e açoitados publicamente, e os seus bens passarão para a corôa.

Os olhos do Lo-Bengula injectaram-se de sangue, as pupillas dilataram-se e as feições transtornaram-se-lhe completamente!

Não parecia o mesmo homem, lhano, presenteiro e alegre, que ha pouco tinha chegado cheio de magestade e nobreza.

Parecia o demonio extreminador do povo africano!

Os seus fieis subditos rojaram-se pelo chão, parecendo sentirem o effeito das palavras do rei, e n'um côro unisono disseram humildemente: *ngeté, ngeté, ngeté! aió, aio!!* o que quer dizer, *sim, sim, sim*.

Depois d'isto o banquete continuou.

A alegria restabeleceu-se, a capata e a aguardente circularam de mão em mão.

Foi permittido ás bellas amazonas tomarem parte na festa.

Iam principiar os batuques!

Ia principiar a orgia dos banquetes africanos!!

Ia-principiar para o preto o melhor dos praseres !

Um grande circulo se formou em volta do rei e do tenente.

Os tambores batiam um compasso monotonico e cadenciado.

Homens, mulheres, creanças e velhos, *nobres e plebeus*, gritavam, cantavam, diziam versos e batiam palmas, empenhando se cada um em fazer o maior barulho possivel.

N'aquelles gritos humanos e no som dos instrumentos não havia a menor harmonia.

Comtudo, para elles, o batuque tinha tanto mais merecimento, quanto o barulho e a inferneira fosse d'ensurdecer os ouvidos de tympanos bem fortes.

Do circulo destacou-se então uma formosa amazona da *guarda real*.

Tinha só deseseis annos, mas a largura dos quadris, o amplo e saliente seio, as grossas e bem torneadas pernas, davam-lhe um parecer de mais idade.

Esta formosa zula, descendente da raça nobre que tinha occupado aquelle paiz, era o *capitão* da guarda do rei !

Vestia um curto saiote d'algodão, e dos hombros desprendia-se-lhe uma especie de manto escarlata.

Na cabeça trazia o turbante arabe.

Grossas manilhas d'ouro enfeitavam-lhe ambas as pernas e braços.

Era o este o signal equivalente ao que na Europa indica não dever a mulher levar para a cova *flôr de laranja*.

A virgindade d'ella já tinha pago o tributo ao seu senhor !

Esta *capitôa*, gosava das graças do despota, e por isso era respeitada na côrte e em todo o paiz.

A mulher avançou para o meio da larga clareira, olhou em roda, desprendeu o manto, que entregou a um *pagem*, e principiou a dança!

Os olhares dos que ainda podiam ver, não se desfitava d'aquelle corpo esbelto, que dava mil tregeitos, qual d'elles o mais libidinoso, impudico e obsceno, de proposito a provocar a luxuria e a excitar o devasso senhor.

A bella *capitôa* depois de eximir tão publicamente as graças de mulher libertina, sensual e voluptuosa, terminou os esgares lascivios por ir dar com o proprio ventre, no ventre do primeiro ministro do rei!!

A esta *chamada*, foi o ministro repetir identica dança!

O batuque foi-se prolongando até manhã.

O Lo-Bengula retirou-se satisfeito para o palacio, e o tenente foi descansar d'um dia tão cheio d'emoções.

.....

Pelas nove horas da manhã, o *tambor-mór* da côrte, especie de pregoeiro, chamava os principaes moradores de Gubulavaio a um *chauri* como se diz em linguagem Vanguana, — um *conselho d'estado*, como por cá se lhe chamaria.

Aos rufos ordenados e symbolicos do tambor correram de todos os lados para o palacio real, aquelles a quem era dado assistir a estes altos conselhos.

N'uma sala das mais vastas da residencia do Lo-Bengula estava reunida a selecta sociedade Matebele.

O rei expoz com claresa, que os portuguezes em grande força e bem armados, iam estebelecer uma cidade nos terrenos de Machona outr'ora cedidos á corôa portugueza pelo imperador Monomotapá.

Que estes terrenos eram aquelles que a rainha Mangira occupou antes da ultima guerra.

Que os portuguezes eram bons, poderosos e generosos, havendo com elles as attenções devidas.

Que do estabelecimento dos portuguezes em Machona explorando as minas, poderia advir aos Matebeles os seguintes beneficios: um mercado para venda dos productos do paiz; muitos fatos para vestirem; boa aguardente fabricada por esses portuguezes, das grandes plantações de canna que por ali havia; boas espingardas, abundancia de pelvora e muitas outras coisas que lhe pareciam vantajosas.

Que a prohibição de estada dos portuguezes em Machona, importaria uma guerra.

Que, apesar da superioridade do numero e do valor nunca desmentido dos guerreiros Matebeles, descendentes dos invenciveis zulos, não haveria probabilidade nenhuma de bom exito, porque os portuguezes possuiam umas armas inventadas pelos feitiços que matavam a uma distancia immensa, capaz até de chegarem ás estrellas!!

Que as lanças, settas e mesmo as espingardas com que os Matebeles estavam armados, de nada serviriam contra os portuguezes.

Que elle, senhor dos vastos territorios dos Matebeles e Machonos, queria saber se o povo era de opinião que conservasse a paz e amizade com os portuguezes, consentindo o estabelecimento d'elles no paiz de Machona, ou se lhe queriam declarar a guerra.

N'estes *chauris* os diplomatas espreitam sempre a physionomia do despota autocrata, para serem da sua opinião, porque geralmente aquelle que o não é fica sem a cabeça na primeira oportunidade.

Pelos antecedentes e pela fórma da arenga do Lo-Bengula era manifesta a vontade do soberano, e só *pró forma* fora reunido o conselho.

Segundo o uso todos ficaram calados á espera que o rei mandasse fallar um d'elles.

O Lo-Bengula então dirigiu-se a um mancebo que occupava um logar perto d'elle: falla tu, Chirengua, como chefe mais novo dos aqui presentes.

O Chirengua prostrou-se tres vezes no chão, e depois disse: sou d'opinião que o meu senhor o poderoso rei Lo-Bengula conserve a paz com os portuguezes e estreite com elles a amizade.

— Falla tu agora, grande chefe de Ubangin, és o mais velho, o mais rico e de bom conselho.

O chefe de Ubangin prostrou-se da mesma forma tres vezes e proseguiu: Lo-Bengula, tu és um poderoso rei, o Muene puto<sup>1</sup> não o é menos; que os dois irmãos vivam em paz longos annos, e todos seremos felizes.

O Lo-Bengula levantou-se solemnemente e exprimiu assim a sua resolução definitiva: depois da opinião de Chirengua o mais novo, e de Maniamba de Ubangin o mais velho, se houver de entre vós algum que tenha alguma coisa a dizer, que a diga e bem alto.

— Senhor, aventurou-se então um chefe a dizer, foi sempre costume antigo dos nossos avó consultar os *feitiços* em casos como este, e não querendo faltar á lei zula peço humildemente para que os feitiços sejam ouvidos, alliviando assim um grande peso do meu coração.

— Serão satisfeitos os teus desejos, Chiota, respondeu o Lo-Bengula, e hoje ás 6 horas da tarde, na audiencia

<sup>1</sup> Rei de Portugal.



que marquei ao enviado do Muene-puto, serão consultados os feitiços, — disse.

.....  
A decisão tomada no *chauri* correu logo de bocca em bocca, e em pouco tempo tinha chegado ao acampamento portuguez e aos ouvidos d'Alberto Carlos.

Este, sabedor das *intrujices* dos cirurgiões africanos, que são os consultados para invocar os *feitiços*, de que depende muitas vezes o destino d'aquellas nações, preparou um bom e valioso presente e servindo-se do seu amigo o chefe M'talaba, mandou-o áquelle *senhor*.

Não teve de que se arrepender, porque, por aquella fórma, os *feitiços* ficaram desde logo bem dispostos a favor de — causa tão justa, — como o cirurgião disse ao enviado.

A's 6 horas da tarde o tenente dirigiu-se para o palacio, com o ceremonial do dia antecedente.

A mesma recepção o esperava.

O Lo-Bengula depois dos cumprimentos dirigiu-lhe as seguintes palavras: enviado do poderoso Mueno-puto, meu irmão e rei de Portugal, n'um *chauri* que esta manhã tive com os meus nobres e valentes vassallos, foram d'opinião que deveria acceder as propostas de que fostes portador, e estreitar com um povo tão bom e generoso, as relações d'amizade que já mantemos; porém, tenente Alberto Carlos, as crenças dos nossos avós mandam que, para a decisão d'um objecto tão importante, sejam consultados os *feitiços*, sem o que o meu povo teria muito que soffrer na sua consciencia.

O tenente respondeu a este discurso: Poderoso rei Lo-Bengula, senhor dos vastos territorios Matebeles, chefe supremo de tantos, valentes e nobres guerreiros, em nome

do rei de Portugal vos faço saber, que o meu amo e senhor e todos os portuguezes muito louvam um povo que conhece os seus direitos e mantém com os visinhos amizade leal e digna, de que só póde advir para uns e outros felicidades e venturas; e respeitando as vossas crenças, espero pela decisão dos *feitigos*, e praza ao Deus que do alto dos céus nos contempla, que essa decisão seja como todos nós desejamos, para descanso do nosso coração, e para ventura dos povos matebeles e portuguezes.

Em seguida a estes *pomposos* discursos, a que os pretos dão grande apreço, a ponto de não gostarem de branco que não falle muito, contrariando-b como pódem em tudo e por tudo, ficaram todos satisfeitos, e o cirurgião fez a sua entrada solemne!!

Merece uma descripção especial este individuo que exerce tão poderosa influencia nos africanos, tendo muitas vezes mais poder do que o proprio rei, que não passa n'este caso d'um manequim nas suas mãos.

O cirurgião era um homem de quarenta annos, de grandes pés e compridos braços, alto, espaduado e magro, com algumas cicatrizes no rosto, proveniente de golpes feitos com o fio da lança.

Trajava um *panno* em roda dos rins, e na cabeça trazia uma immensa *capella* formada de pennas de diferentes aves.

O seu *sacrarario* de consultas invisiveis consistia n'um cesto de canna aonde trazia objectos dos mais variados e discordantes, na fôrma e na essencia, taes como pedras, conchas, carços de fructos indigenas, chifres de varios antilopes, bocados de madeira com feitios esquesitos, dentes humanos e d'animacs da fauna africana, espinhas de peixes, legumes seccos, e muitas outras cousas, a que não é possivel dar nome.

N'uma cabaça trazia uma porção qualquer de missanga grossa, misturada de milho socco.

O *cirurgião advinho* avançou com saltos e esgares para o meio da sala.

Mecheu e remecheu o cesto e a cabaça, deu cabriolas, pulos, dançou, fez pantomimas, bobices, caretas, tregeitos, visagens, qual d'ellas a mais tola e pedante.

Parava de vez em quando, olhava para dentro do cabalístico cesto, aonde ouvia a *voz da sacerdotiza* d'aquelle *templo de canna*, a que mostrava dar grande attenção!!

Depois de repetir estas monices umas poucas de vezes, disse: *os feitiços são contentes.*

As ancoretas' d'aguardente passaram de mão em mão como era da praxe em casos tão solemnes!!

Havia ainda uma outra prova a realisar, era o *curativo*, experiencia feita com uma *gota do sangue* do branco.

Alberto Carlos submetten-se de boa vontade a ella, e o *cirurgião* depois de lhe fazer uma leve arranhadura n'um braço, tirou um pouco de sangue que esfregou nas mãos, com o mesmo acompanhamento de saltos e pantomimas antecedentes, e decidiu por fim que *os feitiços eram contentes!!*

A aguardente tornou a circular, e a audiencia estava terminada!

No outro dia o tenente poz-se a caminho para Conji, levando a certeza do resultado da sua boa e feliz negociação, com o poderoso rei Lo-Bengula.

Quando chegou a Conji, já ali estava o major e o resto da gente.

## IX

### DO SAVE PELO PARALLELO 19.º À SABÁGUÉ

Todos os membros da expedição tinham gosado até ali d'uma excellente saude.

O major fôra incansavel em reunir os elementos necessários para a boa hygiene.

O alimento era abundante e da melhor qualidade.

A carne fresca, e o pão e o vinho nunca faltaram.

Os fructos mimosos dos paizes atravessados foram pagos, alguns bem caros, para refrescar, sem distincção, todas as pessoas.

As jornadas eram feitas ao romper da manhã, e interrompidas ás 10 horas, quando o calor começava a fazer-se sentir.

Usava a expedição calçado apropriado para as diferentes marchas e umas botas altas feitas por um sapateiro da Fuzeta, d'um cabedal preparado em Tavira, que não deixava passar a menor humidade, antes que a marcha se fizesse pelas regiões molhadas ou pantanosas.

O fato era de flanella, e o capacete de dupla cobertura

~~~~~

tinha uma especie de manto de linho embebido n'uma dissolução de sulphato de chumbo e alumen que preservava completamente o corpo da humidade dos caminhos e chuvas.

Todos eram obrigados a tomar banhos frios ao amanhecer, e a mudar de roupa no fim das marchas.

Havia uma secção especial encarregada da lavagem da roupa, possuindo apparatus para esse fim, dos mais modernos e portateis.

Algumas creanças mesmo, que em Lisboa estavam amarellas e anemicas, iam recuperando forças e côr, com este methodico e salutar regimen.

A não ser o caso das cachoeiras de Inharomirua, e um pequeno incidente no lançamento da ponte no rio Odzi, em que uma duzia d'homens tomaram um banho forçado quando rebentou a espia, cousa alguma de triste havia a registrar no diário.

O Save forneceu excellente peixe, e alguns magnificos mariscos d'um sabor muito especial.

O intimo convivio das differentes pessoas ia tornando aquellas familias, n'uma familia só, e mais d'uma *inclinação* por occulta que quizesse estar, tinha sido patente aos olhos de todos.

O bom do capellão ria-se, e dizia aos felizes namorados: — cá os espero, e quanto mais depressa melhor.

Ao que os interpellados ruborisando-se como cerejas, sorriam-se cheios de ternura e amor.

O celebre Mutassa tambem tinha vindo visitar o major Sotto Major, e com o *coração nas mãos* affirmara-lhe a sua inteira amisade, e o respeito e vassallagem ao rei de Portugal, levando em troca de tão boas palavras, uma magnifica espingarda de dois canos, que cobiçara !!

O lançamento da ponte no Save estava prompto.

No dia 20 de outubro estava a expedição toda na margem direita do rio.

Uma immensa floresta de gigantes algodoeiros, *bassia-parkii*, *ficus kotschyana*, freixos, acacias, zambugeiros, mangueiras, gommeiras, faias argenteas, *tamarindus indica*, acayoba, *jatropha curcas*, *kigeleas*, protoaceas, pimenteiros, loranthaceas, caoutchouc e variadas trepadeiras, tinha que ser atravessada.

Não havia um unico trilho de pé humano por aquelles terrenos baixos e alagadiços.

Cem homens armados de machados divididos em duas secções iam abrindo caminho.

A marcha assim era muito fatigante e deveras perigosa.

A natureza tinha porfiado em inventar toda a qualidade d'obstaculos á passagem do homem.

D'entre as variadas trepadeiras, havia uma, a *quintua*, que com os dardos envenenados fazia profundas e dolorosas queimaduras nos sapadores.

Um arbusto terrivel, uma mimosa, a que os indigenas chamavam *unha de gato*, mui semelhante ás esponjeiras, rasgava as carnes e o fato, como garras de leão.

E a avara natureza não contente com todos estes terribes embaraços á passagem dos seres humanos, accumulára, havia seculos, os detritos de milhões d'animaes decompostos com as folhas cahidas, e podres por uma humidade continua, nauseabunda, quente e doentia.

Os acampamentos tinham que ser feitos em sitios pouco saudaveis e n'uma zona em que os individuos mais terribes da fauna africana eram verdadeiramente perigosos.

O crocodilo, o hyppopotamo, o rhinoceronte, o leopardo, a magomballa, a raposa, o leão, a hyéna, o chacal, as co-

bras e outros terríveis reptis espreitavam nos pantanos e nas florestas a passagem d'estes atrevidos seres humanos que iam devassar as suas habitações virgens e seculares.

Uma hyena mesmo chegára a arrebatara uma pobre creança de quatro annos, filha d'um Quiteve que acompanhava a expedição, e que a mãe imprevidente deixára adormecer fóra do acampamento enquanto ella colhia o fructo do *naboque*, uma especie de romã brava, muito succulenta e aromatica.

O major irritado com este facto, mandou deitar fogo á floresta, e pelo espaço de oito dias ainda fumegava o resto d'aquellas arvores colossaes que viviam ha seculos entre os rios Chinica e Sitze.

O fogo só parou quando as aguas dos rios e riachos se lhe antepozeram.

Esta região de deseseis leguas quadradas era deshabitada e de poucos recursos para os viajantes; e apesar da expedição não temer a fome, todos tinham o maior empenho em sair d'ella.

O major ordenou a maxima velocidade nas marchas, afim d'alcançar os montes Cigarra e Machoua onde então descançariam alguns dias.

A passagem pelos pantanos sempre lhes foi fatal, vinte pessoas estavam doentes com dysenteria, febres palustres, e um europeu até, com um typho declarado.

Os cirurgiões empregaram todos os meios para salvar e restabelecer os doentes, porem dois d'elles, já com o organismo contaminado das *doenças de Lisboa*, não poderam resistir, e uma profunda cova tapada com pezadas pedras encimadas com a cruz, marcou a passagem do europeu por aquellas inhospitas e selvagens regiões.

O regulo de Umtingesa, povoação importante ao norte

do monte Cigarra, nas nascentes do Sebaqué, veio com os seus vassallos armados em guerra pedir uma indemnisação por algumas arvores, que dizia suas, e que o major tinha queimado.

O major facilmente se entendeu com elle, e o bom do regulo por mais uma botija d'aguardente de trinta grans deixaria queimar o mundo todo; e, tão satisfeito ficou quando soube que a expedição se ia estabelecer em Sabagué, que prometteu fazer ao major e aos seus, diversas visitas.

A expedição tinha recobrado as forças e a saude com os bons e puros ares das montanhas.

O thermometro aneroido marcava mil e quinhentos metros, e chegava ás vezes meamo a attingir mil e seiscentos em alguns pontos, sendo a media d'esta altitude mil e trezentos metros acima do nivel do mar, o que já era uma região excellente para europeus.

O rio Umniate tinha sido passado duas vezes, os montes Machona, Cigarra e a serra Thaba Isimbo estavam transportos, as difficuldades de todas aquellas penosas jornadas tinham desaparecido.

Haviam finalmente chegado aos campos d'ouro de Sabagué!

O capitão Estrella não tinha estado parado um momento.

O terreno para a edificação da *Lucitania* nome da nova cidade de Machona, tinha sido cuidadosamente procurado, e o levantamento d'elle estava prompto.

Só faltava a approvação do major para se dar começo ás edificações de pedra e cal, ou de terra...

Entretanto um magestoso kilombo, e de casas de madei-

Aldeia — agrupamento de casas de madeira das indigenas da desesa.



---

ra, barro e capim estava preparado pelos homens do capitão e por muitos dos subditos da rainha Mangira.

Em volta do kilombo existiam as abundantes minas de ouro, de prata e de diamantes de que fallavam os diversos documentos do imperador de Monomotapá, e que a rainha de Conji e Machona e a sua filha tinham ido mostrar ao capitão.

Dias depois chegava o tenente Alberto Carlos com a resposta do Lo-Bengula.

Tudo corria ás mil maravilhas como vulgarmente se diz, e sem perda de tempo deu-se começo aos importantes trabalhos da lavra do ouro e da occupação definitiva de Machona.

A rainha não oppunha o menor obstaculo ás obras e aos melhoramentos que via introduzir no seu reino.

Os subditos de Lo-Bengula, os ferozes matabeles, ou voltaram para Gubulavaio, ou resolveram-se a trabalhar com os portuguezes na transformação d'aquellas selvagens regiões.

Os engenheiros e os officiaes não tinham um momento de descanço alem do indispensavel para comer e refazer as forças.

Um importante troço d'indigenas com diversos capatazes foram encarregados de construir uma estrada a macadam quasi pelo mesmo caminho que tinha trazido a expedição.

O primeiro cuidado do major foi remetter para Lisboa uma importante quantidade d'ouro em barra e alguns diamantes em bruto, pedindo que lhe mandassem sem perda de tempo generos de primeira necessidade, e muitos outros para pagamento dos salarios aos indigenas.

As communicações telegraphicas com Sofala tinham fi-

cado estabelecidas pelo pessoal da expedição, e diversas estações montadas nos sitios mais proprios com dois empregados cada uma, estavam sempre promptas a transmitir os despachos da expedição.

O major nos tratados que celebrára com os regulos, sobas e sobetas, tinha especificado a clausula de não consentirem estes que os seus cortassem os fios telegraphicos, e até então não havia cousa alguma a censurar.

A povoação de Conji, no monte Mochena, entre dois rios, o Ucuella e o Incocuesi era um ponto estractegico de grande importancia para a defesa da nova cidade e dos campos d'ouro, se algum dia os Matebeles tivessem tenção d'atacar a colonia portugueza.

Em Conji morava como é sabido a rainha e a filha.

O major construiu para ellas o palacio de que eram dignas aquellas infelizes mulheres.

O monte foi todo fortificado.

As margens dos rios, fossos naturaes de grande importancia cobertos de parapeitos e trincheiras.

O sitio escolhido para a edificação da Luzitania foi na encosta do serro que forma o contraforte do monte Mochena exactamente aonde o paralelo 19.º corta o terreno um pouco ao oeste do rio Uncueque, que tem as nascentes na serra de Musigaguva.

Com mais alguma artilharia que viria de Lisboa, e com as metralhadoras, a cidade devia ficar em bom estado de defesa, demais a mais que, o inimigo provavel, os cafres e zulos, não dispunham d'artilharia.

A região aravel, e era ella de grande extensão e fertilidade, foi entregue aos agronomos.

E, tão intelligentemente dirigiram este ramo de serviço, que as arvores derrubadas formavam compridas pilhas

---

de madeira para obras e para combustível, e os bois com as competentes charuas revolviam aquelle solo fertilissimo.

As abundantes correntes d'agua foram bem aproveitadas, e a irrigação para o milho, hortas e arvores de fructo plantadas de novo, fazia se sem trabalho e com bastante proveito.

Dentro de pouco tempo a colonia teria uma existencia independente, e deixaria de importar da europa os generos alimenticios a que estava habituada, havendo-os todos ali.

A vinha tambem foi mettida nas encostas que não produziam outra planta, e ao fim de trez annos já os roxos e dourados cachos fariam as delicias das mezas dos colonos Machonos, e encheriam os lagares da sociedade.

Havia mezes ainda que o major chegára com um punhado de gente a Machona.

Tudo ali era selvagem e agreste.

Osopro da civilisação parecia que jamais adejaria n'esta parte da Africa.

Que transformação se effectuara em tão curto espaço de tempo!

As *risadinhas* do padre Maia já tinham tido mais do que uma explicação exacta e verdadeira!

Muitos casamentos se haviam realisado e a colonia em breve tempo veria entre si mais algumas creanças, essa eterna alegria do mundo.

A cada nubente era concedido um bom trato de terreno que cultiva por sua conta; e esta medida tão simples, porque o terreno não faltava, daria em resultado o tornar-se os arredores da cidade em bellas quintas onde a vida europea se iria alastrando e inoculando nos indigenas.

Esta civilização evolutiva, a unica que se deve empregar na Africa, traria uns beneficios incalculaveis.

Os pretos, imitadores por excellencia, já não queriam andar nós, teriam mesmo abandonado a polygamia, e de todo deixado os banquetes barbaros de anthropophagia aonde algumas victimas humanas esartejadas e cosidas eram servidas como prato de *resistencia* nos dias solemnes!

Sem pressão, e com o exemplo, os padres da colonia, verdadeiros pastores d'almas, e não nefandos roupotas como alguns que por ahi engordam á custa de tanto desaforo, iriam chamando ao seio da religião christã muitos dos habitantes das aldeias visinhas.

Ao domingo sentia-se já ao longe e no alto das torres de madeira edificadas em alguns montes, o som do sino que chamava os povos a ouvir a verdadeira palavra de Deus.

Batidas constantes aos diferentes animaes perigosos, tinham livrado d'elles o paiz.

O machado ia limpando as florestas, a enchada e o alvião esgotando os pantanos e renovando as aguas nas lagoas piscosas.

A lavra do ouro e dos diamantes era importante: as despezas com a instalação estavam resolvidas, e o capital da companhia, offerecia grandes lucros.

A felicidade, a paz, e a ventura, parecia que nunca seria perturbada entre aquelles ditosos filhos do trabalho.

Comtudo ao longe, lá muito ao longe, accumulava-se uma tenue nuvem e quem sabe se ella seria precursôra de grandes e inevitaveis desgraças?!!

## X

### A PAIXÃO DE MAGELINA

A expedição de Diogo Simões Madeira, em 1607, que auxiliou o imperador de Monomotapá contra o rebelde Matuzianhe, deixou bastantes portuguezes espalhados pelo valle de Zambeze, e especialmente no Zumbo e Mashona.

Um d'elles, João da Cunha Pereira, fidalgo arruinado e aventureiro, achou bom partido a viuva rainha Catécula, e casou com ella, com as honras e formalidades do paiz.

D'esta ligação, e d'outras subseqüentes com europeus, se foi introduzindo sangue branco na familia onde tinha origem a actual rainha Mangira, soberana de Machona, e viuva do poderoso e temido NM'ansa, que por muitos annos fôra o senhor absoluto dos destinos do povo Machoano.

N'este ramo real tinha-se porém conservado sempre a origem e o sangue primitivo da raça Bechuana, que segundo diz Louis Figuier, é aquella cujas feições se approximam mais das feições dos europeus, chegando mesmo a serem bellas.

O caracteristico da raça preta apparecia bem visivel n'um ou n'outro membro d'esta familia real, mas outros

havia em que os labios não eram proeminentes, o nariz não era largo nem achatado, o queixo não era retrahido, os olhos não eram redondos, os dentes não eram salientes, e a fronte não era curta.

Sómente o cabello não perdia o lanoso e a fórma chata da origem, e o pé não tinha o arqueado elegante da raça branca.

Em alguns mesmo, esse tão fallado angulo facial, que tem sido objecto de serias polemicas scientificas e aturados estudos dos sabios anthropologos, como Blumenbach, Prochaska, Lacépède, Cuvier e Buffon, chegava a medir os noventa graus dos europeus, não passando além d'esta bitola, como passava o dos antigos e formosos gregos.

Valmont de Bomare, outro sabio anthropologo, affirma, baseado em dados certos que, bastam quatro ou cinco gerações de raças crusadas, para um filho de negro se tornar branco, ou d'um branco se tornar negro, e formulou uma ordem de crusamentos, pela qual são conhecidos nas colonias francezas a quantidade das misturas de sangue; assim:

1.º Um *branco* com uma *negra*, ou um *negro* com uma *branca*, produzem o *mulato*, que não é nem branco nem negro, mas d'um amarello tostado e que tem os cabellos pretos, curtos e frisados.

2.º Um branco crusando-se com uma *mulata*, ou um *negro* com uma *mulata*, dão um *quartão*. A sua côr é composta de trez quartas partes branca e uma quarta parte preta, ou trez quartas partes negras e uma branca. O tom é um amarello menos carregado que no mulato.

3.º Um branco com uma *quartã*, ou um *negro* com uma *quartã*, produzem um *octavão*, (sete oitavas partes de côr branca e uma oitava parte de côr negra, ou vice-versa).

4.º Um *branco* com uma *octavã*, ou um *negro* com uma *octavã*, produzem um ser quasi completamente negro, ou quasi completamente branco.

N'este caso é que estava a formosa Magelina.

Sua mãe era uma *octavã*, e seu pae um mulato d'origem portugueza.

Devido a um d'estes phenomenos que os mais sabios não explicam completamente, Magelina era branca como o lírio, e a sua tez um pouco baça e avelludada tinha o perfume fresco da rosa Alexandrina e o tom expressivo das filhas da Andalusia.

A testa larga, o nariz aquilino, a bocca pequena, os beiços delgados, e os olhos rasgados dardejavam effluvios de luz e d'amor, formando este conjuncto um todo d'essas formosas gregas, de que só os estatuarios nos transmittiram a pureza e a belleza das linhas.

Magelina, no meio das florestas bravas e colossaes dos seus dominios, cercada dos selvagens da sua côrte, entre o rugir do leão, o grito do chacal e o silvo da serpente, parecia a fada Alida de Garrett, que com uma varinha magica dava vida, alegria, tom, poesia, claridade e luz aquellas brenhas agrestes, e áquelles seres féros e bravios.

Magelina, formosa e pura, com a suavidade da sua voz, a harmonia do seu todo e a belleza do seu coração, tinha um tanto de cousa divina, baixada áquella terra selvagem, erma e núa d'almas que comprehendessem aquelle palpitante coração delicado e fino.

Um sentir vago e indefinido tinha-se, desde ha muito, apossado de todo o seu ser.

Não comprehendia o vacuo immenso da sua existencia.

Não sabia formular o desejo da sua alma ardente e apaixonada.

Soffria só e resignada sem saber o *porquê*, e nas horas inexplicaveis para ella, em que o espirito profugo divagava nas regiões desconhecidas, as lagrimas corriam ardentes pelas faces esbrasiadas, sem que procurasse detel-as.

A' vista d'Alberto Carlos todo este ser se transformou.

A alma errante, o espirito transfuga, fixou-se.

O coração bateu apressado, a idéa vaga tomou corpo, e a consciencia até ali muda, fallou-lhe ao ouvido, e n'um terno murmurio ciciou-lhe a doce palavra — amor!

Magelina transformou-se completamente, o vacuo d'aquella alma estava preenchido!

E com esta franqueza sublime e rude dos caracteres fortes acercou-se da rainha sua mãe, e radiante d'alegria, disse-lhe: mãe, sou feliz.

Mangira, cheia de satisfação por vêr a alegria que irradiava do todo da adorada Magelina, perguntou-lhe, com a terna doçura das mães: que tens filha querida que motiva tão de repente a tua felicidade?

— Ouve mãe: ha muito que tu e todos os teus carinhos eram pouco para mim, que estes montes, estas florestas e estes valles encerravam a solidão, a tristeza e a morte!

«Sentia todo o pezo do meu isolamento.

«Sentia que uma falta grande, fatal, mas desconhecida, havia na minha existencia.

«Necessitava, comprehendendo-o hoje, abrir o sacracio do meu coração a alguém que não fosses tu, necessitava mostrar-lhe este immenso amor que me vae n'alma, que me abraça e consome!

— Dize-me, filha adorada, quem foi o feliz mortal que despertou o fogo d'essa paixão? Será elle digno d'ella?

— Oh! é sim, minha mãe, é o formoso tenente Alberto



Carlos, que a estas horas deve estar com o Lo-Bengula, e breve voltará.

— E corresponde elle por ventura á immensidade d'esse amor?

Magelina a esta pergunta tornou-se livida.

Uma duvida pungente atravessou-lhe o espirito.

Duvida pungente, cortante e fria como o gume d'um gladio d'aço fino.

— Oh! sim, tens razão mãe, e se elle me não tiver amor! O que hei-de fazer?

Magelina suspendeu-se, todo o seu corpo tremia, e o sangue refluiu-lhe ao coração de tal fórma, que o rosto formoso e até ali cheio de vida e alegria, assumiu o aspecto da morte!

A pobre mãe teve medo e n'um transporte que só as mães sabem ter, apertou a filha contra o peito e disse-lhe com a sua voz mais suave: não receies isso tontinha, és bella, formosa e boa, quem deixará de te amar, e... — acudindo-lhe outra ordem d'idéas — se esse homem não tiver alma, não possuir um coração que comprehenda o teu, deve ser mau e ambicioso, e n'esse caso, ouve filha querida, os thesauros dos nossos avós, religiosamente guardados até hõje, comprarão o amor d'esse desnaturado.

— Não mãe, isso nunca, quero o amor d'elle, todo, infinito e ethereo como o meu, e no dia em que veja que o seu desprezo é a recompensa do que sinto aqui dentro, e que o seu amor é d'outra... ouve bem, mãe... esse dia... reunir-nos-ha então, lá... em cima!

Os olhos de Magelina brilharam d'uma fórma tal, a sua fronte d'anjo tomou um parecer tão selvagem e desconhecido, que a propria mãe tremeu ao ouvir as palavras da filha.

.....  
Oito mezes tinham passado depois da instalação da colônia em Machona.

Os trabalhos realizados eram muitos, e já conhecidos dos nossos leitores.

A princeza Magelina não parecia a mesma mulher que o tenente Alberto Carlos encontrára quando chegou a Conji.

Os fatos europeus, que usava com infinita graça, davam-lhe um tom soberano e de superior elegancia.

Aprendera a ler com rara facilidade, e a sua occupação favorita era ler sem descanso.

Aquella fina intelligencia, e aquella poetica organização ainda mais se romantizaram lendo as obras primas de Camillo Castello Branco, Garrett, Soares de Passos, Alexandre Herculano, João de Deus, e outros auctores contemporaneos de grande nomeada.

O Eurico era o seu livro favorito, fallava-lhe a linguagem da sua alma.

Aquelle amor selvagem do presbytero, tinha um tanto do seu amor.

Como o Cardingo que divagava nas altas penedias do Calpe, confundindo as suas lagrimas, os seus lamentos e os seus ais, com o som rouco da tempestade, assim ella tambem, de fraga em fraga, de penedo em penedo, nas altas serranias de Conji, confiava ao saphiro brando do pôr do sol, ou ao impetuoso bramir do tufão, as dôres da sua alma.

Como o presbytero, ella não tinha repouso, e ás vezes tambem sentada n'um barco, torneava o monte abandonada á doce corrente do rio.

O seu negro baqueiro, lembrava Ranimiro, o timoneiro

---

do Palmonio, confidente inconscio das torturas d'aquelle grande e desgraçado amor.

Se Magelina voltava para o palacio que lhe haviam mandado fazer, não se achava ali bem, fugia para as grutas reconditas do monte, e n'aquella solidão e isolamento recordava-se da caverna de Cavadonga nos fragedos das Asturias, e do epilogo dos infelizes amores d'Hermengarda e d'Eurico.

O *Monasticon*, esse livro de suave poesia, ficava humedecido com as suas ardentes e puras lagrimas!

Um dia Magelina leu os celebres amores de Margarida Gautier e de Armand Duval, arrojou o livro de Dumas filho para longe da si.

Aquella alma pura não podia comprehender um amor assim.

Não concebia o amor d'uma pecadora, e a regeneração por esse amor, e muito menos que uma mulher depois d'amar como Margarida amára Armand, se pudesse entregar conscienciente a outro ainda mesmo que essa entrega fosse o veneno que escolhera para se suicidar!

Magelina não comprehendia a subtilidade d'estes transportes.

Mas comprehendia o amor do infeliz Armand.

Paulo e Virgina não era tambem o seu ideal.

Não, o amor d'ella era cheio de staves transportes puros da alma.

Junto do objecto do seu amor precisava prehencher o vacuo que fatalmente se havia de fazer entre a adoração extatica e muda dos momentos enebriantes do extasi da alma, e a realidade da vida.

Necessitava compartilhar com aquelle que tanto amava os prazeres as fadigas da existencia.

Magelina tinha sonhos acordada, qual d'elles o mais extravagante.

Umaz vezes via-se com Alberto Carlos n'uma solidão formosa e encantadora, onde sómente o seu amor enchia o espaço vasio em toruo d'elles!

Outras vezes achavam-se no meio do ruído dos combates, e do vozear das metralhadoras e do ulular dos canhões!

O seu idolo obrava prodigios de valor até ao delírio da temeridade, e ella, contente e risonha a seu lado, estancava-lhe o sangue das feridas, e bebia a vida n'um sorriso dos seus!

Breve, o espirito doente phantasiava os calmos efluvios do lar.

Via-se transportada á europa, no meio d'uma cidade desconhecida habitando uma casinha, muito bonita, muito clara e cheia d'encantos!

Os filhos brincavam junto d'ella, e Alberto Carlos deitado com a cabeça no seu collo lia-lhe o Eurico!

A cada pagina virada Magelina cobria-lhe a fronte de beijos!

Tudo isto porém eram sonhos vagos e nebulosos da sua ardente imaginação.

Alberto Carlos continuava a olhal-a muito, a tratál-a com summo respeito, mas não passava d'isto; não lhe dizia sequer uma palavra d'amor!

Magelina cada vez andava mais triste.

Já não confiava á mãe adorada as negras dores do coração.

Eram os cavos dos montes, o murmurar dos ribeiros, os pinaros das altas penedias que ouviam os pungentes lamentos da sua alma.

Um dia, no divagar constante por entre as selvas, internara-se sósinha pelo mais espesso do bosque.

Junto a um ribeiro assentara-se a ler um livro de poesias de Garret.

Cançada do corpo e do espirito, entregara-se sem querer a um profundo lethargo.

O acaso conduziu para ali o tenente Alberto Carlos, que andava á caça.

Que espanto não foi o seu quando a poucos passos de si depara com Magelina adormecida e sosinha no meio d'aquelle bosque perigoso, onde ainda ha pouco se ouvira a voz potente do leão!

Alberto Carlos amava profundamente esta mulher, e no fundo do coração recalrava aquelle amor, porque não queria que alguém se persuadissemos que, calculos egoistas entravam n'elle.

Encontrou-a adormecida ali, sosinha no meio da selva bravia não se poude furtar a contemplal-a extasiado.

Como era bella e seductora!

Que sonhos seriam os d'ella?!

Para os saber daria a vida!

N'esta contemplação divina, teve um sobresalto.

Um pensamento penetrante e frio lhe atravessou a mente!

Sé acorda derepente e me me vê aqui?

Dirá que a persigo e lhe quero impôr o meu amor!

Então, quiz fugir para longe, antes que Magelina acordasse.

Ainda ia a dar um passo, outro pensamento o assaltou.

Que perigos não corre ella aqui sosinha e a dormir no amago d'esta floresta cheia de mysterios tenebrosos!

Lembrou-se de a acordar, e obrigal-a fugir dos perigos desconhecidos.

Não teve forças para o fazer.

Estava extático e mudo na contemplação do objecto do seu ardente amor enchendo os plumões do azul ambiente que a cercava, quando por entre as densas ramagens appareceu um vulto.

Deslisava manso e magestoso, como o Adamastor.

A uns vinte passos de Magelina pára e olha-a admirado.

Ficára fascinando com a presença d'aquelle ser humano no meio dos seus dominios agrestes.

Era o rei das florestas, das selvas e do deserto, era um soberbo leão!

O encanto, a magia e o assombro iam-se porém desvanecer.

Magelina cançada da longa modorra, voltava á vida a pouco e pouco.

Deu um leve suspiro annuncio de que o seu espirito, depois de escabroso passeio pelo infinito, tornava ao leve envolvero, animando-o e agitando-o. Então, estaria irremediavelmente perdida!

A fera olhava-a já com os olhos ensanguentados, com o olhar torvo do assassino e do carrasco, saboreando d'antemão victima tão bella e preza tão facil!

Impressionada porém com a immobildade d'aquelle corpo, não vira ainda o tenente Alberto Carlos.

Aquelles trez seres, pareciam extaticas visões!

A força dos pensamentos de cada um, retinha-os isolados do mundo.

O magnetismo dos olhos de fogo do leão, talvez penetrasse os sonhos de Magelina.

Esta mecheu levemente um braço... a fera não hesitou mais, — o prestigio tenue que a detinha, acabara-se,

que no seu coração houvesse o menor vislumbre de compaixão, de dó ou de remorso!

E os dignos companheiros d'este Lord avançavam com elle, rindo e chasqueando das caretas que as victimas faziam no ultimo stretor da agonia!

Eram dignos filhos d'uma nação de piratas!!

Não envergonhavam os seus avós.

E como elles, caminhavam em busca da riqueza, sem se importarem com os obstaculos, com as dôres alheias, ou com os protestos dos outros!

Obstinadamente seguindo a sua ideia e desprezando, mesmo sem verem talvez, sem comprehenderem, que cada passo de prosperidade da Inglaterra, tem custado á humanidade muita angustia, muito lamento e muito sangue!

A expedição chegou por fim á confluencia do Lasani com o Bembe, e acampou no recondito das ruinas d'um antigo forte portuguez, abandonado, assim como outros, ha bastantes annos.

Sem mais detensas Sir Mac-Leod mandou reconstruir o forte e edificar n'elle uma pequena aringa, arvorando a bandeira ingleza. Sómente com uma proclamação que leu e de que fez lavar um auto, tomou conta d'aquelle territorio e de todo o outro ao norte, a leste e oeste, de que se podesse apossar, em nome da Rainha d'Inglaterra!

O paiz que principiava ali tinha o nome indigena de Bechuana, e Sir Mac-Leod, acrescentou-lhe um *land* e foi o preciso unicamente para que aquelle territorio ficasse sendo inglez!!!

Sir Mac-Leod não fez mais nem menos, do que fizeram mais tarde os *cavalheiros* d'aquella nação que nos disputaram territorios em Sofala, Manica, Zumbo, Tete, Baroze, Quelimane e no Lago Nhyassa!

Sir Mac-Leod foi a guarda avançada de todos os outros fibusteiros, que formando poderosas companhias, nos haviam de roubar tudo a que a nossa negligencia e desmazelo lhes deixava deitar a mão.

Sir Mac-Leod foi o primeiro inglez que abriu o caminho para as ricas minas d'ouro, que nós, dois seculos antes, vimos e apalpámos, e... tolamente temos deixado jazer no terreno, á espera de que por ellas e por causa d'ellas, soffressemos a vil bofetada do ultimatum de 11 de janeiro de 1890!!

Não sabemos, se um dia, a historia da humanidade, fazendo com o seu escabello frio e cortante a critica d'este acontecimento, não dará a razão áquelles, a que nós hoje, com a cara a escorrer do latego com que nos feriram, chamamos os ladrões!

E mais talvez, a historia, com o maior desdem, se ria de gente, que sendo grande, a ponto de serem gigantes os seus Albuquerquees, Vascos da Gama e Castros, se deixou paralisar, aniquilar e derruir, olhando para a sombra d'estes vultos, tremendo de medo por se verem pygmeus! Não se recordando que foi nos seus berços, acalentados pelos mesmos seios, e vivificados no mesmo ambiente que aquelles Semi-Deuses nasceram, cresceram e viveram!

E' que n'elles havia a alma da patria, a consciencia do dever, e a honra de cavalleiros, e em nós, raça deamervada, se n'um momento temos assomos de velleidade... caímos ao menor tropeço e adormecemos á sombra da nossa inercia e da nossa preguiça!!

Sir Mac-Leod uma vez fóra do territorio do Transvaal, fóra do territorio d'aquelles que já algumas vezes tinha



~~~~~

dados serias lições aos seus compatriotas, entendeu que tudo que fosse pizando seria seu, seria inglez!

Deixando atraz de si o forte restaurado, a que poz o nome de forte Victoria, em honra de Sua Graciosa Rainha, e n'elle uma guarnição de 30 homens, bem armados e municiaados, para lhe garantir a retirada, caso o Lobengula se não deixasse seduzir pelas suas grandes e fallazes promessas, poz-se a caminho na direcção de Tati.

Por toda a parte por onde ia caminhando, Sir Mac-Leod encontrava vestigios dos passos dos Portuguezes.

Aqui eram as muralhas derrocadas d'um forte, ali as ruinas d'uma igreja, acolá um marco com nomes de portuguezes que permaneceram ou passaram!

Mas a todos estes marcos milliarios da nossa prioridade nos descobrimentos africanos, Sir Mac-Leod e os seus sorriam com desdem e desprezo!

Estavam chegados á margem direita do Macloutusi no sitio exacto onde este rio é cortado pelo meridiano 22º de latitude sul, quando ouviram na outra margem rufar os tambores indigenas em som de guerra.

A expedição fez immediatamente alto, os carros foram postos em circulo, e os animaes, as mulheres e as creanças ficaram dentro d'elle, abrigados por grossos troncos de arvore e copada rama.

Esta aringa improvisada, palissada n'um momento, foi defendida por aquelles que estavam mais cançados da marcha, e pelos doentes, e serviria de ponto d'apoio no caso d'um desastre.

O commando d'ella foi entregue ao Dr. David.

Mac-Leod dividiu o resto da expedição em tres partes.

Deu o commando d'uma a Drew, outra a Edward Buckle, e tomou elle em pessoa o commando da terceira.

---

Drew devia operar na direita, Buckle na esquerda, e Mac-Leod com a reserva no centro, protegeria o flanco mais atacado.

Com a expedição assim disposta esperou.

O terreno n'este sitio era baixo, o rio tanto d'um lado como do outro espalhava-se bastante pelas duas margens.

Densas florestas de accacias e palmeiras, com alguns raros baobab tapavam a vista para todos os lados.

Os pretos n'estas condições podiam chegar muito perto das avançadas inglezas sem que estas dessem o menor signal d'elles.

O Dr. David fez ver o perigo que corriam n'aquella posição, perigo que maior seria, se os pretos se lembrassem de deitar fogo á floresta.

Sir Mac-Leod não desprezou o conselho, e immediatamente deu ordem para que os carros retrogradassem para uma clareira que tinham deixado a trez kilometros; e que metade da expedição trocando a espingarda pela serra e pelo machado, derrubasse n'um ambito sufficiente, as annosas arvores, gigantes da floresta.

Os pretos vendo retrogradar a expedição romperam em estridentes gritos e uivos, redobrando de furor, dando saltos monstruosos e entoando cantos de guerra, mas não osando atravessar o rio.

Anoite aproximava-se e as cousas estavam no mesmo estado.

Sir Mac-Leod deu ordem de retirarem para o campo intrincheirado pelos carros, e limitou-se a uma rigorosa vigilancia de noite.

O acampamento illuminado em diferentes pontos a luz electrica, com lampadas e reflectores, não podia ser surpreendido com facilidade, e por isso Sir Mac-Leod e os que não estavam de serviço poderam dormir tranquillamente.

## II

### COLONISAÇÃO À INGLEZA

Ó cinica Inglaterra, ó bebida impudente,  
Que tens levado, tu, ao negro e á escravidão?  
Chitas e hypocrisia, evangelho e aguardente,  
Repartindo por todo o escuro continente  
A mortalha de Christo em tangas d'algodão.

GUERRA JUNQUEIRO.

Ao romper da manhã tudo estava a postos no acampamento, e as vedêtas postadas na margem do rio deram signal da gente do regulo Comstende se reunir em grandes bandos, entoando cantos de guerra.

Sir Mac-Leod levantou-se de mau humor, e se na vespere não tinha avançado, era para dar descanso á sua gente e por o dia estar bastante adeantado.

Almoçou á pressa, bebeu-lhe bem, e acto continuo avançou com a força dividida em tres fracções, como no dia anterior.

Os pretos á vista da expedição redobraram de furor e agitando os arcos, as zagaias e os escudos davam cabrio-

las medonhas, que fariam inveja ao mais dextro acrobata europeu.

Queriam com estes esgares atemorizar os brancos.

Sir Mac-Leod apenas chegou á margem do rio, mandou destacar um interprete a parlamentar com o chefe cafre.

Os pretos vendo seguir para elles o emissario, e acostumados como estão todos os habitantes da Africa a estas scenas, esperaram as propostas dos brancos.

Cometende reuniu os grandes para ouvir o enviado.

Este disse em poucas palavras, que os brancos queriam passar, que os caminhos eram de todos, e que, caso os impedissem, o seu chefe passaria á força.

Em vista d'estas terminantes razões, Cometende esperou a decisão do chauri (1) que foi unanime em não deixar passar os brancos, sem que estes pagassem um pesado tributo.

O parlamentario voltou com esta resposta, accrescentando que Cometende tinha dito, que, se os brancos teimassem, não ficaria um unico vivo para levar a noticia ás suas terras.

O orgulho de Sir Mac-Leod não podia soffrer mais.

Mandou que as forças de Drew e de Buckle estendessem em atiradores, fazendo uma marcha envolvente sobre a aldeia, e que a seiscentos metros escolhessem abrigos e esperassem o signal de fogo; e elle com o resto avançou resolutamente para a posição dos negros.

Estes, apenas viram a massa dos brancos que se lhe dirigia, formaram tambem para combate.

As primeiras filas negras avançaram em grande corrida,

(1) Assembléa para decidir das cousas importantes.

e chegados que foram perto de Sir Mac-Leod, dispararam as suas settas, abriram aos lados e fugiram.

Novos combatentes saíram da força principal e iam repetir a mesma manobra, mas Sir Mac-Leod, que já tinha tres homens feridos, não os deixou realizar o seu intento; mandou que as duas primeiras fileiras fizessem uma descarga.

As balas das espingardas de sete milímetros fizeram um effeito espantoso n'aquella massa compacta de pretos, armados com arcos e flechas!

Dezenas d'elles caíram varados!

Houve bala que matou tres; tão perto estavam.

Sir Mac-Leod retirou então, e mandou fazer o toque de fogo aos seus atiradores.

O morticínio foi horrível!

Os atiradores apertaram a gente de Cometende n'um circulo de ferro.

Aquelles que tentavam fugir eram mortos á bayonetada, á coronhada ou a machado!

D'aquella tribu de mil e tantas pessoas não restava mais que a terça parte.

Guerreiros, escravos, senhores, velhos, novos, mulheres e creanças estavam estendidos no chão!!

Era horroroso aquelle quadro!

Os craneos abertos d'uns, d'onde saia a massa encephalica, misturavam-se com os intestinos d'outros, e com o sangue, que em borbotões jorrava das feridas, feitas á bayoneta, no coração e no peito d'alguns!

Membros separados do corpo, palpitavam ainda!

Aqui e ali uma mulher com o seio rasgado por machado, ferida por tiro, ou bayonetada, apertava na estertor convulso da agonia o filhinho querido e innocente, que estrangulava no ultimo arranco da vida!

Os olhos esgaseados e torvos d'um que exhalava o ultimo suspiro, as mãos crispadas d'outro que queria arrancar o peito no sitio em que a bala o ferira, os gritos selvagens, medonhos, cortantes e estridentes d'aquelles que ainda tinham um alento de vida, todo aquelle conjancto de dôres, d'angustias, d'agonia e de morte era horrendo, terrivel, pavoroso, hediondo!!

No meio d'aquella carnificina, contemplando os restos dos despojos de lobos famintos de sangue, estava o carasco de Sir Mac-Leod frio e impassivel!

Da gente de Cometende não escapou um só; os que não morreram, foram feitos prisioneiros.

Eram ainda uns trezentos, que amarrados de pés e mãos, esperavam a sua sentença fatal!

Esta não se fez esperar.

No cerebro de Sir Mac-Leod convulsionavam-se idéas tremendas e horrorosas.

Queria, com um exemplo terrivel e espantoso de barbarie e perversidade comprar o descanso futuro.

Caro descanso aonde a consciencia em visões medonhas e tetricas iria aguilhoar, nas horas da insomnia e da febre, a cabeça delirante e o coração enfermo.

Sir Mac-Leod não se temia d'isso.

Sir Mac-Leod não tinha consciencia, não possuia alma, não conhecia o bater do coração!

Aquelle corpo não tinha sido feito pela natureza, nem mesmo obedecia ás theorias do transformismo; aquelle corpo tinha sido creado pela mechanica, e pela rigidez aspera, arida e positiva da arithmetica.

Sir Mac-Leod ia dar ao mundo um exemplo formidavel da colonisação á ingleza.

.....

.

Eram 6 horas da tarde, o sol côr de fogo ia pouco a pouco baixando para as florestas do occidente, decompondo nas phantasticas nuvens o rubi, o topasio e o ouro da sua essencia.

As franças das alterosas arvores beijavam-lhe, n'um ultimo beijo de despedida, o circulo luminoso e ardente da sua aureola celeste.

No ceu apenas umas tenues nuvens, claras, fixas e persistentes, como o destino.

Um azul diaphano, deixava vêr o sitio onde a lua, com todo o cortejo d'estrellas, devia em breve apparecer.

E, este ceu tão bello, tão tranquillo e sereno, esta abobada de tantos mysterios e crenças, ia presenciar a mais atroz barbaridade, commettida por entes humanos!

Sir Mac-Leod acabara de jantar com o mesmo fleugma, com que iria para a camara ou para o theatro.

Acompanhado d'alguns dos seus dirigiu-se para o sitio onde os prisioneiros estavam, desde manhã, amarrados ás arvores.

Tres inglezes empunhando afiadas facas o seguiam.

O primeiro poste humano, que encontrou, foi o d'uma mulher.

Nem a qualidade da victima o susteve no seu intento cruel.

O carrasco, a um gesto de Sir Mac-Leod cortou-lhe as orelhas e o nariz, e com outro golpe desamarrou-a do seu pelourinho atroz!

A desgraçada tinha os movimentos tolhidos, esteve um momento em pé, e por fim cahiu e estrebuxou de dôr n'um charco do seu proprio sangue!

Os carrascos seguiram ávante, e as creanças e todas as outras mulheres tiveram a mesma sorte!

Aos homens foi ainda reservado supplicio peor.

A mão direita foi-lhes decapada e os órgãos genitais retalhados!

Para os chefes ainda foi guardado tormento mais fero, os carrascos arrancaram-lhes os olhos e deixaram-os amarrados ás arvores!

Então os inglezes armados de machados derrubaram copadas arvores.

Os troncos emmedados formaram circulo em volta dos mortos e dos tristes, presos ás arvores.

O fogo ateou-se rapido, e as labaredas semelhanteo linguas de serpentes monstros, lamberam, com os dardos abrasados, os corpos dos infelizes!

Um crepitar de carne humana, junto ao estalir dos annos lenhos, e aos gritos delirantes das victimas foi de quebrada em quebrada perder-se na immensidade das florestas!

.....

Um clarão medonho e sinistro alumiou toda a noite o acampamento de Sir Mac-Leod.

Este... dormia tranquillamente no seu leito de campanha.

.....

A manhã despertou bella e risonha, perenne de poesia e de amor.

A vida cheia d'encantos, devia sorrir áquella hora a muitos corações ingenuos e puros.

No acampamento de Sir Mac-Leod pesava uma emoção fatal.

Os mais perversos recordavam com terror as scenas da vespera e não sabiam mesmo se as tinham presenciado no mundo das realidades, ou se a sua imaginação delirante as phantasiára nos negros antros desconhecidos.



O acampamento foi levantado e a expedição poz-se a caminho.

Lá ao longe, muito ao longe, quando fizeram a primeira paragem, ainda o cheiro nauseabundo da carne queimada, e o fumo do terrível e hediondo morticínio infestava o novo acampamento.

Apenas d'aquella hecatombe horrenda, d'estes assassínios tremendos restava uma lembrança no acampamento inglez, era uma irmã de caridade do hospício de Mr. Jolivet, que perdera a razão, e nas suas visões pavorosas atormentava os expedicionarios com gritos de louca!

O andar d'esta gente era triste e meditabundo.

A marcha por pantanos e florestas era fatigante e morbosa.

No acampamento nunca mais reinou a alegria.

Os remorsos de cada um tropeçavam-lhe no intimo, as suas pernas tropeçavam no caminho!

Parecia uma multidão d'ebrios d'envolta com uma turba de somnambulos!

Não caminhavam, não deslisavam, não andavam, arrastavam-se pezados e mudos, por entre as sarças, os lodos e os pantanos!

Proximo estavam já do rio Chacha, ou Chachi, que nascendo na serra Dunanzele corre quasi n'uma recta d'oeste a leste até ao 29° de longitude, e subindo um pouco a norte, fórma um pronunciado cotovelo, recebendo ali as aguas do Umsiguaini e do Chachani, voltando na direcção norte sul até ao parallelo 22°; n'uma suave inclinação para leste deslisa por entre pequenas serras, e, conjunctamente com o Macbae ou Tuli se precipita no Bembe.

O Chaca corria impetuoso e rapido arrastando as aguas lodosas e barrentas que desciam das serras, onde uma forte trovoada as arrojára ha pouco.

Os inglezes tinham ouvido ao longe o ribombar do trovão e visto no negro chumbado das nuvens scintillar o raio, mas a tempestade desencadeava-se distante, e, ligeira e violenta, como são todos os phenomenos celestes na Africa do sul, passara ao largo.

O dia conservara-se sombrio.

O rio cada vez engrossava mais.

O acampamento ia-se alagando.

Não se podia prever o que succederia horas depois, se os inglezes se conservassem no valle.

Era necessario transpôr com a maxima rapidez o rio, e ganhar os montes do norte.

Os barcos de caoutchouc não se podiam aguentar na corrente.

A ponte de boias fluctuantes, de que dispunham, tambem se não aguentaria; as ancoretas não agarravam no fundo.

Sir Mac-Leod viu o perigo, quiz retrogradar para uns pequenos outeiros que lhe ficavam a sudoeste.

Os outeiros ainda distavam da cauda da columna quatro kilometros.

Sir Mac-Leod deu ordem para os alcançarem.

A natureza porém conspirava contra os inglezes; torrentes vertiginosas d'agua da trovoada corriam das serras e dos montes, como labaredas liquidas sopradas pelo tufão!

As aguas do valle engrossavam colossalmente!

A expedição tinha a retirada cortada!

A agua já subia aos joelhos.

Era forçoso passar, ou perecer.

---

A louca entoava cantos divinos misturados de gargalhadas estridentes.

Os inglezes caminhavam pela margem do Chacha á procura d'uma passagem apertada, e d'uma ponte.

Nem uma arvore que abrangesse d'extremo a extremo as margens do rio, e a agua a crescer no valle !

Os carros só a muito custo podiam rodar !

Deus porém ainda não queria que aquelle gente perecesse toda ; ou para lhes reservar tormentos maiores, ou para os conservar para castigo da humanidade rebelde e má.

Ao longe avistaram na margem do rio umas grossas e alterosas arvores.

Era a vida !

Correram para ellas ; os machados n'um delirio de loucura avançaram com os annosos lenhos !

Dentro em pouco foram derrubados.

A ancia do desespero e a consciencia do perigo deu forças de Hercules áquelles homens.

As arvores que cahiam iam assentando as franças dos seus troncos na margem fronteira.

Por um movimento espontaneo cada um levou dos carros o que ponde e transpoz a improvisada ponte.

Do outro lado estava a salvação.

A margem esquerda era mais alta e as aguas não tinham irrompido d'aquelle lado.

Os carros e os bois haviam de ser sacrificados.

Era uma perda importante, mas fatal.

Sir Mac-Leod ainda quiz salvar os animaes e abandonar sómente os carros, que depois da passagem das aguas iriam buscar.

Mandou amarrar os bois uns aos outros e passar para a margem opposta uma corda.

Soga improvisada e pouco potente para guiar aquelle comboio de ruminantes.

A expedição estava quasi toda na margem esquerda ; só uns vinte homens e Sir Mac-Leod ainda restavam para passar.

Os bois avançaram resolutamente pelo rio dentro e a montante da improvisada ponte.

Sir Mac-Leod passou então para o outro lado com o resto da gente.

A este tempo já a agua do valle dava pelos peitos.

O rio cada vez avolumava mais em vertiginosa corrente.

Agora já arrojava nos borbotões das espumosas e negras ondas os destroços, que os raios tinham feito nas florestas.

Os bois avançavam para a margem esquerda a custo e sem poderem cortar a torrente em linha recta.

De repente a soga rebentou ; os pobres animaes sem o sustento d'ella, abandonados a si mesmos, quizeram nadar com mais força ; embrulharam-se uns nos outros ; perderam a coragem e energia, e deslisaram na cheia !

O embate poderoso d'esta massa foi d'encontro á ponte ; as pontas das arvores já mal seguras na margem esquerda, perderam o ponto d'apoio e tombaram na corrente.

Sir Mac-Leod já tinha passado.

Acabara de pôr pé em terra quando as arvores deslisaram arrebatadas pelas aguas.

Os desgraçados que ainda estavam na ponte fôram lançados nas vagas alterosas e cavas !

N'um momento, as aguas poderosas, em borbotões turbulentos e convulsos abraçaram e enleiraram os infelizes, arrebatando-os em seus braços mortaes pelo Chacha abaixo !

No numero d'estas victimas contavam-se os tres carras-

cos que Sir Mac-Leod empregara na hecatombe de Mac-loutusi.

Era o castigo de Deus !!

Do outro lado do rio ouviam-se os canticos divinos e os risos convulsivos da louca, da pobre irmã do hospicio de Mr. Jolivet.

Na hora do perigo ninguem se lembrara d'ella, cada um tratára de si; e da propria conservação.

A triste subira ao toldo d'um carro; as aguas invadiram o valle por todos os lados!

Ninguem a poderia salvar!

Os inglezes presenciavam horrorisados aquella scena!

As irmãs da caridade e os missionarios estavam de joelhos entoando preces ao Senhor!

As aguas na margem direita cresciam cada vez mais!

A pobre louca pareceu ter um momento em que o seu espirito recobrou a translucidez dos tempos antigos.

Ajoelhou, e ficou entregue a uma prece divina!

Depois levantou-se serena e estendendo a mão para o lado de Sir Mac-Leod, disse, com voz aguda, que dominou o som rouco das vagas:

E' o castigo que principia!!

.....

As aguas redemoinharam n'este momento, a base do refugio da louca oscillou, e a pobre estendendo os braços precipitou-se nas ondas revoltas e desapareceu no turbilhão negro e medonho!

.....

Só um unico ente humano se conservou estranho a tudo isto; era o Dr. David, o sabio, para o qual os acasos da vida, não eram, mais que simples accidentes; para elle, só existiam os phenomenos scientificos; e a materia... era materia, fosse qual fosse a fórmula da sua apparencia.

### III

#### INGLEZES E MATEBELLES

A jornada seguinte terminaria com as marchas e com as fadigas.

Tinha por objecto Tati, antiga cidade onde por toda a parte se viam as ruínas da remota occupação dos portuguezes desde o Monomopatá até aos principios do seculo XVIII.

Tati mal recordava que tinha sido outr'ora grande e poderosa; hoje é uma decadente aldeia, de cem cabanas, quando muito, com um insignificante regulo tributario do Lo-Bengula.

A aldeia mal palissada pouca resistencia podia offercer aos inglezes bem armados, e dispondo de quatro metralhadoras.

Sir Mac-Leod mandou um dos seus officiaes com uma escolta occupar Tati, á força ou por vontade.

Foi Drew a quem coube aquella commissão.

A pequena escolta chegou com todas as cautelas perto de Tati.

Nem um rumor vinha lá de dentro, nem um ser vivo manifestava a sua existencia.

Tudo estava mudo e quedo.

Quietação dos homens e dos elementos.

Nem um sopro humano, nem um bafô da natureza.

Aquella quietação da aldeia, e dos seres que povoavam os espaços, tinha um tanto d'assustador.

Drew teve medo da emboscada.

Tinham o incumbido d'uma -missão, havia desempenhal-a, antes que a sua vida e a dos seus companheiros fosse sacrificada.

Não era bem o cumprimento d'um dever que o obrigava a marchar para um perigo talvez certo.

Era o seu proprio interesse.

Era o interesse inglez, que falla mais alto aos verdadeiros inglezes, que todas as fibras da alma.

Com mil precauções Drew transpoz a palissada.

Silencio absoluto em todo o recinto.

Nem um cão esfaimado e lazarento, nem um gato esqualido e faminto a receber os inglezes!

A aldeia em peso tinha emigrado!

As portas das cabanas estavam abertas; alguns vasos quebrados e espalhados pelo chão; o lume ainda mal extinto nos lares, tudo isto era a prova evidente de abandono completo.

Se os pretos conhecessem Brialmont ou Vauban, Drew podia temer que a aldeia estivesse minada.

A civilisação da Europa, porém, ainda não tinha chegado a Tati; e o engenheiro podia caminhar sem receio de ser arrastado pela explosão d'algum forninho ou d'alguma fogaça de projecção!

Drew expediu um homem a dizer a Sir Mac-Leod, que

a aldeia estava occupada por elle e que não tinha encontrado ninguem.

O grosso da expedição chegou depois.

Sem perda de tempo os engenheiros procederam a um levantamento do local.

O theodolyto, osapparelhos portateis de Peigné e as bandeirolas entraram em acção.

Quarenta e oito horas depois todos estavam empregados em levantar um poderoso campo entrincheirado.

As metralhadoras tiveram uma bateria especial, e seja dito em abono da verdade, o recinto ficou bem defendido e fortificado.

O receio d'um ataque dava forças a todos.

Receios infundados, porque já eram passados oito dias e ainda nem um unico indigena apparecera perto de Tati; mas trez homens, que se tinham afastado um tanto, foram encontrados mortos por golpes d'azagaias.

Uma forte escolta percorria os arredores de Tati acompanhando os pesquisadores d'ouro.

Estes não tiveram grandes trabalhos.

Sir Mac-Leod possuia os mappas de Linschoten de 1599, e d'Hondius de 1699, feitos sobre documentos portuguezes, onde vinham marcados os sitios em que nós já ali tinhamos encontrado esse precioso metal.

Quasi que era só necessario abaixarem-se e apanhal-o.

Ouro havia-o por toda a parte em Tati, nas serras, nos rios e nas nascentes.

Apresentava-se em pepitas ou massas amorphas de diversos feitios, crystallizado em cubos ou fórmias derivadas como o octaedro, o duodecaedro e o trapezoedro, misturado com cobre, chumbo, ou prata.

Os inglezes tinham só o incommodo de o recolher!



A febre do ouro dominou todas as outras febres.

Já se tinham esquecido dos acontecimentos do caminho.

N'aquelle agrupamento d'homens, havia individuos de diferentes nacionalidades.

O espirito de raça separou-os depressa.

O interesse e a ambição de cada um dividiu-os a todos.

Mas aquelles homens não eram livres, não podiam pesquisar, achar e entesourar para si; aquelles homens estavam contractados por uma companhia que os engajara e que lhes comprara os serviços, quer houvesse perdas ou ganhos.

Aquelles homens alugaram os seus braços para trabalhar e o seu corpo para morrer, se fosse necessario.

Não tinham mais cousa alguma, nem outros direitos, a não ser os seus salarios.

Um atomo sequer d'ouro achado e que não fosse religiosamente entregue ao capataz, era um roubo.

Entre a conveniencia de cada um e o dever havia um abysmo.

Abysmo cavo, negro e profundo, que nenhum anthropologista sondaria.

N'aquelle intimo só Deus poderia penetrar.

Deus tinha abandonado ha muito aquella gente!

O diabo tinha-se livremente apossado d'elles!

Nenhum pensava em ter remorso de roubar a Sir MacLeod o ouro que possesse.

Cada um se fez ladrão.

Isto tinha só dois perigos, o de ser descoberto e soffrer o castigo e o de ir ao mato esconder o seu thesouro e ser assassinado por setta desconhecida!

Isolados uns dos outros não confessavam a ninguém os seus passeios criminosos.

O receio e o medo trazia-os cada vez mais desconfiados.

Se houvesse um pequeno conflicto entre elles, aquella horda rasgaria as entranhas mutuamente!

Todos se julgavam inimigos.

Tinha desaparecido a alegria, só existia a ambição adunca do lucro!

Os depositos da sociedade, apesar de tudo, iam-se enchendo; os altos fornos reduziam o ouro a barras puras.

Havia um mez que chegaram, e parecia já serem os unicos entes nascidos n'aquellas florestas!

Nem mais um ser humano, estranho á colonia ingleza de Tati se tornara a vêr.

Sir Mac-Leod e os seus estavam isolados do resto do mundo!

.....  
Era domingo; os protestantes entregavam-se ao descanso ou ás rezas dos seus ritos, e os outros, aos pensamentos ou ao abandono de si mesmos.

A colonia de Tati estava entregue á modorra.

Ao longe sentiu-se o som fraco d'um tambor.

Os mais acordados aperceberam-se d'elle.

Aquelle ruido aproximava-se.

O rufar do tambor, já não era um som, era o estrondo de muitos sons juntos, e cada vez mais distinctos, unidos ao clangor da turba.

Já não restava duvida, eram os pretos que marchavam sobre Tati.

Cada um dos inglezes correu a buscar as armas.

Sir Mac-Leod mandou distribuir vinte cartuchos por combatente.

Os odios tiveram as suas treguas.

A conservação geral fallava mais alto.

A gente armada foi dividida em quatro secções sob o commando de Drew, Buckle, Dr. David e Mac-Leod.

Todos a postos, esperaram.

Pelos alcantilados da serra fronteira, e por entre os claros da floresta, viam-se massas negras movediças, compactas ou dispersas em pequenos bandos.

Dos lados de Charlei avançavam tambem formigueiros d'homens pretos.

Os binoculos de Tati viam-n'os distinctamente.

Não eram uma, nem duas aldeias que marchavam para o forte, era o povo todo dos Matebeles que dava rendez-vous em Tati.

Tambem não era bem um povo, nem uma massa d'homens indistinctos, era um exercito !

O exercito de Lo Bengula de mais de vinte mil homens, com alguma disciplina e armas de fogo.

Era a Africa que se vinha bater com a Europa.

Era o numero e a ignorancia que se queria medir com a arte e com a sciencia.

Os homens de peito nú, de pernas sem calças, de cabeça descoberta e pés descalços, iam bater-se com inglezes protegidos por parapeitos e trincheiras !

Mas eram vinte mil contra tres mil, eram sete contra um, e o poderoso Lo-Bengula, o heroe africano, vinha com elles.

Os decepados de Macloutusi fizeram levantar aquelle exercito !

Os gritos das victimas d'aquella hecatombe sinistra deramaram o fel da vingança n'aquelles zulos ferozes.

As tribus d'Africa, mesmo as mais selvagens, tambem teem o seu *formalismo*.

Os pretos não se batem sem insultar os seus inimigos!

O exercito do Lo-Bengula foi chegando a pouco e pouco, tomando posição em volta de Tati.

Dir-se-hia que os pretos queriam esmagar os inglezes n'um abraço monstro!

Já estavam a menos de um kilometro e cada vez apertavam mais o circulo.

Os tambores indigenas rufavam de modo diverso, eram necessariamente ordens que as baquetas transmittiam, porque a cada rufo havia uma evolução.

Do campo entrincheirado observavam e não se mechiam.

Havia um tanto de sinistro n'aquella immobildade.

Seria a consciencia da propria força, da força multiplicada pelas poderosas armas de carregamento rapido, que lhes dava a coragem d'esperar nos seus postos, ou seria o fascinação de todos aquelles diabos negros que ondejavam em torno d'elles?

Fosse o que fosse, o certo é que esperavam.

Mas esperavam o que?

Esperavam sentir os braços potentes d'aquella horda selvagem apertar-lhes a garganta, e estrangulal-os talvez?

D'aquelle oceano de carapinhas sahiram uns homens pretos; seria a vaga ou a escuma?

Seria a ondulação ou a ressaca?

Não era nada d'isso, era o insulto que a Africa fera ia arrojar á face da Inglaterra civilisada!

E aquelles selvagens na sua linguagem unica de sons estridulos, chamaram a Sir Mac-Leod... canalha!

Que se importavam os inglezes com um insulto de mais ou de menos, para quem tem ouvido tantos?!

Que se importavam os ingleses com um insulto partindo de tão baixo, quando teem tragado e engulido outros maiores ?!

Colville ou Maittan, disse em Waterloo ao ultimo quadrado da guarda imperial: «valentes francezes, rendei-vos».

Um soldado desconhecido, o capitão Cambrone, respondeu-lhe: Merde !

Victor Hugo fez d'esta palavra um poema e a epotheose d'aquella batalha.

Segundo elle não foi Wellington nem Blucher que tiveram a palma da gloria vencendo, foi Cambrone que os ultrapassou immortalizando a França com aquella palavra de protesto pelo gigante cahido !!

A' palavra de Cambrone respondeu a voz ingleza: fogo !

Aos insultos dos pretos respondeu tambem a voz de Sir Mac-Leod: fogo !

Nuvens de fumo envolveram a terra, trovão medonho abalou os montes, clarões sinistros de lava e metralha relampejaram um instante.

Estava principiado o combate.

Os zulos não ficaram sem dar resposta ; das primeiras filas d'aquellas massas irrompeu tambem o fogo, e algumas balas vieram cahir em Tati, e alcançar os mal abrigados.

Caso extraordinario, por estas balas conheceu Sir Mac-Leod, que os pretos tambem possuíam espingardas de carregamento pela culatra e de tiro rapido.

Eram as armas que outros inglezes, os negreiros e os negociantes, lhes tinham fornecido a troco d'homens ou de ouro !

Sir Mac-Leod pensou então.

O caso era mais serio que parecia.

Ali só, no meio da Africa central, sem communicações com a Europa, sem soccorros provaveis, e cercado por todos os lados, não poderia resistir muito tempo.

A fome e a fadiga, quando mais não fosse, vencel-qs-hia.

Não, isso nunca. O que diria a Europa!

Era necessario a astucia.

Sir Mac-Leod comprehendeu o que tinha a fazer.

O primeiro dia de combate devia ficar memoravel, devia pôr fóra d'elle o maior numero de inimigos, só assim obteria uma paz vantajosa.

Isto tudo foi como um raio que lhe esclareceu a razão, que passou, alumiu, e foi sumir-se nas profundezas da sua alma.

O fumo dissipou-se, a campina e os montes emergiram da crosta do globo, o chão estava juncado de cadaveres de negros zulos que se estorciam nas convulsões da agonia, e nas vascas da morte.

O grosso do exercito do Lo-Bengula retrogradou; foi tomar posição longe dos tiros inglezes.

Os zulos viram que não podiam combater da fórma como tinham principiado o combate.

Deram nova direcção ao seu ataque.

Agora já não marchavam em massas compactas.

Os homens armados d'espingardas de carregamento rapido, e eram perto de mil, estabeleceram a primeira linha, que occulta pelas sebes, pelas moitas e pelas arvores, fazia um continuado fogo de atiradores.

Os Matebeles tinham boas pontarias, e o tenente Alberto Carlos ensinara ao Lo-Bengula a maneira de se servir das alças.

O tiroteio que se seguiu, já não era um combate louco e confuso, era um cerco estabelecido com regra.

---

Os zulos tinham as suas communições livres, e os viveres não lhes faltavam; podiam assim permanecer annos, que a guerra não os incommodava.

Aos inglezes não succedia outro tanto.

Os réstos dos comestiveis, salvos da innundação, para pouco mais chegariam que um mez, e isto mesmo com muitas privações, reduzidos a meia ração, como se diz a bordo, nos dias de temporal.

Nem o recurso dos ratos de Paris, como os sitiados de 1870, tinham.

Ali nem ratos havia.

Encurralados no campo entrincheirado, morreriam de fome e iriam diminuindo dia a dia, como as aguas d'um pantano estagnado, que se deixa consumir e absorver pelos raios ardentes do sol.

Os dias iam continuando assim, e nem uma mudança.

De lado a lado, de parte a parte, alguns feridos e alguns mortos a mais, e eis tudo.

Balas trocadas, gritos e dores, e a situação a mesma.

Se na gente de Sir Mac-Leod rareava uma fileira, não havia quem a substituisse; nos guerreiros de Lo-Bengula se desaparecia um batalhão para nunca mais se erguer, chegavam de todos os pontos brigadas completas!

Isto assim não podia continuar para os inglezes; era morrer a fogo lento e a picadas d'agulhas envenenadas.

Já no intimo d'aquelles homens faziam echo as palavras da louca em Chachá!

A superstição zumbia-lhes aos ouvidos as maiores extravagancias.

Principiavam a odiar Sir Mac-Leod e a não vêr n'elle senão um monstro que os conduzira ao cemiterio e lhes cavara a negra sepultura.

D'aqui á rebellião pouco distava.

Sir Mac-Leod, com o instincto do lobo, e o olphato do chacal, presentiu o duplo perigo que corria.

Chamou Drew, David e Buckle, e fez-lhes vêr a situação.

Era preciso apossarem-se do Lo-Bengula !

A estes homens de ferro não pareceu estranha esta proposta, e friamente, como se se tratasse da coisa mais simples, todos tres se offereceram.

Ponhamos de parte os nossos odios, mas os inglezes, tambem teem muito que admirar !

A' perfidia e á ganancia de fibusteiros juntam, alguns, um sangue-frio admiravel, e tambem sabem morrer como heroes, quando é necessario.

Os tres disputaram encarniçadamente esta missão.

Sir Mac-Leod propoz a sorte ; foi accete.

A sorte designou Drew.

Os meios de executar esta loucura pertenciam-lhe.

Era mais de meia noite ; noite escura e sombria ; os dois implacaveis inimigos descansavam das fadigas.

Por entre as sombras negras das arvores e das sarças arrastavam-se dez homens.

Pareciam zulos pela côr, pelas armas e pela fórma como usavam a tanga.

Comtudo estes homens saíram do Tati mudos e silenciosos, evitando até o quebrar das folhas sêccas e dos ramos espalhados pelo chão.

Estes homens semelhavam serpentes arrastando-se devagar.

De repente surge-lhe uma sombra detraz d'uma moita, era uma vedeta zula.

Uma corda sibilando no ar, rapida como a electricida-



de, enrolou-se ao pescoço da vedeta, e n'um momento cahiu sem um lamento, nem um ai, nem um suspiro !

Tinha sido Drew que punha em pratica o que na India lhe ensinara um natural, que salvara por calculo, da forca inglesa.

A vedeta foi amordaçada e amarrada de pés e mãos.

O fatal laço foi alargado então a tempo ainda, do pobre não morrer asphyxiado.

Um dos homens de Drew conduziu-o ás costas para longe da linha de vedetas.

— Escuta, lhe disse Drew, queres viver ou morrer ?

— Viver, pareciam dizer os olhos do desgraçado.

— Então ouve.

«Nós precisamos fallar esta noite com o Lo-Bengula, para terminar esta guerra. Tu conduzes-nos á tenda d'elle dás-nos a senha e tens a tua felicidade feita.

O preto mostrou vontade de fallar.

Drew desamordaçou-o, e disse-lhe :

— Se dás um grito morres, e a ponta d'um punhal ficou-lhe junto do coração.

— Olha branco, o que me dás tu se te entregar q Lo-Bengula ?

«Não te admires do que te digo.

«Odeio o Lo-Bengula, porque foi cruel para mim, roubou-me em tempo a minha mulher e a minha filha, para a vender aos arabes, — eu não sou zulo, eu sou machono ; jurei vingar-me, porém nunca tive occasião ; offereces-m'a tu, acceito-a, mas com condições.

— Dize.

— Quero dinheiro e os meios para me transportar a Zanzibar, onde sei que está minha mulher e minha filha.

— Tel-os-has.

— Pois bem, jura-me pelo teu Deus que cumprirás a tua promessa, e vem comigo.

— Juro, disse Drew.

«Porém olha, que se nos atraíçoas, nunca mais vês tua mulher e tua filha, porque morrerás no mesmo instante.

— Não, não te atraíçoarei, porque o meu odio falla mais alto que os meus escrúpulos.

D'ahi a meia hora, Drew, os seus, e o guia traidor, estavam junto da barraca do Lo-Bengula.

Uma sentinella estava á porta, o Judas deu-lhe a senha e fez-lhe uma pergunta qualquer.

A pobre sentinella não teve tempo de responder, o laço dos indios apertou-lhe a garganta, mas d'esta vez a victima cahiu para se não tornar mais a levantar.

N'um relampago Drew e quatro homens precipitaram-se na tenda do Lo-Bengula, e sem que este accordasse do profundo somno em que os trabalhos do dia e as continuas libações d'aguardente o tinham mergulhado, foi amordaçado e fizeram-lhe respirar um frasco de chloroformio.

O Lo-Bengula, profundamente adormecido pelo effeito do poderoso narcotico, foi transportado para fóra do acampamento.

A sentinella morta foi igualmente levada d'ali e escondida no matto.

Tal foi a diligencia de Drew.

O espanto do Lo-Bengula quando ao accordar se encontrou no meio dos inglezes, foi grande.

Sir Mac-Leod prometteu-lhe a liberdade, e com ella o throno, se elle se obrigasse d'ali para o futuro a ser amigo dos inglezes e séu alliado, não só para o caso de rebellião d'alguma tribu, como para ajudar a pôr fóra de

---

Machona uns atrevidos portuguezes que ali se tinham estabelecido.

O inglez levou a sua magnanimidade ao ponto de offerer mil libras por anno pelos terrenos auriferos que pertencessem aos Matebeles, e que a companhia de Sir Mac-Leod quizesse explorar!!!

O Lo-Bengula pensou na sua situação, esqueceu os mutilados de Macloutusi, a carnificina, a fórma como os inglezes se tinham estabelecido no seu paiz, e tudo o mais.

Só calculou os lucros e as vantagens que d'ahi lhe adviriam.

Depois d'um momento de silencio prometteu tudo o que os inglezes quizeram.

Sir Mac-Leod fez com elle a troca de sangue, juramento sagrado entre os pretos, e o Lo-Bengula foi posto em liberdade.

Estava a amanhecer.

As vedetas zulas avistaram o rei, fizeram-lhe a continencia um pouco admiradas de o verem caminhando do lado de Tati é verdade, mas mais surprehendidos ficaram quando todo o exercito recebeu ordem de levantar o campo.

O Lo-Bengula reuniu todos os chefes e deu-lhes parte da paz que celebrára com os inglezes, e das vantagens que todos os Matebeles tinham com o cumprimento d'ella.

Esta nova foi celebrada com grande batuque, e n'aquelle mesmo dia inglezes e zulos embebedaram-se juntos!

## IV

### A PERFDIA DOS INGLEZES

Quando espreitas o fraco apontas a elavina,  
Quando avistas o forte envergas a libré...  
A tua mão ora pede esmola ora assassina...  
Teu orgulho covarde, é, meu Bayard d'esquina,  
Como um tigre de rastro e um capacho de pé!

GUEBBA JUNQUEIRO.

Ao norte da França, em pleno Atlantico, existem umas ilhas eriçadas de recifes.

Ao longe são apenas uns pontos, ao pé são umas rochas encarnadas e negras, d'onde a vegetação foge e a nebrina permanece.

Os abutres que ali teem nascido, espreitam o mundo do mais alto d'aquellas penedias.

Onde lhes cheira a carne em decomposição ou a preza facil, eil-os ahi.

Levantam as azas, fendem o espaço, pairam nos ares, e, na occasião, propria arrojam-se, devoram, sugam e to-mam conta do cadaver apossando-se da cova!

Estesinhos de carnívoros são pequenos para conter tanta prole.

A Europa não é de fácil tomada, nem suficientemente apropriada para pôrem os seus ovos, chocal-os, tival-os e empennar !

Só em Gibraltar poderam fazer criação !

(O seu longo vôo estendeu-se a outros paizes.

A India e a Africa foi-lhes prospera.

Por toda a parte derrubaram e derruíram para se estabelecer.

Cresceram e multiplicaram-se como o phylloxera.

D'aqui a pouco o mundo é todo d'elles.

E não se descobre um remedio para estes sugadores da humanidade ? !

Portugal adormeceu com os seus sonhos de gloria de ha trez seculos, e accorda para viver de recordações.

Mas n'este torrão e n'este seculo ha homens positivos e sabios, chamam-se os *fortes* !

Por toda a parte se dizia e escrevia que os inglezes avançavam por todos os lados da Africa para pontos indetermindados.

Que os seus missionarios faziam uma propaganda immensa da biblia e d'algodão, e, que atraz dos *santos* homens iam as companhias exploradoras e os conquistadores.

Que importava aos *fortes* as nossas colonias !

Eram um pezo enorme para a metropole, — diziam elles — com os pollegares nas cavas do collete e a superioridade politica que lhes assiste !

Tudo era bom, e o mundo uma delicia se Fuão e Fuão fosse eleito deputado !

Esta gloria de ter assento em S. Bento, era superior á gloria de ter entrada no reino dos ceus!

Que importava aos *fortes*, a esses *espíritos superiores*, o resto do mundo?

A sua vaidade estava satisfeita!

Os filhos das comadres e dos compadres teriam logar á meza do orçamento!

O voto estava certo!

A Africa, para elles, era apenas um paiz arido, doentio, pobre e esteril!

E, demais a mais era terra de degradados!

E' verdade que alguns *tolos* diziam haver ali ouro, diamantes, valles fertilissimos que produziam centenares de sementes e podiam fazer a riqueza da velha e cançada Europa!

— Mas isto são utopias, diziam, cheios de fleugma britannico. Os orçamentos é que fallam como gente. Dois mil contos para a Africa oriental, outros dois para a occidental! Isto é um roubo!

Aquillo é um covil de ladrões, que só serve para nos roubar!

Deixal-a roubar tambem, que só assim se extirparão os ladrões!

E' curar a ferida do cão, com o pello do mesmo cão.

Os inglezes estabeleceram-se no Nyassa, no Chire, no Zambeze, no Zumbo, em Machona, em Sofala, em Manica, na região dos Lagos, no sul, no norte, no oriente e no occidente.

— Deixal-os estabelecer, diziam os *taes fortes*.

Os inglezes arrancam do solo que nos pertence, carradas de diamantes e barras d'ouro com que avassallam o mundo e se enriquecem.

---

Que temos nós com isso? Lá estão depois os empréstimos que encherão os nossos cofres, enquanto as nossas fidalgas pessoas se pavoneam pelo Chiado e *fazem Avenida*.

O exercito quiz ir pôr termo á occupação dos nossos terrenos africanos e expulsar as companhias inglezas, pedindo em altos brados que o deixassem marchar.

O exercito é idiota, diziam os *taes*, não sabe que não tem generaes, que a disciplina é fraca, que não tem fardamento, que os fornecedores lhe dão gato por lebre, e que nem sequer tem calçado que preste!

O exercito que vá fazendo as eleições e as guardas aos andores, e que se deixe de tolices!

Por esta epocha appareceu tambem uma nova turba de escriptores, chamaram-lhes *nephelibatas*!

D'entre os *fortes*, os *nephelibatas* e os que sómente eram tolos sem mistura, destacaram-se uns *loucos*, uns *visionarios* — chamavam-se: Serpa Pinto, Silva Porto, Capello, Roberto Ivens, Cardozo, Alvaro Castellões, Victor Cordon, Valladim e Henrique de Carvalho!

Estes pobres *espiritos enfermos* teimavam em arriscar a vida e a saude percorrendo a Africa de norte a sul e de oeste a leste, para não fazer esquecer ao gentio a côr das quinas portuguezas, avassallar os povos das regiões remotas onde os nossos antepassados foram ha tres seculos, e antepôr á torrente de missionarios e exploradores das companhias inglezas o dique do seu heroico peito e a barreira do seu valente amor patrio.

Ora, que cousa era atravessar a Africa?! apregoavam elles, assestando o monoculo para uma mulher que passava.

E' como um passeio a Cintra com *fois-gras* e *champagne*!

E, a aureola d'aquelles heroes embaciava-se com o bafo dos *fortes*, dos tolos e dos nephelibatas!

No entanto aquelles nomes, como o do Christo, echoavam nos confins do mundo.

Tal era a situação quando rompeu o dia 11 de janeiro de 1890, e os raios da alvorada que despontava por entre um ceu toldado de nuvens, allumiaram a terrivel palavra arrojada lá do norte ás faces de nós todos —

#### Ultimatum :::

Os nossos feis alliados, os nossos bons amigos inglezes ameaçavam-n'os bombardear Lisboa e tomar Cabo Verde, senão lhes escancarassemos de par em par as portas da Africa oriental!

Os *fortes*, os tolos e os nephelibatas tremeram então!

Com o medo, rojaram pela terra suja e lamacenta, a face livida e cadaverica!

Prostrados como os musulmanos, imploravam misericordia e clemencia!

A canalha irrompeu nas ruas.

Dos bairros sujos do vicio e da immundicie surgiu a escoria.

Arremeçou-se ás praças em ondas turbulentas, apertando-se e espesinhando-se nas ruas estreitas!

Gritavam e uivavam, sem se lhes perceber o que diziam!

Eram echos confusos de turba, que exprimiam — anarchia!

Os soldados nos quartéis estavam debaixo de forma tristes e meditabundos, como o remorso da patria.

Inactivos, pela disciplina, ouviam ao longe o clangor da plebe desenfreada!



Trez dias e trez noites durou a tempestade de poeira e de lama.

Houve quem quizesse chamar *aquillo* — a convulsão da patria!

Felizmente este pobre Portugal ainda não desceu de todo ás profundezas da miseria e da ignominia!

A afronta do inglez fez por momentos parar o sangue vivido da nação, pelo espanto do inaudito.

La tendo uma apoplexia fulminante, tal foi o effeito rapido do abalo que soffreu.

Um esquadrão de cavallaria desceu a trote largo pela Calçada do Carmo e do Duque, um pelotão de policia tomou a boca das ruas na Praça de D. Pedro.

A turba dos *patriotas* foi assim entalada entre a policia e a municipal.

Começaram as levas para bordo do *Africa* e do *India*.

Perto de mil rotos e sujos amontoaram-se nos porões.

Os commissarios de policia levantaram os autos.

As folhas de papel avolumaram-se e encheram-se de nomes.

Resultado do apuro final: aquelles bons patriotas, na sua maioria, tinham cadastro pesado nos annaes do governo civil e da Boa-Hora!

Era a canalha reles e vadia, que nas tortuosas viellas arrastava a vida na orbita das toleradas!

Para tristeza e magua d'algum coração de pae honrado e honesto, tinha ido d'envolta com a turba, o filho entusiasta, e d'alma nobre, que juntara ao uivar da corja, os gritos plangentes da sua alma opprimida!

Quando se amontoa o trigo na eira, não ha tempo de separar o bago são, do joio, da hervilhaca e das pedras.

Mais tarde é que se joeira.

.....  
 Os nossos *feis aliados* consentiram, do alto do seu poder, em negociar connosco!!!

Todo o mundo viu logo a fabula da partilha do leão com os outros animaes.

As tolices que se aventaram n'este doloroso periodo, foram tantas e taes que a historia pejará as suas paginas, se algum dia alguém ou a posteridade, se lembrar de fazer d'elle a synthese.

Algumas eram tão comicas, que só pertencem ás *Revistas d'anno* de theatro barato.

Uma grande subscrição nacional se organisou para armar o paiz até aos dentes e crear de repente um exercito, de que dias antes ainda escarneciam e achavam superfluo.

Como se os exercitos fossem as massas armadas, sem instrucção especial, e sem officiaes com longo tirocinio das sciencias da guerra moderna, tirocinio que só nos campos d'exercicio se aprende, e se torna effcaz.

Mas, oh! desillusão. A grande subscrição nacional, ao fim de dois annos apenas attingiu quatrocentos contos, e para isso foi necessario que do Paço e da Camara municipal de Lisboa, sahisse metade d'essa verba e do bolso da grande commissão uma quarta parte!

O paiz, na sua pobreza e no seu patriotismo, deu o resto!

Isto foi o melhor thermometro para avaliar a febre dos *patriotiqueiros!*

E, ainda assim, passado tempo, do Porto, uma celebre commissão reclamava esse dinheiro para... um asylo!

.....  
 As libras, n'este delirio convulsionado de patriotismo, foram arrojadas com desprezo — chamaram-lhes piratas!

Mas, caso raro, passados poucos mezes, alguns patriotas ajudaram a desgraçada crise monetaria de que estamos soffrendo as consequencias, e andaram de porta em porta, d'aldeia em aldeia, a compral-as com premio de cinco, seis e sete tostões, para as vender aos cambistas e a outros, a dez, doze e quinze!

Já não eram piratas, eram — a agiotagem!

Negociantes dos mais bem conceituados acabaram com os fornecedores d'Inglaterra, porém, as mercadorias apesar de tudo isto, chegavam a Lisboa e ao Porto, tendo sahido das casas inglezas!

As vias por onde transitavam e os rotulos, é que eram outros!

Os negociantes honrados enganavam assim os crentes e a si proprios!

Ficavam porém com a consciencia tranquilla!

Oh! miseria humana!

Esta subtiliza saloia só difficultou mais as transacções e augmentou o preço dos generos.

Os jornaes avançados disseram cousas fabulosas, e o annuncio do inglez ficou parado — por alguns dias — na caixa do compositor!

Houve uns ministros que sahiram, outros que entraram!

Todos as paes e salvadores da patria entoaram em côro o miserere do Trovador — *corro a salvar-te*.

A posteridade que lhes desculpe os erros que cometeram; as intenções eram boas, o meio, o maldito meio, e o intrincado do caso, é que era pessimo.

Um verdadeiro fim de seculo!!!

.....  
Negociaram-se tratados.

Houve uma tregua alcunhada — *modus vivendi*.

Appareceu um livro chamado — *Branco* — esclarecendo todas estas cousas e outras mais.

Ha porém antonomasias na vida que não teem explicação, chamar livro branco áquelle livro, quando as suas paginas eram negras como a noite e a treva, é o mesmo que chamar candida e pura a uma meretriz !

.....  
Ao lampear do primeiro tratado de 20 de agosto de 1890, houve outra vez assuada.

A canalha assalariada, ainda tinha voz na garganta aguardentada, e na algibeira uns reles cobres com que a politica lhes pagára a berrata patriotica !

Entre este fervilhar de paixões e talvez d'arranjos, havia tambem a sinceridade e a convicção dos corações leaes e nobres, havia o heroismo da mocidade — havia a academia.

Era uma fina e branca cambraia no meio dos farrapos immundos da plebe.

Tanto mais se destacava, quanto maior era a sua alvura entre os monturos das ruas.

Valentes creanças, o futuro vos avaliará.

.....  
Novas negociações tiveram logar, talvez um pouco peores do que as primeiras.

Então, não sabemos explicar o *porquê*, não houve arruaças, não houve clamores, não houve nada !

O tratado de 28 de maio de 1891 foi pacificamente approvedo.

Só teve seis vozes, a protestar contra elle, na camara popular !! (1)

(1) Vidè nota 8 — O tratado de 28 de maio de 1891.

.....  
Este livro, não é um livro politico ; se trouxemos estas cousas a lume, foi porque nos são necessarias á nossa historia.

Vamos por tanto continuar n'ella.

Sir Mac-Leod tinha estabelecido as communicações com a Europa e com as outras companhias inglezas que estavam na Africa.

Insulares e colonos todos estavam d'accordo, havia porém entre elles, mas sómente para sua defeza, uma dualidade distincta — *as companhias, e os inglezes!*

Quando não convinha o procedimento *d'uns*, era desculpado pelos *outros*, com a *nenhuma* responsabilidade dos actos *d'aquelles!*

A colonia de Tati estava ao facto de todas estas subtilidades, e ia obrando por sua conta e risco, como lhe convinha e parecia.

No decorrer d'este tempo o Lo-Bengula era um amigo dedicado dos inglezes.

Os presentes que recebera foram tantos e tão valiosos, que o pobre do rei preto, deixara-se seduzir de todo.

A colonia de Tati passava além de Gubulavaio.

A Luzitania, que cada dia aformoseava mais as suas bellas ruas e praças, já tinha sido visitada muitas vezes pelos agentes de Sir Mac-Leod, e até este proprio acceitára um cordeal jantar do major Sotto Maior.

A nuvem negra que ao longe se via ha muito, caminhava rapida para a colonia portugueza de Machona.

N'ella vinha a tormenta, a tempestade, e talvez... o naufragio!

## V

### CERCADOS !

A vida, esse composto de miserias e descrenças, é como o tempo e a eternidade, tem alvoradas e trevas, bonanças e tempestades, azul e negro, diaphano e opaco, alegrias celestes e dôres d'abysmos.

No confuso d'este cahos ha uma aurora perpetua, um jubilo infinito, um riso d'anjos — é a mocidade !

Uma luz divina irradia d'ali, alumia a existencia e aquece a alma — é o amor.

Carlos Alberto e D. Julia amaram-se.

O seu amor e a primavera caminhavam a par e de mãos dadas.

Um, tinha o extasi das causas ideaes e ethereas, a outra a fragancia das flôres e a personificação do bello.

A mocidade vive n'um paraizo eterno, ama o casulo como a crysalida, e chora quando se transforma em borboleta.

E' n'esta metamorphose que ella se conhece humanidade.

---

Alberto Carlos e D. Julia percorriam o primeiro periodo.

Eram felizes e amavam-se.

Tudo em Conji e na Luzitania estava impregnado do aroma suave d'esta primavera ridente.

Respirava-se um ar de festa, de saude, d'alegria, de bem estar e de felicidade.

Era o dia do casamento do tenente e da princeza.

Havia pompas e galas nas ruas e nas casas, mas superior a isto tudo, existia a verdadeira amizade áquelle par, que perante Deus ia unir os seus destinos até á morte, e quem sabe, talvez além da campa, no infinito e no desconhecido.

Aquelle amor era tanto, que o pó da terra vil não o devia apagar e sumir.

Por entre a multidão caminhavam os dois para a egreja matriz.

Um lusido acompanhamento os seguia.

Não eram estes ou aquelles que mostravam aos noivos a sua amisade, era o povo todo da Luzitania e de Conji que os amava sinceramente.

Entraram na egreja e oraram aos pés do altar uma prece reverente.

Pediram a Deus, o que os homens lhe não podiam dar, a felicidade constante e a mocidade infinita.

O padre Maia sanctificou a união d'aquelles seres, que se idolatravam.

D'ahi para o futuro tinham o direito de se amar á luz do dia e á vista de todos.

O coração d'elles parou, para bater mais apressado, quando pronunciaram o sacrosanto sim.

E' que esta simples palavra encerra em si um mundo

d'illusões e de realidade, auroras e trevas, o palpavel e o invisivel.

Esta simples palavra tem a immensidade do desconhecido — é o futuro!

Ninguem o percebe nem o póde traduzir n'aquelle momento solemne, sente-o a alma, entende-o o coração e treme a voz.

Finda a cerimonia sahiram da igreja.

Planeou-se um banquete em honra dos noivos, mas n'aquella colonia tudo era uma familia, e não podia haver exclusivos de convite.

Assentaram festejar a boda ao ar livre.

Perante a immensidade do espaço e debaixo do docel do ceu, manifestava a colonia da Machona a grandeza do seu affecto pela princeza e pelo tenente.

No meio da alegria geral, e da satisfação de todos, havia um homem apenas inquieto; e o observador que o encarasse, já deveria ter visto uma ruga profunda franzir-lhe a testa.

Esta ruga ia augmentando á maneira que repetidas ordenanças iam trazendo despachos dos fortes de Conji.

Ninguem mesmo poderia calcular a importancia das idas e vindas d'ordenanças, n'uma occasião d'aquellas, mas deviam ser de pezo, para perturbarem o major.

O banquete finalisou alegre e feliz, como tinha principiado.

A princeza e Alberto Carlos retiraram-se ao palacete construido de proposito para elles, acompanhados das benções dos seus amigos.

Apenas o major viu que o formoso par estava recolhido,



transformou-se completamente ; passou de homem de sala, de homem de sociedade, para o verdadeiro soldado.

O sorriso desapareceu-lhe, a fronte carregou-se e as suas ordens foram dadas com concisão e energia, como a vontade firme que as dictava.

N'um momento estavam todos a postos, as trincheiras guarnecidas e as pequenas peças em bateria.

Era tempo.

As avançadas inglezas estavam proximas, a gente de Sir Mac-Leod e do Lo-Bengula vinha em massa atacar a colonia da Luzitania !

Para este desacato tinham tomado por pretexto uma futilidade !

O verdadeiro motivo era a cubiça das minas d'ouro e de diamantes que existiam em Conji e na Luzitania !

A noite seguida a este dia de festa foi uma noite d'angustia e de receios.

Só dois entes estavam longe d'aquelles temores e de todas as preocupações, eram os noivos, que ainda não sabiam que ao despontar do dia de nupcias, ao levantarem-se do seu leito d'amor, vinham encontrar-se :

#### **Cercados :**

.....

Sir Mac-Leod mandou um emissario ao major Sotto-Maior com o seu ultimatum.

Transcrevemol-o na integra, porque documentos d'esta ordem, perdem o melhor sendo extractados, e assim se avalia bem a soberba, a perfidia, e a malvadez d'aquelles que se apossam do mundo com o direito da força do mais forte.

Ill.<sup>mo</sup> Sr.

Tendo a companhia ingleza da Machonolandia accordado com o poderoso rei dos Matebeles, na forma de regular os seus interesses com os interesses d'este potentado, e conhecendo-se que a area em que está estabelecida a chamada Luzitania, e o monte de Conji, é territorio que pertence ao mesmo rei Lo-Bengula, e de que V. S.<sup>a</sup> se apossou contra a vontade dos povos ahi residentes, e sem auctorisação do seu directo senhorio, o que pelo mesmo me é afiançado, communico a V. S.<sup>a</sup> o seguinte :

1.<sup>o</sup> — A companhia ingleza da Mochonolandia tomou de arrendamento todos os terrenos na area comprehendida entre o parallelo 22<sup>o</sup> e 18<sup>o</sup> de latitude sul e os graus 27<sup>o</sup> e 32<sup>o</sup> de longitude do merediano inglez ; arrendamento este que desde já está em vigor.

2.<sup>o</sup> — Em vista do referido arrendamento, a companhia ingleza convida a companhia portugueza a evacuar no prazo de vinte e quatro horas todos esses terrenos, e *concede-lhe* levar os objectos de seu uso, apezar de adquiridos á custa de bens que só pertenciam ao Lo-Bengula.

3.<sup>o</sup> — A companhia ingleza tomará conta de todas as casas feitas pela companhia portugueza, sem indemnisação, visto que essas casas foram construidas com o producto das minas que pertencem ao Lo-Bengula, e hoje são propriedade dos arrendatarios, por noventa e nove annos.

4.<sup>o</sup> — Faz-se saber a V. S.<sup>a</sup> que a companhia ingleza

empregará a força, caso haja resistencia da sua parte, para que seja cumprido o contracto celebrado entre nós e o Lo-Bengula.

Estou certo que V. S.<sup>a</sup> pezará todas estas considerações como merecem.

Esperamos as suas ordens.

Deus guarde os preciosos dias de V. S.<sup>a</sup>

Acampamento no Machona, 24 de março de 1891.

*Mac-Leod.*

Sotto-Maior reuniu conselho e leu-lhe a atrevida mensagem do inglez e perguntou o que se havia de fazer.

Todos a uma só voz disseram — resistir até á morte.

O major respondeu a Sir Mac-Leod :

Ill.<sup>mo</sup> Sr.

Os territorios que occupo foram cedidos pelo imperador Monomotapá aos portuguezes em 1 d'agosto de 1607.

Tomei conta d'elles, com o consentimento do meu governo e com o accordo da rainha Mangira, a unica que pela occupação de muitos annos tinha n'elles algum direito.

Nem vós, nem o Lo-Bengula teem cousa alguma que vêr com estes terrenos.

Estabeleci uma colonia, arvorei a bandeira portugueza e estou legalmente da posse d'esta terra ; por todos estes motivos considero as vossas pretensões um attentado ao direito das gentes.

Ameaças-me com a força.

Podeis empregal-a, estou prompto a repellil-a.

O mundo nos julgará.

Deus guarde os preciosos dias de V. S.<sup>a</sup>

Luzitania, capital da Machona, 24 de março de 1891.

*J. A. de Sotto-Maior.*

Sir Mac-Leod mandou preparar para o combate.

Será bom para melhor comprehensão do leitor, fazer um croquis do terreno onde se vão dar grandes acontecimentos, e uma resenha das forças inglezas e portuguezas.

Os portuguezes occupavam a cidade da Luzitania, edificada no pequeno outeiro Uncueque.

A cidade pouco mais tinha que a area de quatro kilometros quadrados.

Do lado de leste era toda defendida pelo rio Uncueque, de grande profundidade e de trinta metros de largura media.

A margem direita d'este rio desde a sua nascente em Musigaguva até á confluencia com o Sebaqué, tinha sido completamente despida do arvored, o que não acontecia na margem opposta, ficando a cidade com uma boa defeza de sebes vivas d'aquelle lado.

Desde a cidade até ao rio Inconcuési, uma das defensas naturaes de Conji e do Mochena havia um caminho coberto, com trincheira d'um lado e outro, fosso bastante largo, abatizes, e diversos reductos.

Esta ligação do sul com o monte Mochena punha a Luzitania a coberto d'um ataque serio por este lado e pelo leste e oeste.

O verdadeiro ponto fraco era o norte.

Aquelle lado da cidade assentava n'uma meia encosta de pouca elevação, que se espraiava por um bello e extenso campo.

O major tinha mandado construir ali uma linha interrompida de trincheiras abrigos, com revestimentos, e o campo do lado exterior estava cheio de obstaculos, como estrepes, covas de lobo, e redes d'arame.

O monte de Mochena tinha uma metralhadora montada n'um pequeno reducto, que enfiava os seus fogos com os d'um pequeno canhão revolver d'outro reducto, o reducto José Estevão, onde estava arvorada a bandeira portugueza.

Além de todas estas defezas, foram levantadas barricadas nas entradas das ruas norte sul, para proteger uma retirada ou para melhor defeza.

O Mochena e Conji, que dominavam todo o terreno em volta, n'um raio que se limitava pelo horisonte, estavam cercados de dois rios com as margens guarnecidas de abataizes, trincheiras de terra e reductos.

Além de tudo isto havia pontos completamente inacessiveis ao atacante, e que estavam, não só defendidos pela natureza, como defendidos por obras accessorias.

O major dispunha de mil e quinhentos europeus, tres mil pretos, duas mil Kropatschek e trez mil espingardas de diversos systemas, sendo algumas d'ellas de pederneira e de carregamento pela bocca.

Tinha tambem a seguinte artilheria: quatro metralhadoras, dois canhões revolver, e trez peças de calibre trez, de bronze, ainda da expedição de Diogo Simões Madeira, mas que estavam muito bem conservadas.

Os inglezes dispunham de cinco mil homens, brancos e pretos, armados de espingardas de carregar pela culatra, vinte mil homens do exercito de Lo-Bengula com differen-

tes armamentos, desde a azagaia e a comprida lazzarina até ás armas de carregamento rápido, de seis canhões rewolver e oito peças Krupp, de calibre nove.

Se por um lado os inglezes tinham a vantagem do numero e da artilheria, pela parte dos portuguezes havia a grande vantagem da posição.

Taes eram as forças que iam medir-se no memoravel dia 24 de março de 1891.

A's nove horas da manhã estavam os inglezes em posição e iam principiari o ataque.

Não queremos, nem podemos entrar na apreciação d'este acontecimento.

Os governos portuguez e inglez continuavam nas melhores relações ; elles para nós eram *os nossos fieis aliados*, a gente para elles é que não sabemos bem o que eramos !

Oh ! se o não sabíamos, sentia-o o coração do povo, mas não o dizia, como desejava, porque, no Tejo estavam ancoradas umas pobres canhoneiras, e um triste couraçado, e as fortalezas estavam desguarnecidas, e n'outros pontos nem fortalezas havia, ou se existiam, eram um obstaculo irrisorio ás balas da artilheria moderna.

O exercito não tinha soldados, as reservas figuravam no papel, e . . . calamo-nos, pela honra nacional.

Era verdade que, nos postos de major, capitão e subalterno havia muitas intelligencias, muitas aptidões, mas tudo isso estava inutilizado pelo meio, o maldito *meio*.

O que se deu na Luzitania, deu-se em Massi-Kesse, e todos sabem que depois da companhia Sout African se apoderar das casas e dos haveres da companhia de Moçambique, e as forças de Caldas Xavier irem ás mãos com as forças dos inglezes, tudo ficou como d'antes !

Os tratados pozeram termo a todos estes acontecimentos!

E só Deus do alto do seu poder poderá dizer se fizeram bem ou mal, e a posteridade e a historia julgará os actos da actualidade!

Nós pygmeus insignificantes, relatamos, mas não julgamos.

Os inglezes sabiam que o ponto norte era o lado vulneravel da Luzitania e para ali dirigiram os seus esforços.

Mil e tantos infantes escalonados em atiradores, apoios e reserva atacaram as linhas do norte.

A artilheria procurava arrasar as obras de defeza e as casas da cidade.

A gente do Lo-Bengula pretendeu por mais d'uma vez atacar e tomar um reducto de Conji á borda do rio Inconcuesi, chave da ponte entre o monte e o caminho coberto.

Se a defeza era encarniçada, o ataque não o era menos.

A athmosphera estava envolvida em nuvens de polvora, os relampagos que saiam das boccas das espingardas e das peças de artilheria, cruzavam-se no ar e semeavam a metralha, o ferro, o fogo e a morte por todos os lados.

Respirava-se um ambiente de sangue que embriagava e enlouquecia.

O dia já ia adiantado bastante quando os inglezes mandaram suspender o combate e proceder á retirada para longe da zona efficaz dos fogos da Luzitania e de Conji.

Então, quando o fumo se dissipou e os olhos puderam vêr, é que o spectaculo hediondo da morte, d'aquelles que se estorciam nas convulsões da agonia por entre os cadaveres inanimados dos que já tinham tido a felicidade

de morrer, se patenteou com todo o horror da sua cruel barbaridade.

O campo dos inglezes e dos Matebeles estava juncado de cadaveres, e dentro das obras de defeza da Luzitania o numero de mortos e de feridos era relativamente pequeno.

N'aquelle dia, officiaes, soldados e paisanos, tinham obrado prodigios de valor, e até as mulheres concorreram com a sua coragem para animar e ajudar os combatentes.

O dia seguinte foi dia de descanso.

Os inglezes percebendo que não podiam tomar a Luzitania assim de repente, accordaram em estabelecer um cerco em regra, e trataram de levantar linhas de trincheiras em volta da posição dos portuguezes.

O major vendo isso procurou com a sua pequena artilheria destruir esse trabalho, mas pouco damno fazia aos sapadores n'elle empregados.

O major tentou uma sortida.

Foi nomeado o capitão Estrella para a commandar.

O capitão e os trezentos homens que o acompanharam, obraram prodigios de valor, mas pouco conseguiram para o resultado que se desejava.

Assim se passaram uns poucos de dias, quando uma noite, pelas trez horas, soou um tremendo estampido; era uma mina que rebentara mesmo por debaixo das primeiras casas do lado norte.

Uns edificios tremeram na sua base, e cahiram com grande estrondo, outros voaram pelos ares.

A guarnição que ali estava desapareceu no espaço en-volta com os destroços das pedras, dos telhados, das portas, dos solhos e da mobilia.

Foi um vomito de guellas de monstro, que arrojou



---

ao abysmo da eternidade os destroços humanos dos defensores.

Bocados de pernas, de braços, de cabeças e de troncos, foram entulhar as ruas e destruir os telhados da Luzitania!

Ainda a gente do major não cobrara alento do terrível sinistro, e já uma avalanche dos homens de Sir MacLeod tinha invadido a cidade pela brecha.

A resistencia foi mais que heroica, foi sobre humana; cada casa era uma nova fortaleza, e os seus defensores só cessavam o fogo, quando já não tinham vida.

Os portuguezes iam pouco a pouco cedendo terreno; a cidade ia-se desmoronando lentamente.

Por onde corria o sopro da morte dos homens, ia o tufo que derrubava os objectos.

E tudo isto se passava nas trevas da noite, ou á luz pallida e sinistra das fogueiras das casas que ardiam!

Quando os raios da aurora principiavam a dourar os cumes dos montes e as franças das arvores, a bella cidade da Luzitania era um montão de ruinas que fumegavam, e um acervo de seres humanos desfacelados, que tinham sido homens!

A lucta concentrou-se na ponte.

D'um lado, percebiam que a suprema defeza estava em retirar por ella os ultimos combatentes da cidade, e do outro adivinhava-se o esforço que os portuguezes faziam em conservar a ponte.

Era ali que estava ou o remate da lucta, ou indecisão da victoria.

O fim e a esperanza!

Os portuguezes iam cedendo cada vez mais o terreno e rareando as fileiras, ou porque se internavam em Conji, ou

porque cahiam varados pelas balas inglezas, ou atrevesados pelas azagaias e tiros dos Matebeles.

Conforme os inglezes avançavam, recuavam os nossos!

A um signal do major todos os seus abandonaram a ponte e fugiram precipitadamente.

Então, semelhante ao rugir d'um vulcão quando a cratera está prestes a estalar e rebenta por fim, arrojando a lava, as escorias e o turbilhão encandescente, assim se ouviu e viu n'aquelle momento a ponte oscillar nos seus alicerces de pedra, e rapida como uma granada que vence a trajetoria, voar pelos ares, engulindo, na sua voragem immensa, os inglezes!!

As aguas negras e profundas do rio abriram-se, tragarão, sorveram e sepultaram para sempre os tristes que o acaso impellira para ali, e serenas, como o tempo, correram novamente no seu largo e escavado leito!

Os inglezes não podiam anniquilar aquelle punhado de bravos que se refugiaram em Conji!!

Cubiçaram as minas, não as podiam explorar, porque a metralha e as balas dos nossos lhe faziam pagar com dezenas de vidas cada gramma d'ouro!

Desejavam possuir a cidade da Luzitania, estavam de posse d'um montão de ruinas!

Ambicionavam Conji e Mochena, e ficaram sepultados no Inconcuesi!

Tiveram inveja que os portuguezes occupassem Machona, bateram-os, fizeram-lhes uma guerra atroz e sem precedente; tinham o terreno juncado de cadaveres dos seus e dos Matebeles!

Nem as balas, nem as minas, nem o numero, nem o cansaço podiam vencer a gente do major.

Resolveram então rendel-os pela fome!

---

O monte de Mochena foi cercado por tal forma com reforços novos, que impossivel era tentar uma sortida.

Assim se iam passando os dias.

Os cercados reduziam o mais possivel os viveres, mas a fome, a terrivel fome, já se fazia sentir, porém ninguem pensava em se render, e jámais se entregaria.

Não era n'aquellas paragens e com a gente do major Sotto Maior que a bandeira portugueza seria arriada por cobardia, ou por capitulação.

Ali estavam os restos dos antigos portuguezes !!

Ali estavam os depositarios da honra nacional !

## VI

### PASSAGEM AOS VENCIDOS

Tres mezes de heroica resistencia eram passados.

No alto do reducto José Estevão tremulava ainda a rota bandeira das quinas.

A fome, a miseria, as privações e a fadiga eram impotentes para abater aquellas almas vigorosas, rijas e sublimes.

Aquelles corações d'alto quilate, grandes, nobres e valerosos, não se deixavam vencer.

Do alto do seu Golgotha, proximo dos céus desprezavam esse bando d'inglezes que rugiam a seus pés!

Pygmeus que rastejavam pelo chão como vermes e serpentes, envoltos na sua baba peçonhenta, avinhada e asquerosa!

No reducto *José Estevão*, e em todo o Monte Mochena, já não havia um cartucho!

Os echos das montanhas e dos valles já não repercutiam o som rouco e retubante do canhão.

A voz stridente e sibyllina da fusilaria tinha emmudecido!

As gargantas de ferro e d'aço das metralhadoras estavam seccas!

Silencio sepulchral, tetrico, medonho e frio de toda a natureza!

Nem um bafô alegre e risonho passava na crista das rochas.

Os heroicos defensores de Mochena arrastavam-se esqualidos, cadavericos e famintos, de trincheira em trincheira, de parapeito em parapeito.

Os seus olhos brilhantes pela febre, encovados e sumidos pela vigilia e pela fadiga fitavam-se no horisonte.

Dias e dias decorridos, e nem um soccorro!

A esperança que lhes alimentava a alma, e a desillusão que lhes dilacerava a existencia, eram ainda os dois gladiadores que os amparavam!

Cercados por todos os lados, encurralados pelas feras que os tinham vencido pelo numero, o major e os seus esperavam!

Estavam reduzidos ao ultimo extremo.

Já não tinham pão, já não tinham carne, já não tinham legumes, já não tinham agua, já não tinham cousa alguma.

Só lhes restava para beber, o rocio do cacimbo depositado no concavo das rochas, decomposto pelo calor!

Só lhes restava para comer, as raizes mirradas que arrancavam do subsolo!

Só lhes restava, a esperança em Deus!!

Ao longe, muito ao longe, do lado do oceano indico, appareceu por fim uma tenue nuvemzinha de poeira.

Os olhos esgasiados dos defensores de Mochena viram-n'a.

Um fremito d'alegria correu um momento por aquelles corpos alquebrados.

A esperança trouxe aos labios d'aquelles martyres o sorriso dos anjos!

Pouco a pouco, a nuvem tomou corpo.

Vinte homens apenas, precediam um official com a espada levantada e nua.

Na ponta d'essa espada não vinha a redempção, a liberdade, o desforço, o desaggravo.

Na ponta d'essa espada agitava-se uma bandeira branca!

Bandeira do parlamentar que pede treguas para enterrar os mortos, ou traz as clausulas dilacerantes d'uma capitulação!!

Os esforçados defensores de Mochena ainda tiveram a duvida.

Era mais uma angustia que tinham a soffrer!

O official e a sua escolta caminhavam cabisbaixos, como o condemnado para o supplicio!

Não ousavam erguer os seus olhos para o cimo do Monte onde estava arvorada a sacrosanta bandeira da patria! Eram os emissarios da morte, que vinham buscar aquelles cadaveres para lhes dar sepultura á borda do oceano, unico cemiterio christão e catholico que restava aos portuguezes na Africa!!

Caminhavam avergados ao peso da dôr e da vergonha.

Percorriam aquelle caminho empurrados pelo cumprimento do dever de soldado; regavam-n'o, comtudo, com as suas lagrimas d'homens e de portuguezes!

O official chegou junto do primeiro posto inglez e os soldados fizeram alto sem voz de commando!

O mesmo fremito d'asco e de repulsão fizera-os estacar, como o nobre corcel que se abeira d'um monturo, ou pisa um cadaver em putrefacção!

O official embainhou a espada e seguiu só, atraz d'um guia atravez do acampamento inglez.

Sir Mac-Leod esperava-o tremulo de phrenesi na sua barraca de campanha,

O official tirou do peito um officio e entregou-lh'o.

A seu pezar, duas grossas lagrimas se lhes desprenderam dos olhos, e, correndo como chumbo derretido pelas suas faces cavadas, foram cair no officio.

Eram o ultimo protesto da dôr que lhe despedaçava o coração!

Em quanto Sir Mac-Leod devorava uma a uma as linhas do officio que continha o tratado de 28 de maio de 1891 <sup>(1)</sup> em que os portuguezes ficavam reduzidos a uma faixa da costa, — o official mordida os beiços até fazer sangue, para não deixar explodir a sua afflicção!

Sir Mac-Leod ainda tinha um resto de humanidade n'aquella alma de cannibal.

E n'aquelle momento comprehendeu aquella nobre dôr.

Tocado d'um sentimento raro n'elle, disse ao official:

— Podeis ir ter com os bravos defensores de Mochena, e dizer-lhes, senhor, que teem tres dias para evacuar o Monte; teem todas as honras de guerra; que podem levar tudo o que lhes pertence; e que Sir Mac-Leod e os seus se curvam perante os heroicos vencidos!

— Vencidos, não retorquiui-lhe o official, — obrigados por ordem do governo a abandonar o territorio hoje inglez, sim.

— Como queiraes, senhor; — foram as ultimas palavras de Sir Mac-Leod.

Do alto do Monte contemplavam estaticos e mudos os movimentos do acampamento inglez.

Aquelles heroicos sitiados iam comprehendendo alguma coisa dolorida e triste, pelo frio e sinistro semblante da escolta.

O official portuguez subia lentamente a alta penedia.

(1) Vide — O tratado — nota 8.

A poucos passos parava e enchia os pulmões do ar mais puro das alturas.

Não era o cansaço phisico que o detinha, era a afflicção da sua alma e da sua consciencia que lhe paralisava os movimentos.

Elle, que já tinha vertido o seu sangue em pranto, pela patria perdida e espesinhada, ia, forçado mensageiro de más novas, dizer áquelles estrenuos defensores da bandeira portugueza:—abandonae, irmãos, essa terra santificada pelo vosso sangue e pela vossa coragem, . . . . . esse terreno . . . . . é já inglez!!

E comtudo aquelle nobre official avançava, os postos por onde passava faziam-lhe continencia, e elle lá ia no cumprimento da sua penosa missão!

A poucos passos achou-se na frente do major Sotto Maior: já não pode mais: n'um abraço fremente, epilectico, estreitou-o d'encontro ao peito!

As suas lagrimas correram á vontade, o seu soluçar transbordou livre com o pranto!

O major, e os seus, comprehenderam então toda a verdade do seu infortunio!

Sublimes na desventura, como heroicos tinham sido nos combates e na defeza, não tiveram um ai, um lamento, um queixume!!

N'aquelle mesmo dia, a sobrevivente povoação de Conji, e os restos da expedição, evacuaram o Monte.

Aquellas sombras de homens e de mulheres desceram a encosta da montanha; a fome e a febre assemelhava-os a cadaveres sahidos das sepulturas!

Por um resto d'humanidade, os inglezes, que a seu pezar os admiravam, estenderam-lhes as mãos com appetitosa comida.



---

Magelina, filha de Conji e Machona parou, fitou-os com um soberano desdem, e, com voz cavernosa, como a do castigo, gritou-lhes:—*Logar aos vencidos!!*

Osi nglezes recuaram de medo, d'espanto e de horror, áquelle aspecto mortal!

Os soldados de Sir Mac-Leod apresentaram então as armas, os tambores rufaram, e o resto d'aquella pleiade d'heroes, passou.

## VII

### CONCLUSÃO

Nas abas da serra Tabuca o major e os seus pararam. Já não avistavam o acampamento inglez, nem até elles chegava o som do seu vozear.

Os indigenas cercaram-n'os por todos os lados, offertando-lhes o melhor das suas vitualhas.

Os famintos viram-se então fartos.

Grande quantidade de arroz, de batata doce, farinha de mandioca e milho painço foi posta a coser.

O leite, as bananas, as massarocas assadas, o inhamẽ, o pombé e o maramba, reanimaram os mais exangues e abatidos.

Algumas cabras foram assadas inteiras.

Não havia alegria n'este banquete !

Devoravam em silencio tal, que se sentia o moer dos maxilares.

Os naturaes, antigos subditos da rainha Mangira, que-riam dar-lhe consolação.

Para aquelles que abandonavam para sempre a terra

que os viu nascer, esbulhados d'ella por estrangeiros, não havia conforto nem lenitivo.

Ha dôres tão fortes e vivas, que o unico balsamo para ellas, são as lagrimas !

A velha Mangira nem já esse allivio tinha !

O seu pranto convertera-se em fel e descera ao coração !

Só quando o seu espirito abandonasse o pobre e dilacerado corpo por tantas provações, é que a sua dôr poderia ter refrigerio.

O major contou os sobreviventes d'aquella epopêa.

Encontrou, entre brancos e pretos, homens, mulheres e creanças, seiscentos e quarenta e dois.

Era preciso assentar no problema do futuro.

A vontade de todos era ficar juntos.

Quem tanto tinha soffrido em commum, era justo que anhelasse por dias mais felizes passados em communidade.

O major e os europeus estavam resolvidos a voltar a Lisboa.

Queriam para sempre abandonar aquellas terras porque tanto tinham combatido e trabalhado.

Queriam pôr entre ellas e elles essa immensidade dos mares, onde o tufão e o rugir da tempestade abafa a voz da humanidade.

N'aquelle dia, cousa alguma se assentou de definitivo.

Combinaram tratar do assumpto sómente em territorio portuguez.

Este, só o pisariam, na direcção que levavam, quando estivessem na margem esquerda do Save.

O major dirigia-se directamente para o ponto da confluencia do Save com o Stize, que se junta com o primeiro no 19° e 19' lat. sul.

As jornadas tinham que ser curtas.

De Tabuca ao Save havia a percorrer umas quarenta leguas.

O paiz era muito montanhoso, e os valles bastante encharcados.

As perdidas forças dos bravos de Mochena tinham que se ir refazendo a pouco e pouco.

Não lhes faltava abundancia de generos alimenticios e de carne fresca, que os indigenas lhes forneciam.

Já perto do Save, ao atravessar o rio Sitze, a velha rainha Mangira sentiu-se muito mal.

O medico fez-lhe rigorosa observação, e declarou ao major, que a rainha poucas horas teria de vida.

O typho tinha-se declarado, complicado com outras terribes enfermidades, e a sciencia era impotente para as combater efficazmente.

Na margem esquerda do rio a phalange dos desgraçados parou.

A rainha Mangira foi cuidadosamente tratada á sombra de uma das barracas que a expedição levava ha annos da Europa.

O typho apossara-se-lhe de todo o organismo e a morte não se fazia esperar.

O capellão foi confortar aquélle espirito, que em pouco tempo abandonaria o mirrado corpo da ultima rainha de Machona.

A palavra do padre fez-lhe bem, Mangira recuperou um pouco a razão abalada; chamou a filha, os seus fieis seculos e macotas, o major e os seus, e, despediu-se d'elles com breves e tocantes palavras.

Chamou o seu primeiro ministro, e ordenou lhe que

mandasse conduzir á sua presença as caixas que encerravam a sua bagagem.

Entre ellas estavam vinte e um pequenos cofres de sandalo, feitos d'uma unica peça e tapados d'uma fórma tão engenhosa, que só quem possuisse o ségreo os poderia abrir.

A rainha chamou a filha e mandou os destapar um a um.

Dentro d'elles brilhavam os diamantes, o ouro em pó, em barra e em pepitas.

E com voz que diligenciava tornar firme disse: «estes são os thesouros accumulados por meus paes e pelos meus avós, que deveriam passar de geração em geração no reino de Machona.

«O reino já não existe.

«O thesouro vae-se dividir pelos filhos fieis dos descendentes dos nossos maiores.»

Voltando-se para o major disse-lhe: «amigo leal, chama quem escreva, quero que o que vou dizer fique escripto.»

E, com voz lenta continuou: «é da minha soberana e ultima vontade, que, os thesouros encerrados n'aquelles cofres, ultimos restos da opulencia d'uma soberania que desapareceu para sempre da terra, sejam repartidos pela seguinte fórma: — metade para minha filha, a princeza Magelina Julia de Saldanha, conhecida pela Sambí, a filha de Congi e Machona; outra metade será dividida em tres partes; uma para o valente major Sotto-Maior, que nos salvou a vida por diferentes vezes, e em transes bem difficeis; outra para os brancos sobreviventes da expedição; e a outra para todos os meus subditos fieis que me acompanham.»

«E agora, adeus amigos até ao juizo final; peço-lhes que me deixem com minha filha e meu genro.»

Só o soluçar do pranto verdadeiro respondeu ao pedido da rainha, e um a um dos presentes foi ajoelhar ao pé d'aquella nobre santa, que tanto tinha soffrido, e beijando-lhe pela ultima vez a mão, sahiram da tenda com passos vacilantes e lentos.

D'ahi a pouco a poderosa rainha de Machona não era mais que um cadaver frio e dessecado.

A sua valente e nobre alma voara para os céus!!

O corpo foi encerrado no concavo d'um tronco cerrado d'um formoso *baobab*, e aquelle caixão funerario foi conduzido á mão até á fronteira das terras que tinham sido concedidas aos portuguezes!

Os ultimos restos d'aquella que tão fiel nos tinha sido não podiam ficar sepultados em terra ingleza.

Na margem esquerda do Save, defronte da confluencia do Sitze, n'um montinho á entrada da povoação de Isibambeio por 19° e 19' latitude sul e 32°, 16 longitude Greenwich ficou erguido um tosco mausoleu de pedra bruta, ultimo tributo dos amigos da extincta rainha de Machona!

Aquella cruz mortuaria na extrema fronteira dos terrenos que a cubiça, a rapina, a má fé e a ladroeira dos inglezes nos deixou pelo tratado de 28 de maio, arrancados á nossa miseria, á nossa impotencia, desmaselo, somnolencia e cobardia, era o unico marco que ficava da passagem dos heroes de Machona, e para os vindouros recordar que no anno de 1891, nos fins do seculo 19.º, não havia sómente em Portugal poltrões!!

Os restos do material que a expedição levára em tem-

po de Lisboa, e que podia ser aproveitado no regresso, tinha sido conduzido pelos foragidos de Machona.

Assim, o major achava-se de posse do seu excellente barco mechanico *Vasco da Gama*, de muitos escaleres de *gutta-percha* e do trem d'acampamento.

.....  
 Ninguem se queria separar.

Em vista d'esta unanime vontade foi resolvido que fossem abatidas todas as arvores necessarias, cavadas convenientemente, e que com estes pequenos barcos se tentasse a descida do Save até ao oceano indico, embarcando d'ali para Lisboa, onde cada um viveria á custa da regia herança da rainha Machona.

O major que conhecia este rio pelas descripções dos sabios exploradores Erskine e Wybrants e pelo que ouvira a alguns indigenas, que o haviam percorrido, um ou outro, desde a sua nascenté, na serra Chitavatanga nas terras de Quissanga, até ás suas tres bôccas Macon, Indyanguge e Sedika no canal de Moçambique, viu que, com algum trabalho era facil a descida d'elle, e muito menos difficil que uma jornada a pé atravez d'uma extensão que só em linha recta media uns trezentos kilometros, ou sessenta leguas.

A direcção das construcções navaes foi entregue ao tenente Alberto Carlos, e tal foi a actividade desenvolvida por todos, que ao terceiro dia, os foragidos de Machona commodamente alojados em sessenta canôas indigenas, e nos barcos da antiga expedição, navegaram ao sabor da corrente pelo Save abaixo.

.....  
 No dia 24 de julho de 1891, fazia exactamente annos que a expedição sahira alegre e cheia de fé, d'esse Tejo

prata, saudada por milhares de pessoas, embarcava em Chiloeane em direcção á Europa os restos da disimada e heroica phalange dos portuguezes que tanto tinham combatido por esses torrões africanos, que foram a gloria dos nossos antepassados e são hoje a ignominia da geração actual!!

A chegada a Lisboa, d'esta vez, do major Sotto-Maior, não tinha aquelle ar alegre e festivo, como quando elle viera organizar a Companhia Mineira e Civilisadora de Machona.

Nem os navios embandeiraram em arco, nem os ministros se fizeram representar.

Sómente a nobre e patriotica Sociedade de Geographia os foi esperar á barra, e n'um abraço fremente e dolorido disse mais, do que a sua bocca poderia dizer.

Desde o desembarque em Belem, até ao edificio da Cordoaria, que tinha sido posto á disposição dos foragidos de Machona, o povo formava alas, todo vestido de preto, como para um enterro.

A formosa Magelina, a filha de Machona, era alvo das maiores demonstrações de sympathia, demonstrações que não eram dadas com o ruído da alegria, mas com as lagrimas dos que soffrem, e com os transportes dos que perderam uma mãe querida.

.....  
O major mesmo abatido e fraco, apenas teve um momento de descanso fez o seu relatorio como director da companhia, e saldou com os seus associados as contas d'ella.

Apezar de todas estas vicitudes, a Companhia Mineira e Civilisadora de Machona, ainda deu um bom resultado pecuniario.



.....

Por esta occasião estava á venda o antigo parque e palacio do conde de Farrobo, conhecido pelo nome de Quinta das Larangeiras.

Alberto Carlos comprou-o.

Era á sombra d'aquellas formosas arvores, e ao perfume d'aquellas roseiras, que os dois ternos esposos queriam recordar as florestas da querida patria de Magelina, e fallar nos entes queridos que ficaram sepultados n'essas regiões longiquas, regadas pelo seu pranto e pelo seu sangue.

O major Sotto-Maior foi viver com elles, e ali só com Deus e com a sua consciencia, abandonava-se muitas vezes a uma dôr íntima e mortal; de que era despertado pelas doces palavras de D. Julia e pelo carinho filial de Alberto.

.....

Os sobreviventes da expedição e os machoanos que vieram para Lisboa, compraram bocados de terreno em Bemfica, Luz, Carnide, Bellas e Lumiar, e cada um edificou nma casa conforme os seus gostos e recordações, e... assim passariam o resto da existencia, até que a Parca implacavel os chamasse a contas.

.....

O major Sotto-Maior contaminado pelas febres africanas e roido pouco a pouco pelo desgosto de entregar aos inglezes o territorio em que tinha sonhado um imperio, estava gravemente doente.

Todos os esforços da sciencia eram impotentes para salvar aquelle condemnado.

Os melhores medicos declararam que a medicina não tinha ali cousa alguma a fazer.

A' beira d'aquelle cadaver é que a patria sentia a sua

A' aproximação da morte, que roubava aquelle grande vulto, é que a convulsão soluçante dos portuguezes, dizia o que soffria e o quanto o amava.

.....  
 Eram quatro horas da manhã.

No palacio das Lorangeiras havia um silencio enorme.

Serviçaes e amigos deslisavam pelos compridos corredores como sombras lugubres!

N'aquelle grande movimento, sem bulha, sem som, n'aquelle repassar sinistro, adivinhava-se alguma cousa extraordinaria, terrivel, fatal!

Da alcova do major tinha sahido ha pouco o padre.

Os ultimos confortos da religião tinham ido dulcificar aquelle espirito!

D'um lado e outro da cama estavam os dois jovens amigos do major.

Anhelantes e suspensos espreitavam os movimentos d'aquelle que tanto amavam!!

D. Julia e Alberto Carlos tinham as lagrimas estancadas; os seus corações não se sentiam já bater!!

O mesmo abraço da morte queria enlear os tres!

Ia amanhecer.

Uma tenue claridade baça e amarella filtrava-se pelas fendas das janellas.

A luz da alampada mortuaria sumia-se aos alvares da madrugada.

O major Sotto-Maior estendeu a sua mirrada e hirta não á procura d'um amparo.

Magelina e Alberto apertaram-lh'a entre as suas.

O moribundo fez um supremo esforço.

O seu corpo devorado pela febre ergueu-se no leito.

Os seus olhos abriram-se desmesuradamente, e fitaram-

se com amor e carinho nos dois amigos que o amparavam.

Depois volveu-os a custo para o céu, e d'envolta com o ultimo suspiro da vida que se esvaía, murmurou : — Meu Deus, velai por elles e pela patria moribunda!

.....  
O major Sotto-Maior já não era do numero dos vivos.

A sua alma pura, leal e heroica tinha voado até junto d'Aquelle, que lá das alturas preside aos destinos dos mundos.

.....  
A nação portugueza estava de lucto.

O funereo ataúde encerrava mais um heroe do continente negro.

FIM



---

# NOTAS



# DOCUMENTOS

## ONDE ASSENTA A BASE HISTORICA D'ESTE LIVRO

---

### NOTA N.º 1

#### Tratado com o imperador de Monemotapá (1)

Ao 1.º d'agosto da era de 1607, estando o imperador Manamotapá em campo ao longò de um rio que se chama Manzovo, ou Mazoe, de fronte de umas povoações, a saber, uma que se chama o Marenga, e outra Inhamacoto, Diogo Simões Madeira, capitão da guerra, que veio em favor do dito imperador Manamotapá, tratou no mesmò dia acima declarado algumas cousas de importancia ao serviço de Deus e de Sua Magestade, como já o tinha feito por muitas vezes, e alcançou, com razões que deu ao dito imperador Manamotapá, que dêsse a Sua Magestade todas as minas de oiro, cobre e ferro, estanho e chumbo, que em todo o seu imperio houvesse, o que o dito imperador concedeu assim e da maneira que por Diogo Simões Madeira, capitão da guerra, lhe foi pedido; e logo disse a elle

(1) Tambem se escreve Manamotapa, Monomatapa, Bene-Motapa, Bene Motasha e Mono-Mataha.

o dito Diogo Simões Madeira, capitão, em presença de mim, escrivão, que trouxesse consigo todos os portuguezes que consigo tinha, que em presença d'elles todos queria dar a Sua Magestade as minas que lhe pedia, e logo no mesmo dia, mez e era acima declarados, mandou o dito capitão mór tanger tambor com pregão, que dizia que toda a pessoa de qualquer condição que fosse o acompanhasse, porque queria ir com todos diante do imperador Manamotapá, porque cumpria assim ao serviço de Sua Magestade. Mandou a mim, escrivão, que fizesse este termo, e dou minha fé tudo acima passar na verdade por a tudo estar presente, e em fé do qual me assignei aqui, como dito capitão, em este campo do imperador Manamotapá no mesmo dia e era acima declarados. E eu Miguel Nunes, escrivão, que o escrevi, e me assignei de meu signal raso e acostumado, que tal é como se vê.

El logo no mesmo dia, Diogo Simões Madeira, capitão da guerra, se foi ter aos paços do dito imperador Manamotapá com todos os portuguezes que estavam na sua companhia, e disse ao imperador Manamotapá que ali estavam todos os portuguezes, em presença dos quaes podia dizer o que com elle dito Diogo Simões Madeira, capitão da guerra, tinha assentado, e logo o dito imperador, em presença de todos, disse o que se segue.

«Eu imperador Manamotapá, hei por bem e me apraz «dar a Sua Magestade todas as minas de ouro, cobre, ferro, chumbo e estanho que houver em todo o meu imperio, comtanto que El-rei de Portugal, a quem dou as ditas minas, me conserve em meu Estado, que eu possa pôr «e dispôr, e assim e da maneira que até agora o fiz, e fizeram os meus antepassados; e que Sua Magestade me dê «guerra para me ir metter de posse em minha côrte, e des-



«truir um ladrão alevantado por nome Matuzianhe, que tem roubado algumas terras de oiro, e impede os resgates daa «fazenda dos mercadores.»

E assim disse mais elle dito imperador que pedia a Sua Magestade o acceitasse por seu irmão em armas, e que não mandava os seus embaixadores logo, pelas muitas occupações que tinha na guerra, mas que pedia a Diogo Simões Madeira, capitão da guerra, que escrevesse ao vice-rei da India, e lhe désse conta de tudo o que se passava, para que lhe mandasse alguma gente para a conservação do seu imperio, e assim lhe mandasse um par de cavallos para elle dito imperador andar n'elles, e para o anno, Deus querendo, entregaria a Diogo Simões Madeira, capitão, o príncipe seu filho, e Samangana seu embaixador, para o levar ao vice-rei da India com sua embaixada.

E outro sim disse o imperador Manamotapá, em presença do dito Diogo Simões Madeira e dos mais portuguezes que presentes estavam, que elle dava a seu filho príncipe, para o levar á India em companhia do embaixador Samangana, para confirmação de tudo aquillo que com elle dito Diogo Simões Madeira, capitão, tinha assentado e estava n'esta escriptura.

E assim disse mais elle dito imperador, em presença de todos, que elle tinha dado dois filhos para os ensinar e elle os ter em sua casa, e assim lhe tinha promettido duas filhas; e disse em presença de todos, que uns e outros, elle dito Diogo Simões Madeira os podia fazer christãos, porque d'isso era elle dito imperador contente.

E Diogo Simões Madeira, capitão da guerra, tratando ao dito imperador ácerca das minas de prata, lhe respondeu em presença de todos:—As minas de prata, eu volas tenho dadas pelos muitos serviços que me tendes feito

em minhas guerras; vós as podeis dar, se quizerdes a Sua Magestade, pois são vossas e vol-as tenho dadas.— E logo o dito Diogo Simões Madeira lhe respondeu ao dito imperador, em presença de todos, que pois as minas de prata lh'as tinha dadas, que elle dito Diogo Simões largava as ditas minas e as dava a Sua Magestade, pois por elle as pediu e grangeou como seu vassallo. E logo pelo dito imperador foi dito a Simões Madeira que de tudo que elle dizia publicamente mandasse fazer papeis, que elle dito imperador Manamotapá se assignaria n'elles. E perguntando-lhe o dito Diogo Simões Madeira, capitão, o signal que havia de fazer, pois não sabia ler nem escrever, em presença de todos disse:— Farei assim, e fez tres cruces no chão com a propria mão e disse:— Este é meu signal. — E disse elle imperador que o que elle dava e promettia a Sua Magestade, protestava cumprir, guardar e manter, e que nenhum tempo podesse quebrar o conteudo n'esta escriptura; e que elle imperador o queria assim e mandava e ordenava, e tudo era contente. Em fé do qual se assignaram aqui com o dito Diogo Simões Madeira, capitão da guerra, e com as testemunhas que presentes estavam, as quaes são as que se seguem: frei João Lobo, vigario da igreja de Luanze, e o padre frei Manoel de S. Vicente, vigario e assistente n'esta guerra e campo do imperador Manamotapá, Estevão Moreira, Francisco Gago, Francisco Madeira, Fernão Rodrigues, Manuel Borges, Domingos Cardoso, Nicolau Alvares, Manuel Fernandes Leitão, Francisco Nunes Malho, Francisco de Moura, Gaspar Pereira Cabral, Francisco Dourado, Manuel da Fonseca, Manuel Pinto, Luiz Aranha Caldeira, Antonio Montarroio, Diogo Nunes, Matheus Rodrigues, Pero d'Abreu, Manuel Castanho, Antonio Rodrigues, Francisco Rodrigues, Do-

mingos Fernandes de Almeida, Gaspar Coelho Bandeira. E assim se acharam outros muitos portuguezes, que aqui não nomeio por seus nomes, por não saberem escrever, mas vão aqui assignados. (A assignatura é o signal de cruz).

E eu dito Miguel Nunes, escrivão, dou minha fé achar-me a tudo presente, e tudo passar na verdade pelo juramento que tenho do meu officio, em fé do qual me assignei aqui, e o dito imperador Manamotapá e Diogo Simões Madeira, capitão da guerra, e Miguel Nunes, escrivão d'este dito campo do imperador, trasladei do proprio original, que em meu poder fica, bem e fielmente, sem acrescentar nem diminuir coisa alguma, em fé do qual me assignei aqui de meu signal raso e acostumado, que tal é como se segue, n'este campo do imperador Manamotapá, no mesmo dia, mez e era atraz declarados. — Miguel Nunes — Diogo Simões Madeira.

Este abaixo é o signal de Manamotapá.

O im+perador Mana+motapá Gasse+Lucere.

---

#### NOTA N.º 2

Doação do Imperio de Quiteve (hoje Manica e Sofala)  
á corôa portugueza

Dom Sebastião, por graça de Deus, imperador d'este Imperio de Quiteve, senhor de Chicanga, de Gume, Mocambe, Macome, da Vumba, Biri, Macaracote, Quizava, Motava, Samacamba, Motete, Nepongo, Arare, Sarapgo-

la, Neregueme, Chucumambara, Cubio, Neromba, Nigui-xamga, Macraure, Mezangue, Nezungano, Nherano, Chipururo, Sono, Inhabane, Mucumba e Cabo das Correntes, etc. Por quanto, dos grandes beneficios que d'El-Rei de Portugal, meu senhor, tendo recebido por seus vassallos, assim pessoalmente, com risco de seu sangue e vidas, como nas despezas de suas fazendas em meus reinos contra os rebeldes e alevantados de minha nação que por muitas vezes, tomando armas contra mim me desapossaram de meu imperio e senhorio, ao qual fui por duas vezes restituído, o que considerando eu, e em particular este em que o capitão-mór Sisnando Bayão, enviado pelo capitão de Moçambique, Julio Moniz da Silva, me fez, restituído-me novamente á posse do meu imperio, com morte do alevantado Moneum Sacandimo, que injustamente usurpado me tinha, e não achando agora presente outra cousa em que mais mostre a lealdade da divida em que a tão alto Rei estou, com o reconhecimento devido a tantos serviços de seus vassallas, obrados em utilidade de meus reinos e senhorios, lhe faço, em meu nome e de meus descendentes, leal doação d'este meu Imperio e senhorios, submettendo-me debaixo de sua Real protecção, a cuja Magestade reservo todo o direito que d'esses me é devido, abjurando com obrigação a minha real dignidade, que todas as vezes que alguns dos descendentes se rebellaram contra a Real Magestade d'El-Rei de Portugal, meu senhor, sejam por elle punidos e castigados como verdadeiro senhor d'este Imperio, por quanto assim é minha ultima vontade, e como legitimo Rei que d'estes reinos sou, os dou e trespasso á corôa de Portugal, seguindo-se sempre a ordem de meus descendentes por linha direita, conforme o direito, e eu e meus descendentes, em fé d'esta vassallagem seremos obri-

gados a todos os annos pagarmos ao dito senhor um Bar de marfim, e assim como vassallos seu me dará o que por meus antepassados fôr costume dar-se-me na fortaleza de Sofala, para me vestir, e demais grandes, por entender n'isto vae em grande proveito a segurança d'estes reinos; e todos os vassallos d'El-Rei meu senhor poderão livremente, com suas fazendas, passar por elles conforme os concertos que por capitulações ficam feitos por mim e pelo capitão mór d'esta guerra Sisnando Dias Bayão, assistindo a esses os grandes de meus Reinos, os quaes declararam estavam por elles, e juntamente pedindo que se obrigavam á defensão d'elles, ao que se obrigou o dito capitão mór, e me assignei, estando presente o Reverendo Padre Commissario dos frades prégadores, frei Luiz Bertrão, e o Padre Vigario de Manica, e o Padre Vigario de Vumba, e o Padre Vigario de Sofala, e o Capellão da guerra, frei Matheus d'Acha, e o capitão da dianteira, Domingos de Mattos, e o capitão da rectaguarda, Antonio d'Almeida, e o capitão do Zimbaóé do Quiteve, que fica por ordem do capitão mór em defensão do Rei; Manuel Rodrigues Pereira, e João Martins de Paiva, capitão do Soccorro da Manica, e os mais abaixo assignados. Dada n'este imperio de Quiteve em 23 d'outubro de 1644 annos.

Eu escrivão Domingos Pereira, que o subacrevi como escrivão d'esta guerra — O Rei Quiteve — Sisnando Dias Bayão — Fr. Luiz Bertrão — O commissario Fr. Matheus d'Acha — Fr. Antonio de S. José, Vigario de Sofala — Fr. Francisco de Freitas, Vigario de Vumba — Fr. Antonio d'Almeida, Vigario de Manica — Antonio d'Almeida — Domingos de Mattos — João Martins de Paiva — Lourenço da Guerra — Antonio Rodrigues Antunes — Manuel Ro-

drigues Pereira — Bento Rodrigues — Domingos Viegas.  
(Segue o termo do reconhecimento). Doc. a fl. 250 do li-  
vro LX — Arch. da T. do Tombo.

---

NOTA N.º 3

Depoimento de Fr. Gaspar de Macedo,  
mostrando que ha longos annos estamos de posse  
das minas de Manica

O reino de Manica, que está por estas terras dentro, e dista sessenta leguas do forte de Sofala, e outras sessenta do forte de Senna, no reino onde eu fui vigario da vara e loco-tenente do senhor arcebispo primaz da India, e do qual informo como testemunha de vista e mui experimentada por alguns annos, é sujeito a um rei cafre, por nome Chicanga, o qual é tributario do rei de Manamotapá, christão e vassallo de Sua Magestade. Tem este reino de Manica, de comprimento, algumas quarenta leguas, e de circuito algumas sessenta ou mais, e é o mais fertil em produzir e gerar ouro de quantos ha sujeitos ao imperador, porque de ordinario todo o ouro que se acha n'este reino é em pedacinhos, a que se chama lascas, e em partes se acha tanto á flôr da terra, que, para chegarem á madre d'elle se cava sómente á altura de tres palmos, o que eu vi com meus olhos por muitas vezes, atravessando por entre as minas, por acudir a algumas ovelhas minhas, que me mandavam chamar para lhes administrar os sacramentos, e é cousa averigua-

da que todo este reino é um torrão de ouro, e são tão grandes os pedaços d'elle que de ordinario os cafres, que o tiram, o cortam em cinco ou seis partes, para o repartirem entre si, e cada um fica muitas vezes com o pezo d'elle maior que o de uma pedra.

Estando eu, haverá dois mezes, n'este reino, andava uma cafra cavando a terra para semear o seu milho, e de um golpe deu com a enxada em um pedaço de ouro, que teria mais de quatro arrateis, e logo gritou por gente, como é costume, quando se acha alguma mina, e cobriram o ouro até se dar recado ao rei, o qual mandou que supposto era mina tão grossa, se guardasse para outro tempo, e ninguem ousou a cavar n'esta paragem, antes a cafra foi semear o milho em outra parte.

Dentro n'este mesmo reino de Manica ha umas terras que se chamam Matuca, em as quaes de ordinario estão os cafres tirando ouro em tanta abundancia, que é bastante quantidade d'elle para se comprarem e gastarem muitos bares de roupa todos os annos n'esta terra, e em havendo gastadores que cavassem n'estas terras de Matuca, seria immenso o ouro que se haveria d'ellas, pois tem de circuito algumas trinta leguas, e todas as serras geralmente são de riquissimas minas, muitas d'ellas de pedra, na qual estão encerrados pedaços de ouro tamanhos como patacão, e meias patacas, e outros menores e maiores.

N'estas mesmas terras de Matuca está uma mina de ouro inserido em pedras tão grossas, que vac n'ellas o ouro atravessado por entre a pedra a modo de raizes de arvores mui grossas, da qual senão tira já hoje ouro, porque os cafres não costumam cavar com alavancas e alviões, senão com uns páos agudos,\* com os quaes é impossivel romper a fortaleza e grossura da mina de ouro, e a razão

porque d'estas riquissimas minas de Manica não vem hoje em dia grandes pedaços de ouro assim como nasce, é porque os cafres teem medo de tirar das minas, quando é muito, porque logo que os reis são avisados que tal cafre deu em mina muito grossa, e levou um grande pedaço de ouro, e o rei manda dar sobre elle, e roubar-lhe toda a casa, mulher e filhos, e ás vezes o manda matar, e assim de ordinario, tanto que dão em a mina grossa, logo avisam o rei, e manda que se não cave mais n'ella; com tudo são muitas lascas e pedaços de ouro que cada anno vem a Senna, e se fundem nas partes da India, principalmente pelas mãos dos governadores d'estas partes, aos quaes logo tudo vac á mão, como foi uma lasca grande, que, n'este mez de julho de 1633, trouxe João da Rocha mercador de Manica a este Senna, e qual pedaço e lasca sempre teria nove ou dez onças, e foi visto por todos os homens d'este Senna, e eu tinha visto na Manica quando um cafre de Diogo de Souza de Menezes para se lhe entregar em Moçambique o trazia, como viu D. Andres de Vides y Alvarado com os seus olhos, e os mais companheiros, e o anno passado lhe entregaram outras semelhantes, vindas de Manica.

E' este reino de Manica povoado de alguns cincoenta homens portuguezes, que n'elle fazem o seu contracto, muitos dos quaes são nascidos na India, e alguns vindos de Portugal, e n'elle vivem mui contentes, por causa dos salutiferos ares, e mui excellentes aguas, que descem das grandes serras, que n'elle ha, donde vem serem tantos os rios d'este reino, que atravessando d'uma parte a outra, se contam mais de cincoenta, e muitos d'elles caudalosos, e quasi todos perennes, cujas aguas commumente correm por riquissimas minas de ouro, dos quaes se acham muitos



pedaços nos rios, tão lisos e formosos, que se estimam por peças mui agradáveis pelas partes da India.

E ao pé de uma serra d'estas, atravessando eu pelas terras de Matuca, estava, alguns quatro mezes, numero de quinhentos cafres cavando todos o ouro por este espaço de tempo, até que deram em a madre da mina, e logo se foram cavar a outra parte; e finalmente, concluindo ácerca da muita riqueza d'estas terras de Manica, digo como testemunha de vista, que se houvera gastadores que cavassem, se podiam todos os annos tirar mais de quinhentos arrateis de ouro em lascas sómente, que não tivesse necessidade de chegar ao fogo, para se purificarem, fóra o muito que se poderia tirar em areias, a que se chamavam a fundição, porque até o presente se não tem aberto n'esta Manica mais que dez ou doze minas grossas, sendo assim que ha mais de noventa serras altissimas e virgens, mui dilatadas, cujas entranhas são tudo minas de ouro em immensa quantidade.

N'este reino de Manica ha umas terras, a que chamam terras de Benzi, as quaes não tem arvoredos algum e tem algumas vinte leguas em circuito; são estas terras conhecidas pelas mais abundantes em ouro que póde haver no mando, porque tudo o que n'ellas ha é somente ouro, que se acha em pedaços de arratel e dois arrateis pouco mais ou menos, e n'estas terras tem o rei Chicanga a sua corte, chamada Zimbaoé, e não consentindo em nenhuma maneira que portuguez algum, ou homem da India more n'ellas, pelo receio que tem de logo lhe pedirem que mande cavar as minas, que ha em todas ellas, as quaes elle reserva para si como grandissimo thesouro.

Alem d'estas terras de Manica serem tão ricas de ouro, o são tambem riquissimas minas de christal, entre as quaes

veem manando muitos rios, e se acham pedaços d'elle, que os cafres trazem por pezos, com que pezam o ouro, que vendem aos portuguezes. Achou-se esta mina de christal em especial nas terras de Matuca, e se vê de longe estarem resplandecendo n'ellas os raios do sol.

São tambem estas terras mui accomodadas para a vida humana, e n'ellas ha seis mezes de frio, e outros seis em que fazem umas calmas tão moderadas, que nenhuma molestia dão aos habitantes d'ellas, e o tempo frio é em o mez d'abril e os cinco seguintes, ao revez dos frios da Europa.

Deixando este reino de Manica e fazendo derrota para o mar, caminho de Sofala, se atravessa um reino por nome Quiteve, o qual começa em Manica, e acaba no mar, e assi tem de largura seiscentas leguas e de comprimento algumas cento e oitenta.

Este reino é sujeito a S. Magestade com seu rei Quiteve, tributario, assi como Chicanga com a sua Manica, etc.

Em uma ilha, por nome Bassanite, aonde se mette no mar o rio Saha, ha muito aljofar e perolas, que se acham ainda hoje, etc.

Deixando o reino de Manica, e atravessando o caminho de oeste, se passa pelo reino de Mocaranga, o qual tem de comprimento algumas cincoenta leguas, e de largo algumas cento e cincoenta, e é este reino tão copioso de minas de ouro, etc. E' este rei vassallo e tributario de S. Magestade. Continuando o caminho do oeste que atravessa o reino de Entumboé, o qual é de um mouro chamado Xarifo, porque lh'o concedeu o Imperador Manamotapá, porque o ajudou nas guerras que fez a seu antecessor Coporacine, por se levantar contra S. Magestade, etc.

---

Este reino de Entumboé é tambem mui cheio de minas de ouro, etc.

Acabando o reino de Entumboé, e continuando a oeste, se entra logo em os vastissimos campos do rei Mocaranga, sujeitos tambem ao imperador Manamotapá, vassallo de S. Magestade, aonde os ares são mais salutiferos que os da Manica, e estas terras são tão dilatadas, que se não sabe do fim onde vão parar as minas de ouro, porém tem-se por cousa averiguada que, caminhando de Mocaranga para oeste ou noroeste, se não poderão andar cento e cincoenta leguas sem que se entre nas terras de Angola, onde, por via de Portugal fazem contracto, os portuguezes, etc.

Deixando estas terras de Manica e caminhando em direitura para a parte do loeste, depois de seis dias de caminho se encontra um reino, ao qual se chama Butúa, de que dizem que ainda é mais rico de ouro, e mais mine-raes, que a Manica. E' este reino de Butua de algumas trezentas leguas de circuito, e pela parte do loeste chega até parar na Africa occidental, onde quebra suas ondas o mar oceano, etc.

Senna 21 de julho de 1663 — Frei Gaspar de Macedo — Vigario da Vara dos Rios da Manica — (Livro das Monções, n.º 41 — 2.ª parte, fl. 13, archivo da India — (Publicado no n.º 3 de 1891 do jornal — As Colonias Portuguezas.)

## NOTA N.º 4

Carta de Philippe ao vice-rei da India, escripta em 1631  
sobre o Monomotapá

Conde Sobrinho, Viso Rey da India, Amigo, Eu El-Rey vos envio muito saudar como áquelle que muito amo. Vendo que uma das capitulações que se fizera com o Monomotapá, quando meus capitães o metteram na posse d'aquelle reino, foi a principal que elle seria meu vassallo e daria todos os annos tres pastas de ouro aos capitães de Moçambique, e que elles lhe enviariam alguma coisa de retorno, elle pareceu dizer-vos, que como estas tres pastas de ouro se dão em signal de obediencia e vassallagem, fica mais proprio o reconhecer-lhe minha pessoa immediatamente com este genero de tributo, e não medeante outras pessoas, porque por este modo ficará mais honrado e reconhecido o Monomotapá, entendendo que é meu tributario, e assim vos encomende e ordeneis se declare, e que as pastas se me enviem todos os annos, e o retorno que se lhe ha de enviar seja por conta de minha fazenda, que será em maior significação de minha soberania real, honrando com alguma cousa em meu nome, como poderia, uma copa de chistal ou outra cousa accommodada áquelle rei. Escripita em Madrid, a trinta e um de abril de mil seiscentos trinta e um. O Conde de Val de Reis — O conde de Castro — Para o conde de Linhares. Viso Rei da India — 2.ª via. (Doc. do L.º 28, fl. 280 — Archivo da Torre do Tombo.)

## NOTA N.º 5

Noticias redigidas por Ignacio Caetano Xavier em 1738, sobre o ouro das margens do Zambeze, e do districto de Zumbo

Os Bares honde se encaminhão os mercadores n'este tempo são os seguintes, todos da parte de Maravi, Senhorio do Imperador Caronga, e seus Regulos, huns obedientes e outros rebellados Bar de Mano, cujo ouro he do mais precioso. Mixonga, e Marima, que o produz de menores quilates. Béve, não o dá tão bom, e Cassunça, e Chicorougoe, que ficarão perto de Tette 3, ou 4 jornadas, em que já se não trabalha, nem no de Rafael, que fica antes de chegar a Zumbo 4 jornadas. Contarei a abundancia d'este ultimo Bar, que teve antes de se tapar para se fazer juizo da utilidade, que darião todos, se se trabalhasse n'elles com a efficacia, e traça, com que se labora nas minas da America, e antes de relatar a sobredita abundancia, direi, o como se tira o ouro das minas. . . . . O Bar de Rafael foi tão liberal que dava por dia 90, 100 e 110 pastas e em 15 dias acabou com o seu descobridor Rafael, que era um natural de Goa pelas mesmas desordens, porque todos desapparecem, como já disse. No conflito morrerão mais de 2000 cafres, alem do dito Rafael e outros mercadores. Antes de se romperem estes em ultimo disturbio, o referido descobridor tinha encerrado por cautella hua frasqueira do Porto, cheia de saccos de ouro, e 5 boiões, que hua, e outros terião 22 arrobas de ouro. . . . Em similhante acontecimento, ainda que não tão sanguinolento, caducou o Bar

de Malima, sendo igual na causa, de que se originou o pernicioso effeito; pois quaze teve a mesma felicidade em 38 dias, que se trabalhou n'elle. Nesse tempo tirarão 1200 pastas pouco mais ou menos, os mercadores, que vem a ser pela estimação de Moçambique pouco menos de hum milhão. Descobrio este, Antonio da Costa, natural de Goa.

Da mesma parte de Maravi nas espaldas de Zumbo, está o Bar de Chipapa, que por outro nome se chama de Fr. Pedro, cujo ouro é melhor que o de Mano. Esta mina nunca foi abundante, por que o seu dono, que era o mesmo Fr. Pedro da Trindade, religioso dominicano, nunca consentio que outra pessoa entrasse a utilizar-se da sua producção, nem elle se aproveitava de toda, a que se podia colher d'ella, por temer que a fama da abundancia não despartasse a ambição dos Regulos visinhos, e estes lh'a tirassem das mãos.

Muitos outros Bares se podião descobrir, mas a perguiza tem atalhado os caminhos de buscar-os. Já os tem havido de grande provimento, e só na flôr da terra, de tal sorte que, arrancando hua pouca de palha, acharão-se muitas lascas de ouro;..... e em tempo, que ainda as terras de Massapa, Bocutto, Maseda e Luanze erão nossas, acharão os moradores d'ella hum pedaço de rocha branca, que, quebrada e reduzida em pó, tirarão do tal pedaço em lasca, e em granitos mais de 200 pastas. Tambem he de saber que muitas minas se não descobrem por não haver agoa perto, por que sem ella o não podem apartar da mescla da terra, de pedra, de aço, de que de ordinario vem misturado.

Tambem se achão muitas minas de ferro no Maravi, mas não me consta que as haja de cobre; pode ser que a incuria o tenha incultado. Da segunda vez, que fui enviado

ao Imperador Caronga, me disse que nas suas terras havia ouro, prata, cobre, ferro christal, e outras cousas que as não queria mostrar, sem que os seus filhos, que são os Portuguezes, lhe dessem a guarda, que pedia de soldados, e officiaes, igual á que tem o Monomotapá, e que não só teriamos interesses n'esses metaes, mas na doação, que queria fazer a seo Irmão, assim trata a Sua Magestade Fidelissima, das terras, que principião desde Quelimane até Zumbo, ou até á ponta de Zumbo, á borda do Rio Zambare, com 5 ou 6 leguas de Certão de largo á proporção da referida longitude . . .

Todos estes Bares não são abundantes de viveres como o são as terras da Corôa; porém n'elles não falta milho, em alguns, tambem arroz, e em todos carne de cabra, galinha, caça, legumes, inhames, batatas, e fructas agrestes.

.....  
Zumbo he terra, que antigamente foi de hum Regulo chamado Mussarura, a quem tomou um filho de Gôa por nome Chicalia por antonomasia: hoje os mercadores de Mucaranga assistem n'ella, e mandão comutar ouro pelas roupas, e vellorio, que arriscam nas minas geraes de Changamira por seus cafres cativos, que se chamão Mussambazes, e não vão os referidos mercadores para aquelles Bares pelo receio, que teem, de que o Changamira os repreze, e faça seus captivos. . .

N'ellas (terras do Zumbo) ficão as minas geraes de Mucaranga, a honde vão os Mussambazes de Zumbo, a commerciar com roupas e vellorio, que levão de seus amos, moradores de Zumbo, e mercadores. Estas minas, como todas as d'aquelle Paiz erão de Manamotapá, quando este o dominava antes da sublevação do Changamira, que foi

pastor dos seus gados, e agora a maior parte d'ellas são d'este rebellado.

Este mesmo he senhor do Bar de Cacara, cujo metal estava tão sazonado que ao tempo da sua abertura, se achou n'elle um pedaço de ouro, que tinha de comprimento 4 palmos, e de grosso 5, em circumferencia que o Regulo Caroa, de quem tomou este nome a dita mina, pelo não querer dar ao Changamira, o lançou no Rio, que fica perto d'elle com hua boia, donde o tira quando tem necessidade de tirar d'elle algumas lascas ao machado para as vender. O mappa mostra estes lugares, como o da serra de Inhapihiri, honde se dia, que fica o Corpo d'aquelle Servo de Deos, o P. Gonçalo da Silveira, Religioso Jesuita, que, por causa da Religião, foi afogado com uma Cinta, e lançado ao Rio Manjovo.

Mais abaixo fica o Monte Tura, que os naturaes geralmente contão fôra algum dia morada da Rainha Sabá, dis-to mesmo me asseverou o velho Cabrabaça já citado...

*Ms. B-15 20.*

---

NOTA N.º 6

Riquezas minérias dos terrenos,  
que os inglezes ainda nos deixaram, depois do tratado  
Senna, 1762

De Tette dependem o Manno e a Chicova, donde vem uma boa porção de Ouro todos os annos, que os moradores de Tette vão com as suas negras *sambazar*, palavra da lingua do Paiz, que he o mesmo que minerar.



O Manno he das terras do Regulo Bororo, fica áparte do Norte de Tette sete, ou oito dias de distancia, logo que principião as primeiras agoas, que são em Fevereiro, partem alguns moradores para aquelle Certão com as suas negras; entre elles costumavam hir um Padre Jesuita com tresentas negras, e um Padre Dominico de ordinario, que estava parochiando em Tette, ainda que com menor numero de negras.

As negras vão todos os dias com uma gamella cavar ao pé das Ribeiras e dos Riachos, que correm das montanhas, e conforme o que achão no chão, trazem á noite fielmente ao Arraial a seus amos ou senhores. Durante este trabalho o tempo do Inverno, acabado elle, recolhem ao Arraial, donde muitos annos tem vindo duzentas pastas de ouro (*calculava se então a pasta em 300\$000 rs.*), que se n'aquelles sitios se minerasse ao uso do Brazil, seria muito mais consideravel a quantidade de ouro, que se extrahiria.

*Ms. B-15 20.*

Doc. mandados colligir pelo marquez de Pombal, Bibliotheca de Lisboa.

---

NOTA N.º 7

Os Inquimbas

Os *inquimbas* são os alumnos do *feitiço* de Inquimba; e o *feitiço* de Inquimba é uma instituição cujas origens se perdem nas brumas do tempo, e cuja principal funcção é

dar aos alumnos, seus iniciados, a sciencia do bem viver.

Esta instituição parece achar-se espalhada por toda a raça congo propriamente dita.

Nas proximidades de Boma ha uns poucos de conventos.

O convento ou seminario dos inquirbas é constituido por um cercado de pavêas de palha aprumadas, jûntas, com uma só entrada e tendo a um dos cantos um espaço coberto ou alpendre, tambem de palha.

Dentro do cercado, ou debaixo do alpendre, não se encontra nenhum movel, nem utensilio de cosinha: veem-se apenas alguns manipansos, saiaes, batuques e mais artigos do *ganga* (sacerdote, ou feiticeiro) ou dos alumnos, como inquirbas.

E' vedada ali a entrada aos profanos.

O *ganga* é um preto velho de olhar intelligente e velhaco, mostrando que acredita só até meio na efficacia dos seus ensinamentos: dispõe d'um grande prestigio sobre os seus; e é muito perito nas praticas dos seus ritos, dançando, tocando o batuque e agitando os manipansos e fetiches com pantomimas, complicadas de fingidas allucinações.

Os iniciados são creanças masculinas de qualquer extracção, nobre, plebeia ou servil, contanto que sejam dos povos proximos.

O escravo pôde ser oriundo de muito longe.

Entram em geral para o *feitico* aos sete aos doze annos; e demoram-se a fazer a sua instrucção trez ou quatro.

Todas as creanças, sobrinhas dos principes ou seus parentes proximos, teem a educação do *feitico* de Inquirba: seria uma vilania imperdoavel para um parente do rei, não ter sido educado ali.

Os sobrinhos dos moradores ricos são os frequentadores ordinarios. E até o escravo do senhor de consideração, ou

que não tenha successor pôde ser admittido como inquitimba, tornando-se pela iniciação pessoa livre: sómente lhe será prohibido tomar o nome de Matundo e Malanda, que são destinados aos principes e pessoas já distinctas antes da iniciação.

A cerimonia da iniciação tem lugar de noite. A creança é tomada de improviso, conduzida pela familia, e entregue solemnemente ao feiticeiro, que a recebe com grande desenvolvimento d'um ceremonial de pantomimas e toques de batuque.

Entretanto ministra-lhe um narcotico, e obriga-a a prestar um juramento solemne, de que nunca dirá a nenhum profano coisa nenhuma do que se passa no convento, nem ensinará nada do que ali se aprende.

Este preceito fica solidamente guardado com a pena de morte que lhe será applicada pelo principe do seu povo, quando o transgredir.

Depois rapam-lhe o cabello, pintam-lhe todo o corpo de branco e vestem-lhe o saial.

Nunca deixará de andar pintado de branco, nem de trazer vestido o saial, desde que no dia seguinte acorda n'este estado, emquanto fôr alumno do feitico.

Se a creança não estava ainda circumscisada, acresce a todas as ceremonias da iniciação mais essa.

A pintura branca faz-se em todo o corpo, ficando apenas a carapinha preta, com uma especie de barro que exploram para esse fim; e tem de ser reformada sempre que não está bem viva, e os inquitimbas tem de apparecer diante de gente, mas se n'estas circumstancias lhe falta o barro, podem tambem cair-se com farinha fina de mandioca, no caso de a terem á mão.

O saial é formado por um arco de pau d'onde pende

uma abundante franja feita das nervuras medias das folhas de palmeira: cobre-lhe o corpo desde a altura das mamillas até ao terço medio das tibias.

O arco é circular, e tem um diametro muito maior do que o maior do thorax: parece-nos até que podia ser enfiado por cima dos hombros. A sua altura cylindrica terá uns cinco a oito centimetros, e a superficie externa do cylindro está toda ornada com desenhos quadrados recortados em diagonal.

A franja insere no arco pelo lado de dentro e de modo que não se vê. Da mesma maneira se não vê como o saial se prende na cinta, notando-se comtudo que está seguro.

Os inqimbas no acto da iniciação tomam nomes que só elles podem usar.

Os principaes d'esses nomes são: Matundo, Malanda, Sacara, Chinguella, Lussalla, Luvungo, Lutete, Mavanvo, Chico, Massunda, Lubella, Mamambondo, Juca, Quaquegicongo, Chiama e Peso.

Desde a iniciação, o inqimba usa um manipanso do formato seguinte:

Sobre um cabo cylindrico de quinze centimetros d'altura estão esculpidas duas figuras humanas ajoelhadas e assentadas sobre os calcanhares, pegadas pelas costas até á altura dos hombros e tendo em cima das cabeças, a unil-as, um parallelepipedo de tres centimetros de altura, a que servem cariatides. A figura que se chama Matundo, o deus masculino, tem na cara o desenho com que os indigenas costumam significar a barba; a outra, Malanda, o deus feminino, tem a cara lisa e seios de mulher. Ambas tem os braços flectidos e assentes sobre o thorax, com as mãos levantadas diante do externo, em posição semelhante á que nós empregamos para rezar.

A altura total do manipanso andar por quarenta centimetros.

No exercicio dos mysterios de Inquimba o ganga emprega tres bocetas d'um feiti conico, com o vertice muito prolongado, servindo de cabo.

Estas bocetas são de pau e palhas muito bem tecidas; e estão cheias de grãos e milongos.

Quando se agitam fazem um sussurro especial.

A mais pequena denomina-se *Xangamo* em fiote, e *Chiofe* em lingua de inquimba, e terá 27 centimetros de cumprimento.

Ha tambem uma especie de sceptro de que o *ganga* se serve no exercicio dos mysterios para impôr a sua auctoridade. Chama-se em inquimba — *cancato*.

Logo em seguida  iniciação aprendem as creanças uma lingua liturgica que são  conhecida dos inquimbas e guardada em segredo com a mencionada pena de morte. E' esta lingua a que se falla no feitiço, quer nos mysterios, quer fra d'elles.

Os deveres dos inquimbas resumem-se: em guardar segredo, sob pena de morte; não se lavar nunca; fugir da comida cosinhada, até da louça; evitar o contacto das mulheres; trabalhar pela instituição, e ter sempre prompto o manipanso dos exorcismos.

Os seus direitos são: ter um nome respeitdo; uma sciencia reconhecida; o poder desfazer todos os feitiços e prender todos os feiticeiros; entrada franca em casa dos principes a toda a hora; na das princezas, e até na da *lamba* — o que para qualquer mortal implica pena de morte (1).

(1) Angola e Congo — por F. A. Pinto.

## NOTA N.º 8

O tratado de 28 de maio de 1891

A Gran-Bretenha concorda em reconhecer como comprehendidos no dominio de Portugal na Africa Oriental, os territorios limitados:

Ao norte por uma linha que, subindo o curso do rio Rovuma, desde a sua foz até ao ponto da confluencia do rio M'Sinje, d'ahi segue na direcção do oeste o paralelo de latitude do ponto de confluencia d'estes dois rios até á margem do Nyassa;

A oeste por uma linha que, partindo do citado limite sobre o lago Nyassa, segue a margem oriental d'este lago na sua direcção sul até ao paralelo 13º, 30' de latitude sul; corre d'ahi na direcção sueste até á margem oriental do lago *Chiuta*, a qual acompanha até ao seu extremo. Segue d'ahi em linha recta até á margem oriental do lago Chilwa ou *Chirua*, pela qual continua até ao seu extremo limite a sul e oriente; d'ahi por uma recta até ao affluente mais oriental do rio *Ruo*, correndo com este affluente e seguindo subsequentemente pela linha media do leito do Ruo até á confluencia d'este com o rio Chire.

Da confluencia do *Ruo* e do *Chire*, a fronteira seguirá a linha central do leito do ultimo d'estes rios, até a um ponto logo abaixo de *Chiuanga*. D'ahi correrá exactamente para oeste até encontrar a linha divisoria das aguas entre o Zambeze e Chire, e seguirá essa linha entre estes rios e depois entre o primeiro rio e o lago Nyassa até encontrar o paralelo 14.º de latitude sul. D'ahi correrá na

direcção de sudoeste até ao ponto em que o paralelo 15.º de latitude sul encontra o rio *Aroangoa*, e seguirá a linha media d'este rio até á sua junccção com o Zambeze.

— Ao sul do Zambeze os territorios comprehendidos na esphera de influencia portugueza são limitados por uma linha que, partindo d'um ponto fronteiro á embocadura do rio *Aroangoa* ou *Loangoa*, vae na direcção sul até ao paralelo 16.º latitude, segue este paralelo até á sua intersecção com o 31.º de longitude leste Greenwich corre para leste direito ao ponto onde o 33.º de longitude leste de Greenwich corta o rio *Mozoe* e segue esse 33.º para o sul até á sua intersecção pelo paralelo 18.º 30' de latitude sul; d'ahi acompanha a crista da vertente oriental do planalto de Manica na sua direcção sul até á linha media do leito principal do *Save*, seguindo por elle até á sua confluencia com o *Lunde*, d'onde corta direito ao extremo nórdeste da fronteira da Republica Sul Africana, continuando pelas fronteiras orientaes d'esta republica e da Swazilandia até ao rio Maputo.

Fica entendido que ao traçar a fronteira ao longo da crista do planalto nenhum territorio a oeste do meridiano de 32.º, 30' de longitude leste de Greenwich será comprehendido na esphera portugueza, e que nenhum territorio a leste do meridiano de 33.º de longitude leste de Greenwich ficará comprehendido na esphera britanica. Esta linha soffrerá comtudo, sendo necessario, a inflexão bastante para que *Mutassa* fique na esphera *britannica* e *Macequecc* na esphera *portugueza*.

— A Gran-Bretenha obriga-se a não pôr obstaculos á extensão da esphera de influencia portugueza ao sul de Lourenço Marques até uma linha que, partindo da conflu-

encia do rio Pongolo com o rio Maputo, segue o paralelo d'este ponto até á costa marítima.

— Fica estabelecido que a linha divisoria occidental, separando a esphera ingleza da esphera de influencia portugueza na Africa Central, subirá o centro do leito do Zambeze superior, partindo das cataractas de Katima até ao ponto em que entra no territorio do reino de Barotse.

— A navegação do Zambeze e do Chire, incluindo todas as suas ramificações e embocaduras, será completamente livre para navios de todas as nacionalidades. O governo portuguez concorda em permittir e facilitar o transitio de pessoas e mercadorias de toda a especie, pelas vias fluviaes do Zambeze, do Chire, do Pungue, do Busio, do Limpopo, do Save, e dos tributarios d'estes, bem como pelos caminhos terrestres que sirvam de meios de communição onde os rios não forem navegaveis.

Fica entendido que haverá liberdade para os subditos e mercadorias de ambas as potencias atravessarem tanto o Zambeze como os districtos marginaes do lado esquerdo do rio, e situados acima da confluencia do Chire, e ainda os districtos marginaes do lado direito do Zambeze situados acima da confluencia do rio Luenha (Ruenga), sem que a essa passagem seja posto qualquer obstaculo, e sem pagamento de direitos de transitio.

Fica outrosim entendido que, nos districtos acima mencionados, cada uma das potencias terá, tanto quanto fôr razoavelmente necessario para o estabelecimento das communições entre territorios que estão sob a sua influencia, o direito de construir estradas, caminhos de ferro, pontes e linhas telegraphicas através dos districtos pertencentes á outra potencia. As duas potencias gosarão n'estas zonas da faculdade de adquirir, em condições rasoaveis, o



terreno necessario para taes fins, sendo-lhes tambem concedidas as demais facilidades indispensaveis ; Portugal terá iguaes direitos nos territorios britannicos das margens do Chire e nos territorios britannicos comprehendidos entre o territorio portuguez e as margens do lago Nyassa. Qualquer caminho de ferro, construido por uma potencia no territorio da outra, ficará sujeito ás leis e regulamentos locais, estabelecidos por accordo entre os dois governos, e no caso de divergencia de opinião, submettidos á arbitragem, conforme fica abaixo indicado.

Facilitar-se-ha egualmente, entre os dois limites acima mencionados, a construcção sobre os rios de caes e desembarcadouros com destino ao commercio ou navegacção.

— No interesse de uma e outra potencia, Portugal concorda em permittir a completa liberdade de passagem entre a esphera de influencia britannica e a bahia de Pungue, para mercadorias de toda a especie, e em proporcionar as indispensaveis facilidades para melhorar os meios de communicacção.

---

#### NOTA N.º 9

##### Noticia historica sobre Moçambique

Moçambique, provincia portugueza situada na vertente E. do continente africano, entre 10°41' e 26°30' Lat. S. Occupa cerca de 2:000 kilometros de extensão na costa e 860 na sua maior largura, calculando-se aproximadamente a superficie em 1.284:000 kilometros quadrados. E' limitada ao N. pelo estado de Zanzibar, a E. pelo Oceano In-

dico, ao S. pela colonia ingleza do Natal, sendo a O. pouco definidos em alguns pontos os seus limites, visto como a occupação se não tem prolongado para o interior, embora se nos não conteste o direito de estender para este lado o nosso dominio.

Tambem ao N. se não podem considerar perfeitamente determinados os limites, havendo surgido duvidas, embora improcedentes, quanto ao nosso direito á bahia de Tungue.

Esta bahia, formada ao N. pelo Cabo Delgado, e ao S. pela ponta de Tungue, tem duas entradas, porque se levanta no meio da sua embocadura a ilha de Ticoma. No tratado de commercio celebrado em 1880 entre Portugal e Zanzibar, e que está sujeito actualmente (1882) á approvação do parlamento, não se conseguiu ainda deixar resolvida esta importante questão.

E' pouco conhecida a orographia de tão vasta provincia, principalmente para o interior d'ella. Conhecem-se apenas algumas serras e montes isolados, taes como Milange, Manazembo, Perane, Macanga, e serras Chomaro, Morumbala no districto de Quelimane; serras Caroeira, em cujas abas está edificada a villa de Tete, Lupata, Vungu, Camoenga, Mixonga, monte Churi-Churi, no districto de Tete; serras Quenia e Chibala, ao N. do rio Cafué; serras Buila, Cangelle e Caniele, entre este rio e o Zambeze; serras Chenamba e Quai, ao S. d'esta; serra Fura, nas terras de Changamira; serras Madumumbela, Matopo e Dunanzele, nos Matebeles, a O. do districto de Sofala; serra Chitevatanga, ao N. d'este districto; serras de Chicundo e Maloios, a O. do districto de Inhambane; e finalmente os montes Libombo, ao O. do districto de Lourenço Marques.

O seu systema hydrographico é mais conhecido, princi-

palmente na parte central da provincia. A principal bacia hydrographica é a do Zambeze, cujo curso tem sido estudado e explorado pelos viajantes portuguezes e estrangeiros, e que abrange uma superficie extensissima.

Os outros rios mais importantes são o Limpopo ou Bembe, Save, Caracamona, Quintangonha, Angoche, Cavone, Manhica, Maputo, e finalmente o rio do Espirito Santo que é o estuario dos tres rios Matola, Lourenço Marques e Tembe.

Os pontos mais notaveis do litoral são Cabo Delgado, no extremo N. dos dominios portuguezes; Cabo de S. Sebastião, no limite dos districtos de Sofala e Inhambane; bahia do Pemba, com bom ancoradouro; de Conducia, de Fernão Velloso, de Sangage, de Mifusse, de Inhamhane, a magnifica bahia de Lourenço Marques ou da Lagoa, porto de Sofala e enseada de Angoche. Na magnifica bahia de Moçambo, ao S. de Moçambique, estabeleceu-se ali ultimamente um posto aduaneiro.

A pequena distancia da costa encontram-se ao N. o archipelago de Querimba ou Cabo Delgado, depois a ilha de Moçambique separada do continente por um canal de 5 kilometros de largura que forma o melhor porto da provincia. Archipelago de Angoche; fronteira a Sofala a ilha Chiloane; archipelago de Basaruto; e na bahia de Lourenço Marques as ilhas de Inhaca ou Uahaca, Elephantes, Beguelene, Chefina Grande e Chefina Pequena.

Os portos da provincia abertos ao commercio estrangeiro são Ibo, Moçambique, Angoche, Quelimane, Inhambane, Lourenço Marques e Sofala.

O clima de Moçambique é muito quente, em alguns pontos insalubre e fatal aos europeus, sobretudo nas proximidades dos rios e das aguas estagnadas. No entanto ha

muitos logares relativamente saudaveis, em que bastariam algumas obras de saneamento para que se tornassem completamente salubres. E isto se tem obtido já nos ultimos annos, em varios pontos, especialmente em Lourenço Marques, onde a extincção de um pantano concorreu desde logo para melhorar consideravelmente as condições de salubridade d'esta localidade.

Ha na provincia duas estações: a das chuvas e a secca; aquella de dezembro até março, a mais doentia, principalmente depois das chuvas; esta, a mais salubre, sobretudo nos mezes de setembro, outubro e novembro.

A provincia é de uma fertilidade prodigiosa. As suas producções mais importantes são trigo, milho, feijão, mandioca, pimenta, anil, gergelim, café, algodão, arroz, berracha, ginguba, gomma copal, gomma elastica, tabaco, canna saccharina, urzella, grande quantidade de cera, salsa parrilha e cebo vegetal ou mafurra como lhe chamam em Inhambane. Regiões ha em que o café nasce até sem cultura, e em que o algodão e a cana saccharina crescem espontaneamente. A Zambezia é de uma riqueza verdadeiramente extraordinaria. Cobrem-n'a extensas e magnificas florestas de preciosas madeiras de construcção e marcenaria, tornando-se muito especialmente notaveis o cedro, o páu ferro e ebano. Sofala e Inhambane produzem o melhor arroz da provincia. Ultimamente explora-se a plantação da papoula para o fabrico do opio, com bons resultados.

Para se fazer uma idéa aproximada da riqueza natural da provincia accrescente-se ainda a abundancia de marfim de superior qualidade produzida pela caça dos elephantes, a abada e os dentes do cavallo marinho, as perolas e aljofares, o ambar de Sofala, a pesca dos cauris,

---

e o bicho do mar ou macaxoxo que podia constituir um ramo importante de commercio.

A fauna é rica. No interior abundam os elephantes, os rhinocerontes e os hyppopotamos, posto que de anno para anno vão consideravelmente diminuindo, em consequencia da caça incessante que se lhes faz. Encontram-se tambem antilopes, bufalos, leões e leopardos.

Existem na provincia em muito pequena quantidade e quasi só no litoral os cavalllos, bois e outras especies de gado. Para o interior não se encontram senão raros, porque a mosca chamada tsé-tsé os destroe. Esta mosca é um obstaculo importante á creação do gado, é certo porém que ella parece desaparecer quando não tem para se alimentar o sangue de certos animaes selvagens, e naturalmente logo que a civilisação caminhe para o interior afastará tambem o terrivel insecto.

O reino mineral é riquissimo. O territorio de Sofala e as regiões vastissimas do interior possuem extensas alluviões auríferas, cuja exploração não tem permittido até hoje a falta de capitaes, de communicacões e de segurança. E, ainda na Zambezia onde existem as principaes minas de ouro e de prata, apontando-se as das margens do rio Mature, de Mixonga, Abutua, Sanhate e Maxinga. As minas de cobre e de ferro existem principalmente nos territorios de Sofala, Quiteve, Quissanga, Manica, Sena e Tete. Foram outr'ora muito celebradas as minas de prata de Chicova. Na Zambezia verificou-se a existencia de depositos de carvão de pedra que já foi analysado em Lisboa e classificado de boa qualidade, mas a sua exploração não é por emquanto remuneradora, principalmente pela falta de communicacão facil com o litoral.

Nas montanhas do Libombo, e na região tanto a E. d'estas montanhas, no territorio portuguez, como a O., no territorio do Transwaal, tudo leva a crer, que os jazigos de carvão tem uma extensão incalculavel. A pequena distancia que as separa da costa, que ainda menos importante se tornará construindo o caminho de ferro de Lourenço Marques, permittirá que o carvão possa chegar ao litoral por um preço diminuto, tornando aquelle porto a estação principal de abastecimento de carvão para os navios que percorrerem os mares orientaes.

A provincia, e principalmente a abençoada região da Zambezia, encerra pois preciosidades inestimaveis. Ha ali abundancia de tudo para acudir ás necessidades dos habitantes do seu vasto territorio, sobrando ainda muito para exportar. O solo bem explorado faria d'ella o mais rico florão da corôa portugueza.

A verdade é, porém, que poucos, de tão valiosos elementos, se acham aproveitados. Apenas se cultivava em quasi toda a provincia o milho grosso, o milho fino, a mexueira, diversas especies de feijão e outros legumes, a mandioca, o amendoim, e o gergelim. Mas não se encontra em parte alguma propriedades ruraes propriamente ditas, com os elementos de cultura e de trabalho que mais ou menos é facil encontrar em outras colonias nossas. Nos prazos da Zambezia é ainda onde a cultura tem attingido mais algum aperfeiçoamento. Nos outros districtos e apenas no litoral se colhe o cajú e o côco. As sementes aboos, objecto hoje de larga exportação, são cultivadas no interior pelos indigenas.

E comtudo bastariam algumas das muitas culturas indicadas para que o solo é admiravelmente disposto, bastaria a exploração de algumas das riquezas mineraes que cita-

mos, para que a provincia attingisse um grau de prosperidade consideravel.

O café nasce em varios pontos sem cultura, e bem tratado podia concorrer nos mercados com os de melhor qualidade, o tabaco, a cochonilha e o anil crescem como nas regiões que melhor os produzem actualmente.

Seria facilima a cultura e o aproveitamento da canna de assucar, e comtudo apenas uma ou outra moenda se encontra na provincia.

Muitas d'estas produções tem dado em diferentes epochas logar a emprezas, quasi todas de ephemera duração. Houve fabricas de anil em Sena, de telha em Quelimane, de tecidos em Moçambique; crearam-se emprezas para a pesca da baleia, para a caça do elephante, e para outras explorações, mas tudo definhou em pouco tempo, contribuindo para os desastrosos fins de muitas d'estas emprezas a falta de organização adequada, o mau systema de colonisação, a ausencia quasi completa de melhoramentos indispensaveis para facilitar as communicações, e dar segurança aos capitaes e á industria, o trafico da escravatura, a instituição dos prazos da corôa e muitas outras cousas que não é para este logar analysar detidamente.

O atraso da agricultura póde em grande parte attribuir-se á errada constituição da propriedade, determinada em grande parte da provincia pela instituição dos prazos da corôa. Em resultado d'esta instituição eram dados em tres vidas a um individuo vastissimos terrenos. O numero d'estes prazos subia a mais de 100, e alguns, como os de Borror, Marral, Mahindo, Massangano, chegaram a ter de 100 a 500 kilometros de comprimento sobre 50 a 150 de largura. D'esta forma o territorio estava dividido por um pequeno numero de familias, e alguns d'esses prazos estão

ainda hoje nas mãos de um unico individuo que exerce dominio não só sobre a terra, mas tambem sobre aquelles que n'ella habitam. Os prazos abandonados ou permanecem desertos ou teem sido invadidos pelos vatuas ou landins. Pela sua instituição, cada um d'elles devia ser disfructado por uma só familia, dado a cada individuo do sexo feminino descendente de portuguez europeu, sendo excluido da successão o varão pela femea; só podia ter dominio util o residente n'elle; a grandeza do praso não devia exceder certa extensão, mas com o correr dos tempos estas clausulas deixaram de ser observadas. Alterou-se a grandeza marcada para os prazos, o mesmo emphyteuta accumulou diversos prazos, os seus possuidores deixaram de residir n'elles, descuroou-se a cultura, extorquiuse ao colono o fructo do seu trabalho, obrigando-o o emphyteuta ou os seus agentes a vender os productos das suas proprias culturas por preços taxados pelos senhores dos prazos. Em 1838 um decreto prohibiu novas concessões de prazos da corôa, e em 1854 outro decreto aboliu a instituição em todos os territorios da provincia de Moçambique. Os terrenos deviam reverter para a corôa como allodiaes, e os colonos livres ficarem sujeitos unicamente á legislação geral. O decreto de 1854 nunca se cumpriu, e só ultimamente, em 1881, o governo da metropole voltou a empregar os meios que julgou conducentes a realisar a extincção dos prazos. Com este estado de cousas, tem sido atrophada a liberdade dos colonos, tem perdido a fazenda publica, e tem-se sustentado, a despeito da lei, uma instituição que mantém um perigoso e injustificavel feudalismo.

Nem ao menos em favor d'este systema se podia allegar que produzisse receita para a provincia. O rendimento



foi sempre insignificante e só ultimamente cresceu um pouco, por causa da arremataçãu de alguns prazos no districto de Quelimane, por preço elevado. Em 1880-1881, as rendas dos prazos de Quelimane subiram a 23:332\$375, de Tete 823\$595, de Sena 2:302\$550, o que dá um total de 26:458\$520 réis. No anno anterior as rendas tinham sido de 13:011\$320 réis.

Tambem não tem a provincia uma industria propria ; constituem apenas pequenas industrias o fabrico de embarcações, a preparação do jambaláo (summo fermentado do caju), o fabrico de oleos de amendoim, gergelim e côco, e o fabrico de esteiras, saccos, e objectos de palha. A pesca das perolas podia constituir uma grande industria, mas está por explorar. As artes e officios exercidos por libertos são quasi exclusivamente os de pedreiro e carpinteiro; os calafates em geral são mouros; os ourives, alfaiates e ferreiros, são baneanes. Dos degredados que não estão no serviço militar poucos tem profissão.

Ultimamente parece querer acordar-se de um somno de tantos annos, por quando está organizada expressamente para explorar a Zambezia uma companhia, que já concluiu estudos valiosos acerca d'esta região, mandando ali para esse fim uma missão especial, dirigida por Paiva de Andrade, entusiasta pela prosperidade d'aquella região, e empreendedor ousado, a quem não aterram as difficuldades nem os perigos da vasta obra que iniciou.

Também nos ultimos annos se tem realisado, principalmente em obras publicas, importantes melhoramentos na provincia.

Em 1876 partiu de Portugal uma das mais completas expedições no seu genero que tem saido da metropole. A expedição, além de fornecida de todos os instrumentos

necessarios para os trabalhos de campo e de gabinete, levou um pessoal relativamente numeroso e habilitado, 30 carpinteiros e pedreiros, 10 ferreiros e serralheiros, 30 operarios militares, afóra o pessoal superior, engenheiros chefes, conductores, desenhadores e apontadores. Prestou esta expedição relevantes serviços á provincia, nos estudos, construcção e conservação de estradas, pontes, telegraphos, obras de rios, canaes, pharoes, dessecamento de pantanos, irrigações, construcções, reparação e conservação de edificios publicos e fortificações. Estudou o director d'esta expedição, o major Joaquim José Machado, o caminho de ferro de Lourenço Marques a Pretoria, mas á sua construcção, de que novamente se trata actualmente, obstaram os acontecimentos do Transwaal.

O commercio de Moçambique tem passado por oscillações, conforme as differentes causas que tem influido na facilidade das transacções; comtudo, não obstante os obstaculos que geralmente o tem contrariado, póde dizer-se que tem mantido um constante accrescimento.

O commercio interior está nas mãos dos banianes e batiás que são os donos de quasi todas as lojas e armazens de vendas nas localidades mais importantes da provincia.

O commercio externo é em grande parte realisado pelas casas commerciaes Regis Aimé e Fabre & Fils, que mantêm um grande numero de navios navegando constantemente entre Moçambique e Marselha.

Analysando o movimento commercial da provincia, vê-se que o movimento de importação, que era ainda em 1845 de 478:403\$134 réis, subia em em 1869 a 900:226\$680 em 1871 a 955:220\$439, em 1873 a 1.171:672\$159, em 1874 a 1.046:157\$279, em 1876 a 1.065:542\$762, em

1778 a 1.100:107\$112, em 1879 a 1.252:242\$827 e em 1880 a 1.901:539\$964.

A exportação que em 1845 era de 450:173\$428 réis, subia em 1869 a 720:572\$075, em 1871 a 721:182\$871, em 1873 a 725:488\$553, em 1874 a 784:075\$220, em 1876 a 960:528\$732, em 1878 a 908:559\$418, em 1879 a 930:853\$601 e em 1880 a 1.440:638\$399.

Relativamente ao anno de 1874 os generos que mais avultaram na exportação foram: amendoim 101:914\$000 réis, couros e pelles 113:666\$000, marfim 249:312\$000, gergelim 62:156\$000, cauril 31:319\$000, cera 24:690\$000, borracha 28:321\$000, urzella 11:538\$000.

Na importação avultam tecidos de algodão 438:456\$000 réis, armas de fogo 77:426\$000, aguardente e cognac 39:887\$000, missanga e coral falso 24:775\$000 e polvora 20:225\$000.

Actualmente, com pequenas differenças, a relação entre os valores dos productos importados e exportados, é o mesmo.

Relativamente ás nações com as quaes as transacções commerciaes se effectuaram, ainda no anno de 1874, a estatistica mostra que a importação foi no valor de réis 235:607\$000 de Bombaim, 170:134\$000 de Marselha e portos de Inglaterra, e 58:627\$000 de Zanzibar, ao passo que foi só de 28:375\$000 de Lisboa.

Entraram nos diversos portos 201 navios de longo curso, incluindo 33 vapores com a arqueação total de 18:658 toneladas, e 210 embarcações de cabotagem, incluindo 11 vapores.

Examinando os mappas relativos ao anno de 1880 vemos que a importação em navios nacionaes foi a seguinte, com relação ás differentes alfandegas: Ibo 5:413\$100, Mo

cambique 87:300\$092, Quelimane 38:073\$694, Sofala 12:710\$250, Inhambane 10:595\$950, Lourenço Marques 13:206\$920; total 167:300\$006.

A exportação em navios nacionaes: Ibo 7:876\$450, Moçambique 753:437\$811, Quelimane 289\$700, Lourenço Marques 11:757\$640; total 779:381\$601 réis.

A importação em navios estrangeiros no mesmo anno foi o seguinte: Ibo 65:994\$355, Moçambique 985:228\$987, Quelimane 350:703\$349, Inhambane 133:584\$166, Lourenço Marques 198:729\$116; total 1.734:239\$958 réis.

A exportação em navios estrangeiros foi: Ibo 49:201\$243, Quelimane 397:473\$559, Inhambane 214:581\$996; total 661:256\$798 réis.

Com o progressivo, embora lento, desenvolvimento commercial da provincia, os seus rendimentos tem crescido igualmente, pois sendo em 1850-1851 no valor de réis 78:405\$541, foram no anno de 1879-1880 no de réis 244:091\$000, total relativamente pequeno comparado com a grandeza territorial e riqueza da provincia. As receitas da provincia de Moçambique são avaliadas no orçamento para o anno de 1882-1883 do modo seguinte: decima predial 4:500\$000, industrial 8:000\$000, direitos de mercê 1:000\$000, sêllo 5:000\$000, multas 750\$000, contribuição de registo 3:000\$000, emolumentos sanitários 270\$000, o que dá para os impostos directos 22:520\$000; impostos indirectos 200:000\$000, foros 250\$000, laudemios 150\$000, e 20:000\$000 de rendimento dos antigos prazos da corôa, medicamentos vendidos ao publico 3:000\$000, correio 2:500\$000; imprensa nacional 400\$000, receita eventual 5:000\$000; total 253:820\$000.

Em 1880 decretou-se tambem a contribuição sobre o aluguel das habitações, regulou-se o imposto de tonela-

Em, mas não se pôde ainda calcular qual o resultado que se obterá d'estas fontes de receita.

Divide-se a provincia em oito districtos: Cabo Delgado, capital Ibo; Moçambique, capital Moçambique que é tambem a capital de toda a provincia; Angoche, Quelimane e Tete, com as capitães dos mesmos nomes; Sofala, cuja capital foi ultimamente transferida para a ilha Chilolane; Inhambane e Lourenço Marques, com as capitães dos mesmos nomes. Sena faz parte do districto de Tete.

A provincia tem um governador geral, respectivo secretario geral, e juncta de fazenda; e em todos os districtos, excepto no da capital, a administração está confiada a governadores subalternos. Estes são auxiliados por capitães nóres que julgam as causas (milandos) dos indigenas, e nos dois districtos de Angoche e Cabo Delgado, por cheiks noubros confirmados pelo governador geral. No districto de Moçambique ha um administrador de conselho. A administração municipal, como a de quasi todos os serviços, está ainda em absoluto estado de embryão, sendo a causa principal a falta de elementos para compor as vereações.

Ha uma capitania mór chamada das terras firmes, e no orçamento inscrevem-se differentes verbas para remunerar os serviços de capitão mór, que é militar, e tambem para o capitão mór dos mouros de Apoense, chegire do Quitangonha, dito de Saucul, dito do Cabeceira Pequena.

Com as provincias de Macau e Timor, e India portugueza, fórma o districto judicial ou relação de Gôa, e comprehende as 4 comarcas de Moçambique, Quelimane, Inhambane e Lourenço Marques. Ecclesiasticamente, não fórma verdadeiramente uma diocese. Constitue apenas uma prelazia, estabelecida por bulla do papa Paulo II que tem sido muitas vezes conferida a um bispo *in partibus*, divi-

~~~~~  
dida em 13 parochias: Sé (S. Sebastião), Cabeceira Grande, Mossuril, Ibo, Quelimane, Sena, Tete, Sofala, Inhambane, Lourenço Marques, Angoche e Basaruto, que são geralmente preenchidas por sacerdotes de Gôa.

No principio de 1882 o estado effectivo da força militar da provincia de Moçambique comprehendia 1:580 praças. Esta força achava-se distribuida do seguinte modo: em Moçambique 303, Angoche 74, Ibo 72, Massoril 68, Quelimane 108, Masaro 16, Sena 102, Inhambane 170, Sofala 156, Lourenço Marques 284, Inhaca 18, Catembe 12, e Tete 197. Está dividido por 5 batalhões, o de caçadores n.º 1, no districto de Moçambique, com 515 praças; o n.º 2, no de Quelimane, com 270; o n.º 3, em Inhambane, com 326; o n.º 4, em Lourenço Marques com 272; e o n.º 5, em Tete, com 197.

Na provincia ha a praça de S. Sebastião em Moçambique, os fortes de S. Lourenço e de Mossuril, e a fortaleza de Ibo.

A provincia tem um arsenal na capital, regularmente organizado e em que se tem feito modernamente alguns melhoramentos importantes. O serviço dos corpos está confiado a um capitão de portos interino, havendo patrões em Quelimane, Inhambane, Lourenço Marques, Sofala e Cabo Delgado.

Para serviço proprio da provincia ha actualmente apenas um pequeno vapor destinado á navegação do Zambeze. O serviço de obras publicas está confiado a um engenheiro, 12 conductores e 1 desenhador.

A instrucção publica está n'um atraso deploravel. Ha na capital uma escola principal, que poucos resultados tem dado, e no resto da provincia apenas 10 escolas d'instrucção primaria, nem todas sempre providas e escassamente

trequentadas. Na capital creou-se ultimamente uma escola de artes e officios, que póde, convenientemente dirigida e aproveitada, ser de uteis resultades praticos.

O serviço de saude está confiado a um chefe, com 5 facultativos de 1.<sup>a</sup> classe, 6 de 2.<sup>a</sup> e 6 pharmaceuticos. Ha uma companhia de saude composta de 39 praças. Tem a provincia um hospital em Moçambique e enfermarias nos differentes districtos, mas este serviço, que aliáz é muito importante no ultramar, está longe de corresponder ainda ao que era indispensavel.

A provincia manda 2 deputados ás cortes.

E' deficientissima a estatistica da população da provincia. Uma de 1849 accusava 26:215 habitantes livres, e 42:196 escravos, ao todo. 68:411, em cujo numero estavam incluidos 2:000 brancos, dos quaes poucos eram europeus.

E' facil porém de vêr quanto é difficil fazer a estatistica em uma area tão consideravel, principalmente se se quizesse comprehender a população indigena de todos os povos que se consideram sujeitos ao nosso dominio.

Os elementos principaes da população de Moçambique são os aborigenes, mouros descendentes dos antigos conquistadores arabes, asiaticos, canarins, batiás, parses, baneanes, que constituem a base da colonia christã.

A costa de Moçambique foi descoberta no anno de 1498, pelo grande Vasco da Gama, quando navegava para a India; embora todo o litoral fosse sempre visitado e mesmo explorado pelas armadas que se dirigiam para o oriente, data apenas de 1505 o principio da colonisação portugueza no territorio da Africa oriental que hoje se chama provincia de Moçambique, e que n'aquella epoca começou com o modesto titulo de capitania de Sofala, por-

que foi n'esse anno que se fundou a fortaleza de Sofala, sendo nomeado primeiro capitão da colonia Pero de Anhaya. Em 1509 Duarte de Mello fundou a fortaleza de Moçambique, e Lourenço Marques estabeleceu em 1544 uma feitoria na Bahia a que deu o nome. Começou tambem n'esta epoca a exploração do Zambeze, dando em resultado o estabelecimento da feitoria que mais tarde se transformou na villa de Quelimane. As edificações da villa de Sena e de Tete, e a occupação de muitos pontos do litoral foram-se verificando successivamente, custando muitas e muitas vezes mal feridos combates. Em consequencia da conquista dos reinos de Monomopatá e Quiteve, e em virtude de doações de vastos territorios, o nosso dominio consolidou-se n'esta parte da Africa, embora o perdessemos n'outra com o desmoronar do nosso vasto imperio colonial.

Em 19 d'abril de 1752 Moçambique foi desligado do governo da India e constituido em governo independente. Era o que restava a Portugal dos seus vastos dominios n'estas paragens que chegaram a estender-se na costa oriental da Africa até á embocadura do mar Vermelho. A posse do Brazil que fizera para ali convergir todas as atenções fez com que Moçambique não servisse para mais nada, durante muito tempo, senão para exportar escravos para a grande colonia americana. E tendo acabado este infame trafico a provincia esteve por muito tempo despresada, sem que de nenhum modo se procurassem aproveitar as suas immensas riquezas naturaes. Ultimamente, porém, tem-se para ali voltado mais as atenções dos governos, e aquella bella colonia tem merecido os cuidados da metropole, como tem excitado a cubiça dos estrangeiros, cubiça que principalmente se tem fixado no rico e importante



districto de Lourenço Marques. As coisas chegaram mesmo a ponto de termos em 1875 de recorrer á decisão arbitral do presidente da republica franceza, porque a Inglaterra disputava a Portugal a posse dos territorios de Maputo e Tembe, na bahia de Lourenço Marques. A decisão foi, como se sabe, a favor dos portuguezes, e reconhecidos e estabelecidos os seus direitos n'aquella região importantissima pela sua posição, e destinada n'um futuro, não talvez muito distante, a ser um emporio do commercio das republicas do interior, uma vez construida a linha ferrea para o Transwaal.

Portugal tem tido tambem muitas vezes de sustentar pelas armas os seus direitos contra as invasões, roubos e extorsões das tribus do interior. Anda ainda na memoria de todos a infelicissima guerra da Zambesia, de 1875, para castigar a insurreição do capitão mór de Massangono, João Vicente da Cruz, o Bonga. Actualmente a provincia está pacificada, mas nem por isso são menos para reear as complicações que podem originar-se de causas semelhantes ás que originaram as guerras e perturbações de outras epochas, senão nos applicarmos com intelligente cuidado a crear ali elementos de força, a desenvolver a producção, e a lançar as bases de um solido progresso e de uma acertada colonisação.

*(Diccionario de Geographia Universal por uma sociedade d'homens de sciencia.)*

*Batuque* — E' uma dança africana uniforme e monotonna, mas que constitue para o indigena o maior dos delectes.

Ao lado d'uma fogueira agitam-se ao som d'uma musica infernal, homens e mulheres, n'um charivari espantoso,

gritando e gesticulando, batendo as palmas, e recitando versos.

Dos grupos sahem alternadamente homens e mulheres que representando mimica erotica e indecente, acabam por dar com o ventre um no outro!

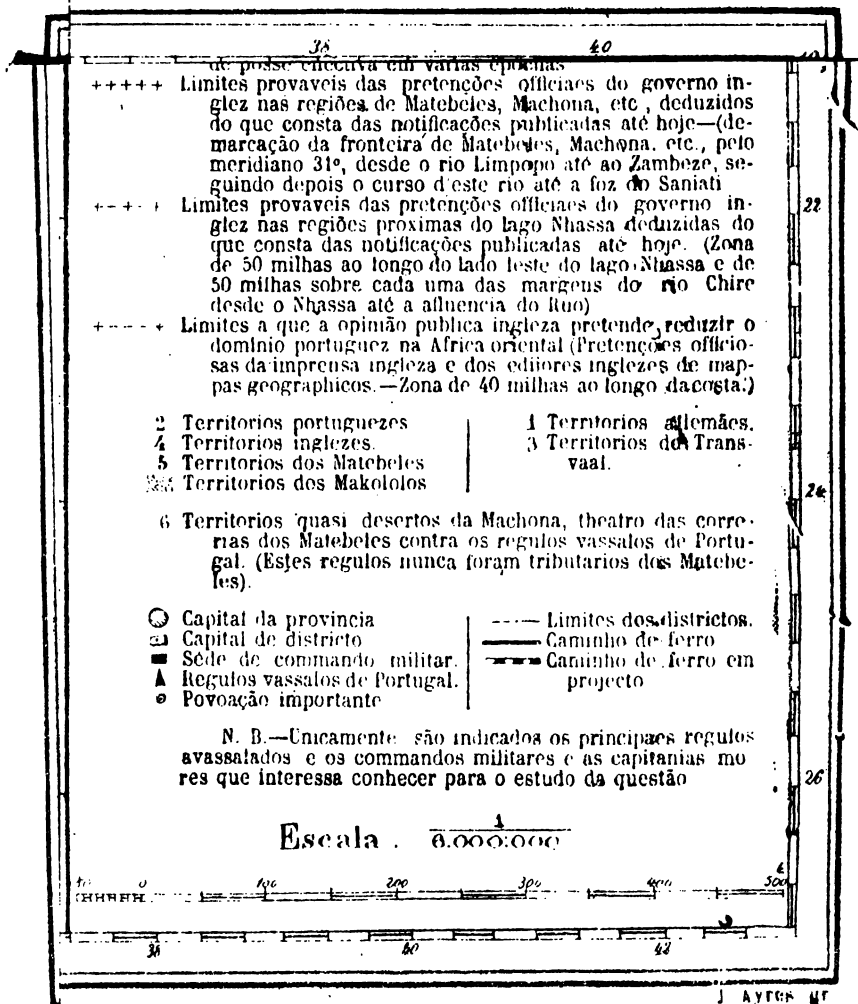
*(Capello, Ivens — De Benguella ás terras de Iacca.)*

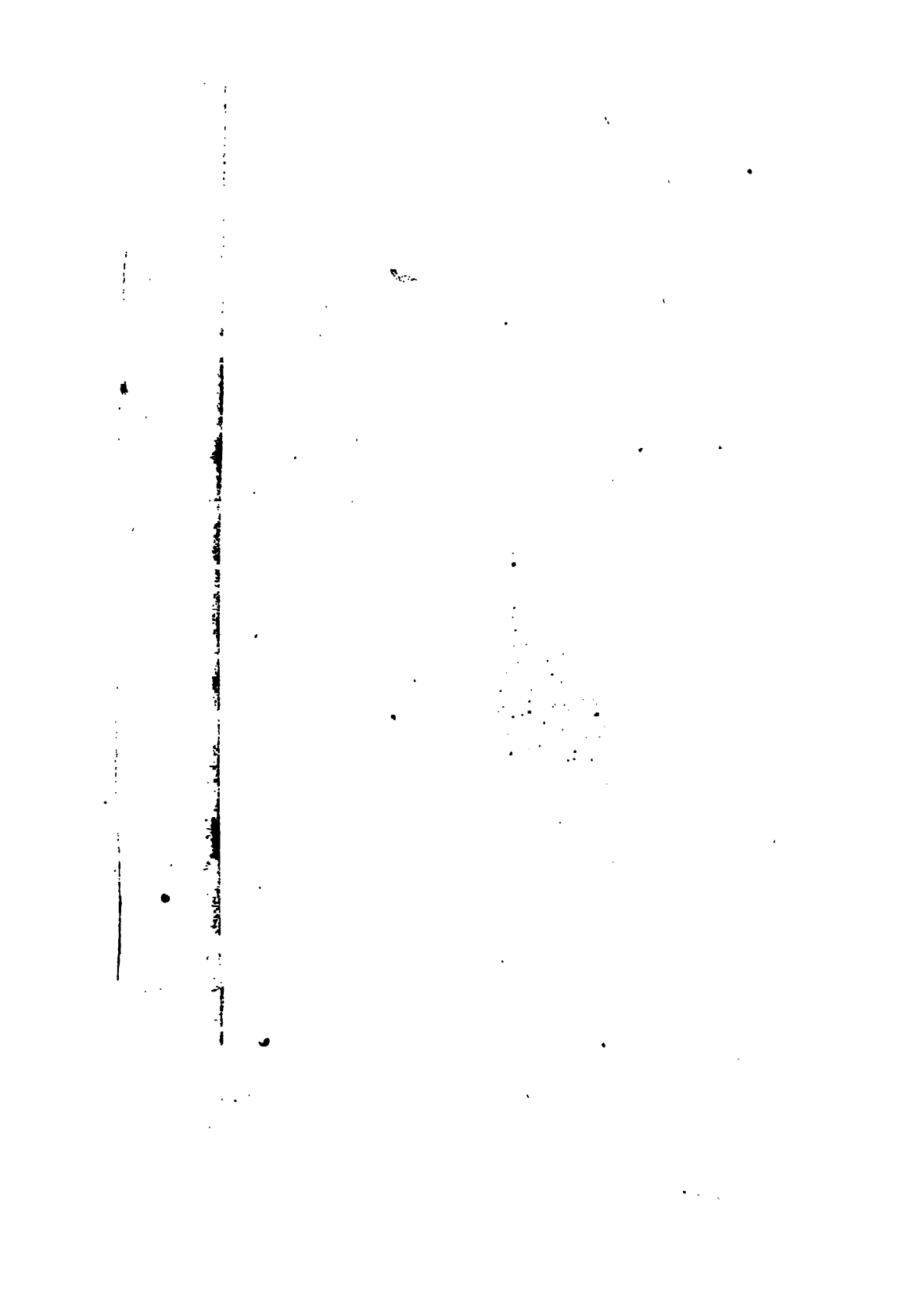
*Kilombo* — reunião de cabanas com um individuo a que chamam *soba*, *sobeta*, *chefe*, e ás vezes *Rei*!

---

# ENTAL

## GLEZES EM AFRICA





---

## INDICE DOS CAPITULOS

---

### PRIMEIRA PARTE

#### MAGELINA, A FILHA DE CONJI

|                                                                      |     |
|----------------------------------------------------------------------|-----|
| I — Em Pretoria.....                                                 | 7   |
| II — Organização da expedição portugueza a Conji no Machona.....     | 17  |
| III — A caminho d'Africa.....                                        | 27  |
| IV — A navegação dos rios Buzio e Revue. De Massi-Kesse ao Save..... | 39  |
| V — Magelina, a filha da rainha de Conji.....                        | 54  |
| VI — O Lo-Bengula, rei dos Matebeles.....                            | 63  |
| VII — Mensagem a Lo-Bengula.....                                     | 74  |
| VIII — Em Gubulavaio e de regresso a Conji.....                      | 86  |
| IX — Do Save pelo paralelo 19.º a Sabágué.....                       | 98  |
| X — A paixão de Magelina.....                                        | 107 |
| XI — Conversão ao Christianismo da rainha de Conji e Machona.....    | 118 |

### SEGUNDA PARTE

#### COLONISAÇÃO Á INGLEZA

|                                   |     |
|-----------------------------------|-----|
| I — De Pretoria a Taiti.....      | 127 |
| II — Colonisação á ingleza.....   | 137 |
| III — Inglezes e Matebeles.....   | 148 |
| IV — A perfidia dos inglezes..... | 162 |
| V — Cercados!.....                | 172 |
| VI — Passagem aos vencidos.....   | 186 |
| VII — Conclusão.....              | 192 |

---

#### Documentos onde assenta a base historica d'este livro

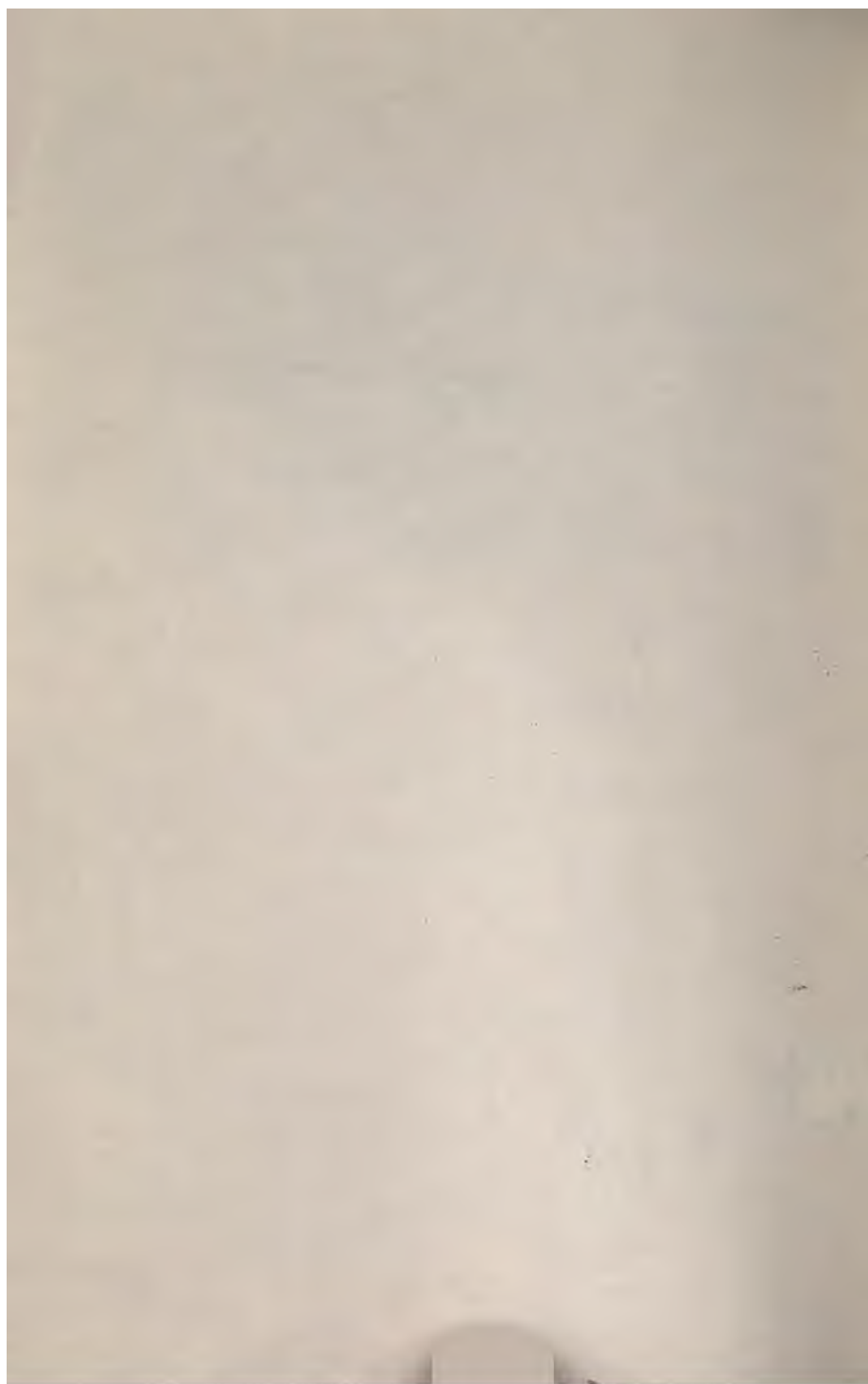
|                                                                                          |     |
|------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Nota n.º 1 — Tratado com o imperador Monomotapá.....                                     | 205 |
| Nota n.º 2 — Doação do Imperio de Quiteve (hoje Manica e Sofala) á corôa portugueza..... | 209 |

|                                                                                                                                       |     |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Nota n.º 3 — Depoimento de Fr. Gaspar de Macedo, mostrando que ha longos annos estamos de posse das minas de Manica .....             | 212 |
| Nota n.º 4 — Carta de Philippe ao vice-rei da India, escripta em 1631 sobre o Monomotapá.....                                         | 218 |
| Nota n.º 5 — Noticias redigidas por Ignacio Caetano Xavier, em 1738, sobre o ouro das margens do Zambeze e do districto de Zumbo..... | 219 |
| Nota n.º 6 — Riquezas minerias dos terrenos, que os Ingleses nos deixaram, depois do tratado. Sena 1762.....                          | 222 |
| Nota n.º 7 — Os inqimbas.....                                                                                                         | 223 |
| Nota n.º 8 — O tratado de 28 de maio de 1891.....                                                                                     | 228 |
| Nota n.º 9 — Noticia historica sobre Moçambique.....                                                                                  | 231 |

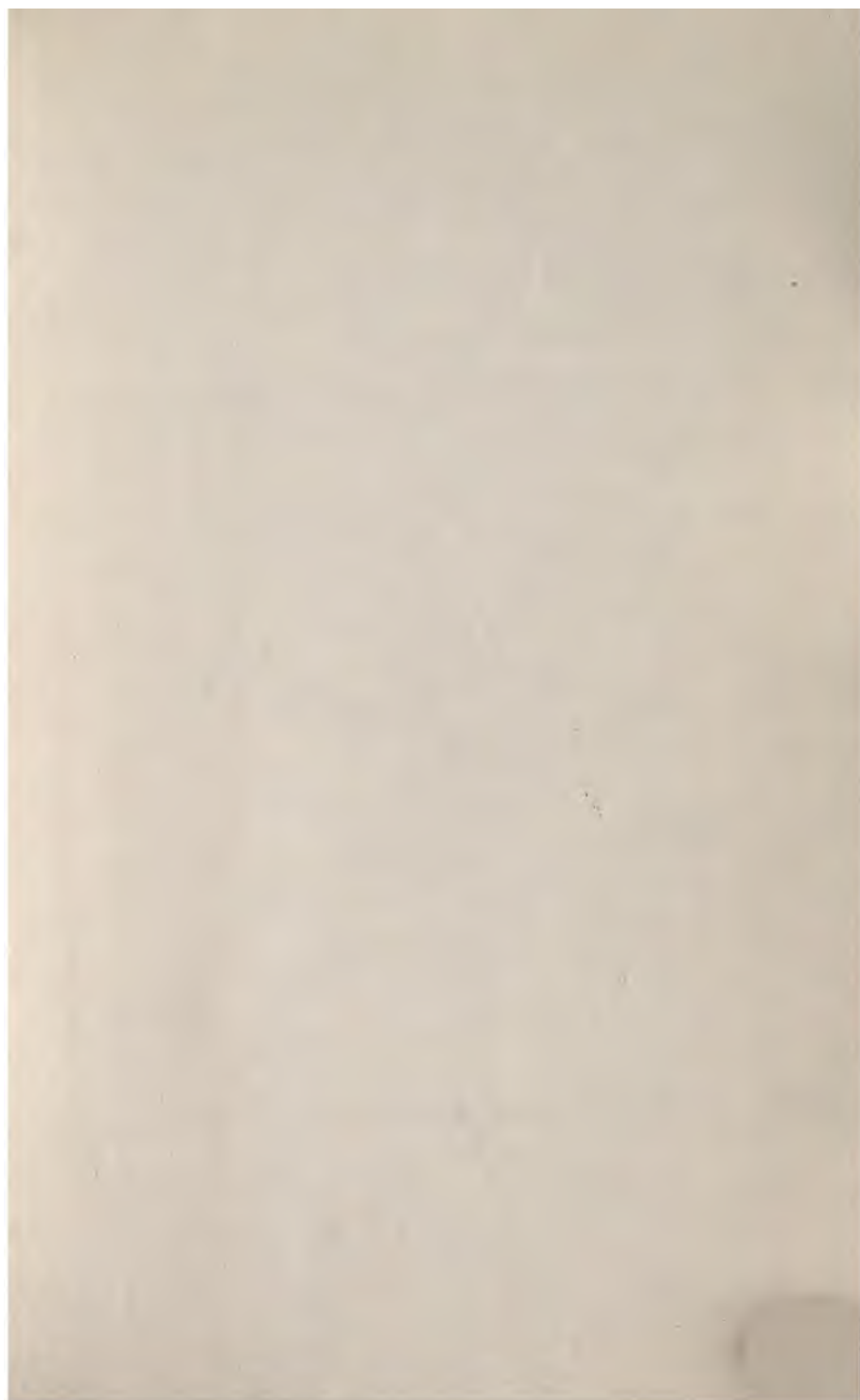
624  
6

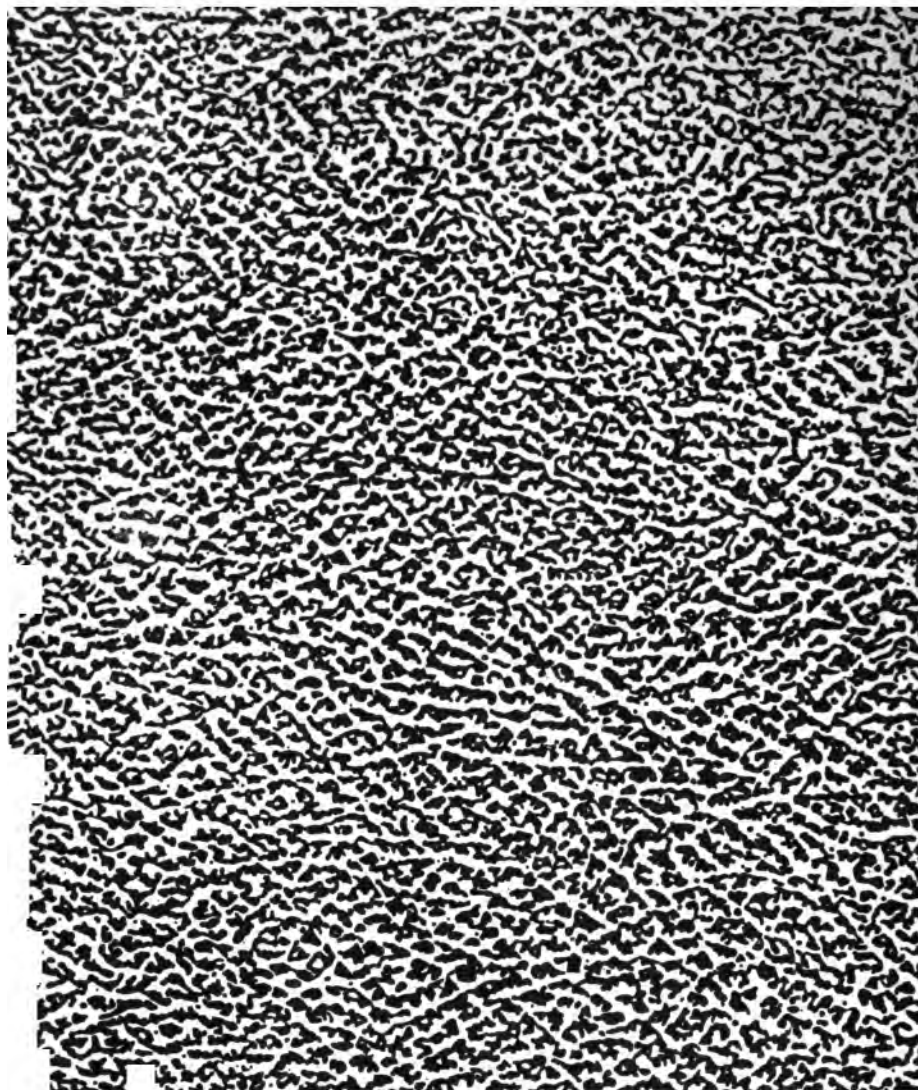
42.6.3.07

1









DT 459 .P47  
Portuguezes e Inglezes em Afri  
Stanford University Libraries



3 6105 041 537 288

DT  
459  
P47

**Stanford University Libraries**  
**Stanford, California**

**Return this book on or before date due.**

---

